Diário de Lisboa

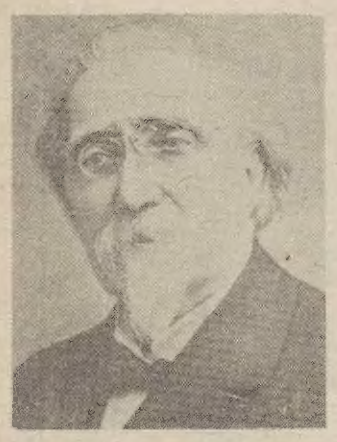
Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º / 19 087 4$00

SÁBADO 26 JUNHO 1976

AMANHÃ ELEGE-SE UM NOVO PRESIDENTE

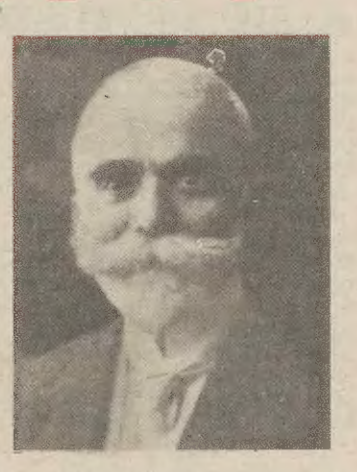
PARA 14º, QUEM?



Manuel de Arriaga



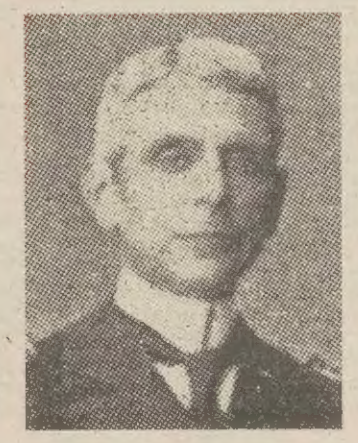
Teófilo Braga



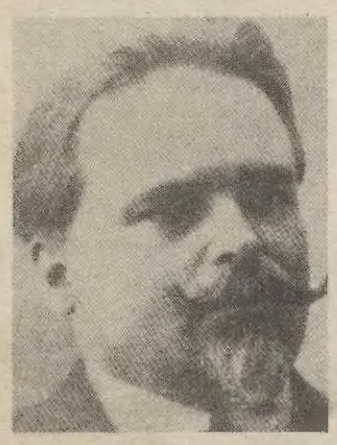
Bernardino Machado



Sidónio Pais



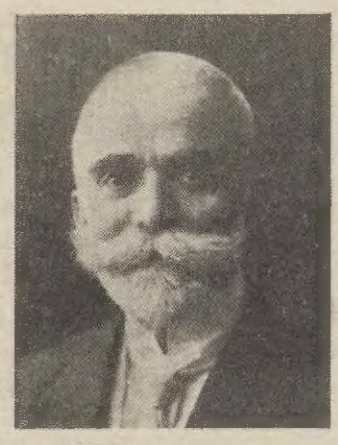
Canto e Castro



Antonio José de Almeida



Teixeira Gomes



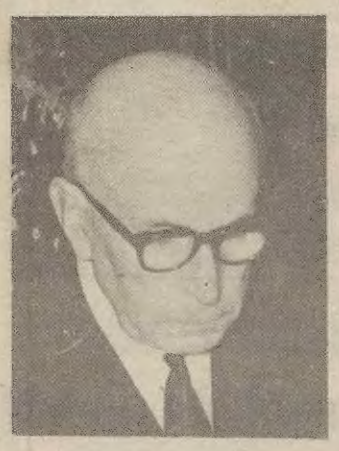
Bernardino Machado (2.º mandato)



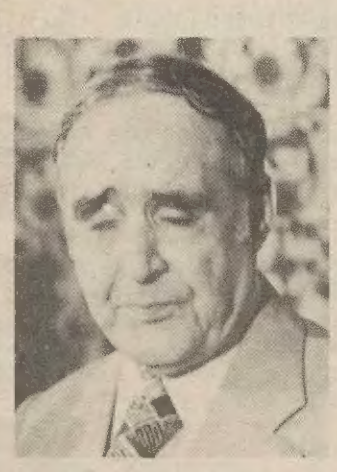
Oscar Carmona



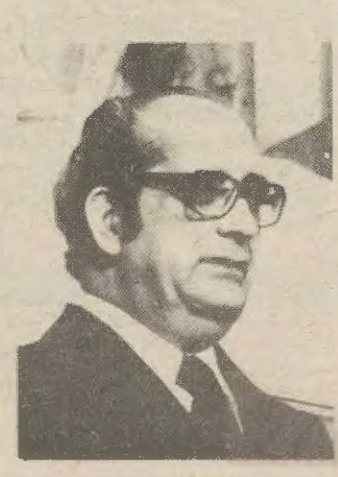
Craveiro Lopes



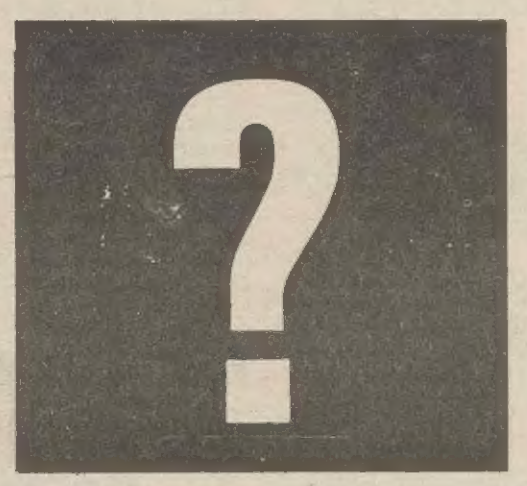
Américo Tomás



António de Spinola



Costa Gomes



Ministro Walter Rosa desmente aumento de gasolina

«O preço da gasolina não será aumentado» — afirmou aos jornalistas o ministro da Indústria e Tecnologia, eng. Walter Rosa, à entrada para o Conselho de Ministros que, sem uma agenda definida, se encontra reunido desde as 10 horas, em S. Bento, sob a presidência do comandante Almeida e Costa.

«Nesta reunião extraordinária do Conselho irão ser debatidos alguns problemas afectos ao Ministério das Finanças», declarou, sem precisar, o ministro Almeida Santos, habitual porta-voz do Conselho. Minutos depois chegava Salgado Zenha que referiu não esperar ver debatidos problemas muito importantes do seu Ministério, dada a sua ausência, nos últimos dias, em Paris, onde assistiu a uma conferência da O.C.D.E. Porém, acrescentou: «Como ao Ministério das Finanças estão sempre a ser solicitadas verbas por outros ministérios, que ele muitas vezes não pode conceder, é natural que a minha intervenção venha a ser solicitada».

No decurso dos trabalhos deverão ser debatidos problemas referentes à austeridade, que, segundo Walter Rosa, incidirão sobre restrições ao consumo da energia eléctrica e da gasolina. «Mas a gasolina não será aumentada», frisou.

Sobre a demora verificada na conclusão das investigações respeitantes à descoberta dos autores do linchamento de Artur Inocêncio, no cemitério da Ajuda, alguns dos quais já teriam sido identificados e até ouvidos pelas autoridades, depois de se terem gabado em voz alta «Fizemos justiça!», conforme referiu há dias o nosso jornal, o ministro Pinheiro Farinha, afirmou com ênfase: «Irei dizer à Polícia Judiciária que intensifique as suas diligências para um apuramento imediato de responsabilidades».

DL VOTAR

Não cabe a este jornal ser voz, ou eco, de indicações de voto. Mas chamados os portugueses às urnas, pela terceira vez desde o «25 de Abril» da libertação, é nosso dever exprimir o nosso próprio voto. É um voto simples, mas é um voto responsável: o de que estas eleições presidenciais venham a constituir não só o fecho da abóbada da construção jurídica de um Estado democrático a caminho do socialismo, como, pela vontade expressa e pelo carácter maciço da votação, mais uma vitória das forças democráticas sobre quantos se apostaram em impor-nos a imagem de um Portugal de menoridade cívica.

O «direito de votar» implica o «dever de votar». A verificar-se uma percentagem de abstenções relativamente significativa, haveria que concluir: ou o desinteresse por este acto de intervenção na vida pública, ou um propósito de afirmação oposicionista. Dificilmente qualquer oposição à institucionalização da vida democrática poderá deixar de ser considerada reaccionária. A crítica de «esquerda» tem outras formas de expressão. Condenamos, portanto, a abstenção. Condenamo-la por puramente negativa. E apelamos para o voto, para o voto livre, sem juntarmos a este apelo qualquer indicação clara ou velada. Votar é defender a Democracia. Votar é, neste momento político, contribuir para evidenciar que, em Portugal, está morto o «fascismo». Enterrar o insepulto e incómodo cadáver — é a tarefa que se segue. Votemos para apressar essa tarefa urgente.

Costa Martins fala ao "D.L." (Centrais)

Tito na conferência comunista europeia

(Pág. 13)

Hoje

sete PONTO sete

DL

ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERS

DL

32 PÁGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO

Nacional

Política de A a Z

UM VOTO REPUBLICANO

No semanário «Independência de Águeda», o republicanissimo Élio Sucena recusa-se a dar o seu voto a candidatos militares e traça um breve, mas convicto, elogio dos portugueses da grei civil que foram alcados à mais alta magistratura do Estado. É uma opinião respeitável. E respeitável também, na saudade republicana de Élio Sucena, que aos piedosos encómios que lhe merecem os venerandos cidadãos que à Primeira República presidiram juntasse o agreste protesto: «em militares não voto». Compreendemos esta posição. Se foram fugazes os consulados de Sidónio Pais e de Canto e Castro, os longos mandatos presidenciais de Óscar Carmona e de Américo de Deus Rodrigues Thomaz, somados ao exercício presidencial de Craveiro Lopes e às efémeras presidências de José Mendes Cabeçadas e de Gomes da Costa, constituem um arrastado quase meio-século de «presidencialismo militar». Sucederam-se como Chefes do Estado generais e almirantes. Bem sabemos que Sidónio não tinha a patente, mas foi, a todos os títulos, um Presidente militar, um general-presidente. «Presidente-Rei» — lhe chamou o Fernando Pessoa. E é a imagem que fica do militar-Presidente. Essa síntese do poder civil e do poder militar, de memória evoca a Monarquia e sacraliza-se numa presença monárquica se o eleito, ou designado, não tiver a capacidade política de reduzir-se ao «estado civil» na vida quotidiana, na função, e, até, no vestuário.

Não basta que, considerando-se suprapartidário, o Presidente da República não seja o homem-de um «partido», a voz de uma corrente, o instrumento de uma facção. É, igualmente, necessário que o Presidente da República não seja o homem da «sociedade castrense», transferido temporariamente em funções de mando, ou de comando, na «sociedade civil». É necessário que seja um cidadão e só um cidadão.

INSTITUCIONALIZAR A DEMOCRACIA

A institucionalização da Democracia passa por uma clarificação política, no reencontro e no diálogo, que permita um equilíbrio político militar e uma integração real das Forças Armadas na nova sociedade portuguesa. Em paz, sem prejuízo das exigências de uma criteriosa política de defesa e de independência nacional, as Forças Armadas deverão ser chamadas a intervir em batalhas, com certeza árduas, mas de natureza muito diferente. Umas cforças Armadas fora da política serão Forças Armadas com uma esclarecida formação política. A separação de direito da «sociedade civil» e da «sociedade castrense», não terá, de facto, razão de ser. Os militares serão, apenas, «cidadãos fardados» quando estiverem na função militar. Serão trabalhadores, especialistas, técnicos mobilizados para a batalha do desenvolvimento do «País novo».

Não serão necessários cálculos subtis — e desucativos — para escolher soluções políticas de estabilidade. O Presidente da República deverá ser um simples cidadão. Um cidadão republicano. E a afirmação da majestade do «poder civil», liminarmente logo se imporá pela pedagógica sanção de Comandante supremo das cforças Armadas que caberá, por dignidade do cargo, ao civil que exercer a Presidência da República.

RECORTE DE UM CONFRONTO

No confronto entre os quatro candidatos à Presidência da República organizado pela RTP, Octávio Pato sublinhou que só ele era civil, que os seus antagonistas — Pinheiro de Azevedo, Ramalho Eanes, Otelo Saraiva de Carvalho eram, os três, militares. Ao que, prontamente, Ramalho Eanes retorquiu que ali, e como candidatos, eram apenas «cidadãos». A resposta é politicamente exacta. Dela deverão ser tiradas as consequências implícitas. A saber: a rigorosa e coerente separação das «qualidades» que no Presidente da República possam, por mera circunstância, coincidir.

DEPOIMENTO DE UM PRESIDENTE CIVIL

Foram Presidentes da República um Manuel de Arriaga, um Teófilo Braga, um Bernardino Machado, um António José de Almeida, um Manuel Teixeira Gomes. Destes homens alguns ficaram na História do movimento de ideias que conduziu à República, outros talharam-se uma presença na História de Portugal. De Manuel Teixeira Gomes diplomata eminente, lúcido político, avulta a grande presença na criação literária deste século. Foi, também, um grande escritor. É o seu depoimento que nos cumpre recordar. Deixou-o nas cartas que escreveu — a epistolografia foi para Teixeira Gomes mais do que uma «maneira literária» uma arma contra o tempo e a distância — do seu exílio voluntário. No «Agosto Azul», a primeira das cartas que endereçou ao seu «querido amigo o poeta João de Barros», tem um título: «Liberdade reencontrada». Ao sair de Belém, o que pensava e sentia Manuel Teixeira Gomes, sintetizava-se na expressão: «Liberdade reencontrada». Recuperava a sua qualidade de homem livre e de escritor.

DEPOIMENTO DE UM PRESIDENTE MILITAR

Ao sair de Belém, o general Craveiro Lopes é promovido a «marechal». A dignidade honorífica não comprou o seu silêncio. Descobriu, então, a liberdade de palavra, timidamente, é certo. Leia-se o prefácio que escreveu para o livro «Portugal, o Ultramar e o Futuro». Do livro, realmente, resta o prefácio assinado pelo Marechal Craveiro Lopes. Fora de Belém compreendera que «não havia um minuto a perder» — depois de alguns anos perdidos — para livremente debater um problema nacional.

Máquina eleitoral a postos para amanhã

- **ESTAÇÕES DE VOTO ABREM ÀS 8 HORAS**
- **F.A. DE PREVENÇÃO A PARTIR DE HOJE**
- **819 JORNALISTAS PRESENTES**

A menos de 24 horas do início do acto eleitoral, tudo se encontra a postos para receber, proteger e divulgar o voto dos cidadãos.

As estações de voto abrirão às oito horas da manhã em todo o País e manter-se-ão em funcionamento permanente até às dezanove horas.

O apuramento dos resultados será feito pelo Centro de Informática do Ministério da Justiça. A fim de contribuir para o controlo dos dados apurados, circuitos paralelos funcionarão no Instituto Nacional de Estatística e nos Serviços Mecanográficos do Exército. Colaborará ainda neste circuito a Direcção da Arma de Transmissões que assegurará o sistema de comunicações entre os governos civis dos vários distritos e os três centros nacionais de apuramento.

Na Fundação Calouste Gulbenkian funcionará uma sala de imprensa onde serão divulgadas as informações para oitocentos e dezanove jornalistas (448 nacionais e 371 estrangeiros) credenciados pelo Ministério da Comunicação Social.

A poucas horas da realização do acto eleitoral, o Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos e Eleitorais (STAPE) do Ministério da Administração Interna publicou um comunicado em que chama a atenção para diversos pontos importantes:

«Assim, apela-se para todos os cidadãos eleitores para a conveniência de darem prioridade na votação aos elementos das Forças Armadas e militarizadas que se apresentem fardados nas filas de espera, com o objectivo de que as medidas de segurança do acto eleitoral, em que muitos deles irão participar, se revelem eficientes. Deve também ser facilitado o exercício do direito de sufrágio aos eleitores bastante idosos, aos doentes, grávidas e, em geral, a deficientes a quem se torne difícil uma permanência demorada nas secções de voto.

A exemplo de anteriores experiências, os Corpos de Bombeiros colaborarão no acto eleitoral transportando aos locais de voto os eleitores que, estando doentes, não podem deslocar-se por si.

Finalmente, solicita-se a compreensão de todos os dirigentes de Serviços Públicos e privados no sentido de, na próxima (segunda-feira), ser dada tolerância na entrada ao serviço a trabalhadores que tenham exercido funções de membros de mesas nas Assembleias ou Secções de Voto».

Enquanto decorrer o acto eleitoral, as Forças Armadas manter-se-ão de prevenção rigorosa. Esta começará a vigorar esta noite.

No Estado-Maior do Exército funciona o Centro Conjunto de Operações (CCO), organismo que está encarregado de coordenar todas as actividades militares e militarizadas que tenham por objectivo garantir a segurança do acto eleitoral e o livre exercício dos direitos consagrados na Constituição.

Deste centro fazem parte delegados da Força Aérea, Marinha, Exército, Guarda Fiscal, GNR e PSP. O CCO, que já funcionou durante as eleições legislativas, manter-se-á em actividade até meados de Julho, na eventualidade de ser necessária uma segunda volta nestas eleições.

Esta eventualidade de uma 2.ª volta — que se verificará se, amanhã, nenhum dos quatro candidatos obtiver mais de metade dos votos validamente expressos — está já a ser preparada pelo STAPE, que manterá a sua máquina activa até segunda-feira, só suspendendo o trabalho caso os resultados finais demonstrem que não será necessária nova votação.

O apuramento dos votos far-se-á em diversas etapas, até à publicação dos resultados gerais definitivos. São as seguintes estas etapas:

dia 27, apuramento parcial da votação;

dia 28, envio das actas, cadernos e mais documentos, respeitantes à eleição, ao presidente da Assembleia de Apuramento Distrital e devolução ao governador civil dos boletins de voto não utilizados ou deteriorados e envio ao juiz da comarca dos boletins de voto usados.

dia 29, apuramento distrital, anúncio, publicação e afixação destes resultados e envio de dois exemplares da acta de apuramento distrital à Assembleia de Apuramento Geral e outro exemplar e restante documentação ao Governo Civil.

dia 5, apuramento geral no Supremo Tribunal de Justiça e proclamação e publicação dos resultados e elaboração da respectiva acta.

Preceitos a observar pelo cidadão eleitor

- **O eleitor tem de se identificar no momento em que exerce o direito de voto**
- **O boletim de voto ser-lhe-á fornecido pelo presidente da mesa**
- **O boletim de voto é preenchido na câmara destinada a esse fim e sem que ninguém possa ver em quem se vota**
- **O eleitor dobra o boletim em quatro e entrega-o ao presidente da mesa, que o introduz na urna**

Os escrutinadores descarregam o voto nos cadernos e rubricam a linha correspondente ao nome do eleitor

- **Caso o eleitor estrague inadvertidamente o boletim, pedirá outro ao presidente da mesa, devendo este escrever no boletim inutilizado a palavra «INUTILIZADO»**
- **Serão nulos os boletins assinalados em mais de um quadrado ou que contenham cortes, desenhos, rasuras ou quaisquer palavras escritas**

Também amanhã

Açores e Madeira elegem Assembleias Regionais

Ao mesmo tempo que o Presidente da República, os eleitorados dos arquipélagos da Madeira e dos Açores vão eleger amanhã os deputados que farão parte das respectivas Assembleias Regionais. Conforme tem sido largamente noticiado, estes órgãos de autonomia insular serão compostos, no arquipélago da Madeira, por 41, e, nos Açores, por 39 representantes. Concorrem às eleições os quatro principais partidos políticos portugueses — o PS, o PPD, o CDS e o PCP — e ainda três organizações de menor representatividade — a UDP, o MES e o MRPP. Somente, porém três dos quatro principais partidos apresentam listas pela totalidade dos círculos: o PCP «falha» em alguns, a UDP concorre apenas no Funchal, o MRPP ao Funchal e em Santa Cruz (Madeira) e o MES não tem concorrentes senão em Angra do Heroísmo (Terceira, Açores).

A campanha, que encerrou também na passagem de ontem para hoje, decorreu sem incidentes assinaláveis, tendo os partidos limitado a sua acção de propaganda praticamente apenas ao preenchimento dos tempos de antena na rádio e na televisão e a algumas sessões de esclarecimento. Os principais partidos concorrentes apresentaram os seus programas de Governo. O PS, na expectativa duma vitória eleitoral, e tal como acontece no continente, propõe-se formar Governo sem alianças. O PPD manifesta-se interessado em formar Governo com o PS. O CDS não tem ainda nenhum designio expresso nesse sentido, aguardando os resultados da votação. Os restantes partidos, principalmente o PCP mas ainda o MES e a UDP experimentaram algumas dificuldades durante a campanha, num ambiente hostil onde ameaças e uma permanente insegurança são uma realidade.

De uma maneira geral, assinalam os observadores locais, a população mostrou-se pouco interessada na acção eleitoral dos partidos. Os resultados das eleições começarão a ser divulgados a partir das 19 horas de domingo.

A.D.F.A. não dá nenhum apoio em especial

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas «não apoia de modo especial, qualquer candidato»; os seus associados, «como é óbvio», são «livres, como outro cidadão, de fazerem as suas opções» — diz um comunicado da A.D.F.A. ontem emitido.

É a propósito de «notícias que podem levar a população a pensar que a Associação apoia este ou aquele candidato» — notícias que o texto refere terem aparecido na Imprensa durante o período da campanha eleitoral. O comunicado dessolidariza a A.D.F.A. em relação a «tomadas de posição de Grupos de Deficientes das Forças Armadas».

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE

post-scriptum

JÁ É TEMPO DE O BOLETIM DAS OBRAS PÚBLICAS PUGNAR PELO PROGRESSO DO PAÍS

Uma vez mais venho chamar a atenção dos trabalhadores do Boletim de Informações de Obras Públicas, com sede em Lisboa, para o facto deste continuar a publicar anúncios, que pelo seu carácter tendencioso, não abonam em nada a favor do seu prestígio. É certo que qualquer órgão da Imprensa escrita publica aquilo que lhe for solicitado e pago pelos seus clientes. No entanto, e segundo o meu ponto de vista, já era tempo do referido boletim utilizar um critério mais adaptado às circunstâncias dos tempos presentes e não viver do passado como parece dar a entender. Está nesta linha, por exemplo, a maneira como se faz um determinado anúncio a uma empresa de construção civil «Materiais Novobra». Com efeito, no passado dia 1 do corrente, esta firma fazia-se anunciar através dos seus perfis prefabricados, dizendo na parte inferior para os interessados, que possuí fábricas em Lisboa, Leiria, Lagoa e Guarda. No entanto, bastaram apenas 6 escassos dias e no número de 8 do corrente, outro anúncio da mesma empresa dizia possuir fábricas em Lisboa, Leiria, Lagoa, Guarda, Moita,... Luanda e Lourenço Marques (?) Não se percebe bem esta dualidade de critérios na publicação dos mesmos anúncios. Qual deles deve merecer mais crédito aos clientes interessados? Ou será mais uma manobra do grande patronato saudosista da exploração colonial? Portugal foi e ainda é um país subdesenvolvido mais por força das multinacionais que ainda por cá teimam na busca da «mão-de-obra» mais barata, colonizando assim o nosso povo. Não se entende, que sendo o nosso País até há bem pouco tempo explorado por terceiros, que se dizem da «social-democracia», vá explorar nas ex-colónias pelo mesmo processo que é explorado no seu próprio território. Que se saiba o M.P.L.A. e a Frelimo nacionalizaram tudo quanto pelo seu valor económico interessava aos seus novos países, estando por certo nesta linha as fábricas da empresa acima referida. Será que a influência da Avenida dos Estados Unidos da América terá exercido qualquer influência na linha da «continuidade» no patronato da Novobra, ou será que estamos perante mais um tendencioso engano do Boletim de Informações? Para finalizar, gostaria de sugerir ao Boletim de Informações que de uma vez para sempre assente bem os «pés em terreno firme», não se deixando influenciar por este ou aquele colonialista a troco de algum dinheiro. Já era tempo deste jornal pensar em termos de recuperação da indústria da construção civil, fomentando a publicação de concursos de interesse público a favor do progresso de Portugal, atrasado por força de uma guerra colonial que esbanjou enormes somas de dinheiro, que hoje tanta falta fez ao seu desenvolvimento. Ao trabalhar assim por certo os seus números poderão ter um interesse ainda maior perante os pequenos e médios empreiteiros. Já é tempo de mobilizar o sector para o arranque na via do progresso, evitando assim que determinadas forças a troco de dinheiro procurem desviar os trabalhadores da construção civil, para construirem um outro país que não é o seu, como agora panfletos distribuídos em Oliveira de Azeméis, Vale de Cambra e S.João da Madeira, procuram fazer. É tempo do Boletim pugnar, pelo lançamento urgente dos investimentos que darão pleno emprego à mão-de-obra que se encontra desempregada.

Eduardo Santos Pereira — Vila Nova de Gaia

QUE SIGNIFICADO TEM O VOTO EM BRANCO?

O que passamos a expor vem a propósito de determinadas refelxões que temos feito à volta daquilo que a lei eleitoral estipula como sendo o voto validamente expresso.

Consoante as explicações que a Comissão Nacional de Eleições tem dado sobre o assunto, parece-nos que, salvo qualquer erro de interpretação, o total de votos válidos/expressos se identifica com a seguinte fórmula: v./válidos/expressos igual ao total de votantes - os votos brancos e os votos nulos.

A primeira conclusão que tiramos corresponde ao facto de as percentagens que os candidatos irão ter não serem exactamente as mesmas que teriam se fossem contados os votos brancos e nulos.

Ora, a Constituição Portuguesa entrada em vigor no dia 25 de Abril de 1976, diz, no Artigo 129.º-1 que será eleito Presidente da República o candidato que obtiver mais de metade dos votos validamente expressos.

Parece-nos que este artigo procura acima de tudo dar significado e realidade à necessidade de o Presidente ser representativo da maioria dos portugueses, perguntamos se a lei eleitoral vai ao encontro desta necessidade ou se pelo contrário, um Presidente eleito nestes termos não será unicamente representativo dos eleitores que votaram explicitamente nos candidatos.

É o voto em branco? Qual o seu significado?

Não será que um eleitor ao depositar na urna um voto em branco, por exemplo, o fará porventura, tão consciente do que qualquer outro eleitor que assinale um candidato com uma cruz?

Acaso não será uma violência da consciência individual obrigar-se qualquer cidadão a votar num candidato quando poderá não concordar com nenhum deles?

Assim, nos termos da lei, o Presidente da República não será representativo das pessoas que votam em branco pelo facto de estas não terem sido consideradas na contabilização das percentagens.

Por último, fazemos um apelo para que outras pessoas se pronunciem sobre o assunto.

Silvério R.G. Monteiro, Manuel Rosa Nunes e António C.Santos — Lisboa

Turismo

A REVOLUÇÃO PORTUGUESA NA CORRIDA ÀS DIVISAS

CHRISTIAN COLOMBANI

Se o turismo raramente está no centro das preocupações dos Estados, nem por isso é menos revelador das suas orientações políticas. Conforme é selectivo ou social, de massa ou diversificado, ele indica claramente as escolhas dos Governos. No Portugal de Salazar as indra-estruturas de luxo estavam concentradas em certas regiões, — principalmente no Algarve. Queria-se então atrair uma clientela endinheirada e de comportamento poucosubversivo. O regime propunha a hotelaria de **standing** elevado que necessita um pessoal numeroso, aproveitando para isso o baixo nível salarial do País.

Depois do 25 de Abril de 1974, muita água correu sob as pontes do Tejo. Mas os equipamentos turísticos do antigo regime mantêm-se e, de um modo ou de outro, é preciso rentabilizá-los. Isso não acontece sem dificuldades. Como feito, como comercializar uma hotelaria de luxo quando os salários aumentaram tanto? O salário mínimo é agora de 6.000 escudos mensais no sector da hotelaria. Como professar ideias de progresso e deixar em actividadé estabelecimentos cujo encanto e cujo êxito vinham, em parte, daquilo que o regime mantinha a respeitável distância dos turistas, os portugueses e os seus problemas?

No entanto, depende em parte da resolução dessas dificuldades, o futuro político do País.

O turismo tornou-se, com efeito, uma das actividades essenciais de Portugal. Ele deu o ano passado de lucro mais de 400 milhões de dólares e faz viver mais de cem mil pessoas. É o sector importador de divisas mais importante depois... do da emigração. Sem o turismo, que desde os anos 60 equilibra a balança dos pagamentos, Portugal conheceria um défice crónico. Desde 25 de Abril que as medidas sociais e a baixa da produtividade agravaram o desequilíbrio económico, e o País, que importa 50 per cento dos produtos alimentares de base, está mais dependente que nunca do turismo.

OS PAÍSES PERTURBADOS

Durante o ano de 1975, houve, segundo as estatísticas da direcção geral do Turismo português, uma média de menos 25 por cento de visitantes. Os turistas espanhóis, ingleses, e americanos abandonaram Portugal. A Imprensa internacional dava uma imagem por vezes muito deformada do País.

Assim, os responsáveis do Turismo querem-se hoje realistas antes de mais. **Em férias as pessoas não têm ideias políticas e desejam evitar antes de mais os países agitados**, explica Manuel Rocha, director de estudos e programas na Direcção-Geral do Turismo. Para ele, a única vantagem évidente do turismo é a entrada de divisas: **De momento só se trata de uma política do imediato**, explica o ministro do Comércio Externo e do Turismo, Jorge Campinos, **depois reorientaremos o sector diversificando-o, mas antes de mais é preciso rentabilizar o que existe e terminar o que está iniciado.**

Na Direcção-Geral está assim tudo em acção para apagar as «más recordações» do ano passado. O «slogan» **A liberdade é contigiosa** foi substituído por **«O outro Portugal»**, mais ambíguo mas também mais tranquilizador. Nos Estados Unidos foi lançado nas escolas um grande concurso para «sensibilizar» as crianças e ensiná-las a amar o país. Onde o ano passado se vendiam cravos e espingardas em cartazes, afixam-se este ano girassóis e raios de sol. O clube Mediterrânico chegou. Já em Abril se registava um aumento de visitantes numa média de 41 por cento em relação ao ano passado, e esperam-se para este ano os números de 1974. Há pois motivos para se ser optimista, apesar dos obstáculos, consequências das modificações sociais ou da descolonização.

A situação da hotelaria não é, com efeito, florescente: um pessoal pletórico, estabelecimentos subocupados, ameaças de greve, fizeram recuar o poder na vespera da estação das férias, mas isso não faz mais do que adiar a necessária reorganização do sector. Foi graças à presença dos «retornados» nos hotéis que se pôde evitar o agravamento do défice do Verão de 1975.

Mas hoje esses retornados de Angola e de Moçambique, instalados e alimentados há meses pelo Estado e que nos hotéis fazem como podem a sua vida de família, pendurados roupa nas janelas das «Quatro Estrelas» e perseguindo as crianças turbulentas nos palaces, não poderão fazer fugir a clientela? **«Os «retornados», deixarão os hotéis antes da chegada dos turistas»**, afirma-se no Governo; de momento continuam lá e contrariam uma política turística. **As gre-**

Continua na pág. 4

Eleições italianas

A D.C. FOI SURPRESA (MAS MANTÊM-SE OS PROBLEMAS)

JUAN MANUEL FRANCIA

ROMA (IPS) — A percentagem obtida no passado dia 20 de Junho pela Democracia Cristã italiana não estava sequer nos cálculos dos seus dirigentes e a surpresa permite já tirar uma primeira lição: a Imprensa, algumas direcções políticas, os observadores nacionais e estrangeiros, os institutos de sondagem e investigadores, «sobrevoaram» a realidade sem auscultar correctamente a temperatura política do país.

O Partido Comunista Italiano (PCI) foi a organização que ganhou em maior escala, com um aumento real de 7,3 por cento em relação às anteriores eleições legislativas e obteve mais 70 mandatos, mas cabe-lhe também o mérito de ter sido o único que se não convenceu de que a DC estava liquidada.

A DC, que se manteve nas mesmas percentagens que em 1972, recuperou todavia o que havia perdido nas eleições regionais de 1975 e apenas perdeu três mandatos na Câmara de Deputados em relação a 72, fez uma campanha anticomunista inteligente e calma que demonstrou ter «penetrado» para 38 por cento dos italianos.

A DC dirigiu-se sobretudo ao eleitorado católico indeciso — não perdeu tempo com os seus fiéis de sempre — a que não explicou as virtudes da DC mas a quem assinalou o perigo representado pelo PCI como o demonstrariam as experiências de países europeus onde governam comunistas. Este tipo de discurso só a DC o poderia fazer.

O último exemplar da revista «Discussão», órgão da DC, contém um editorial que se intitula «Não Podemos Correr Riscos».

Podia pensar-se que o eleitor que não se decidia a votar comunista tinha a opção intermédia de votar no Partido Socialista italiano, mas também aqui se notou a habilidade com que a DC fez pender a seu favor um generalizado temor do comunismo.

No referido editorial democrata-cristão lê-se que «resulta débil e contraditória a linha socialista da alternativa de esquerda, já que o PSI (Partido Socialista Italiano) não está em condições de condicionar o PCI e não pode ter a ilusão de que modificará em seu favor as relações de força entre os partidos marxistas».

O receio do comunismo em termos genéricos, a tendência para se conservar o que se tem e se conhece, a recusa de apostar num futuro incerto, típicos de uma sociedade que até há pouco era camponesa e que ainda mantém esta mentalidade, a fortíssima componente cristã do povo italiano, foram claramente tidos em consideração pelos que imprimiram o tom à campanha do partido católico.

A outra face da sociedade italiana, apesar de compartilhar os referidos traços, é de esquerda, no sentido em que esquerda pode significar melhoria concreta do nível de vida, maior participação nas decisões de tipo empresarial e estatal, menor ingerência do clero através dos vasos comunicantes da DC, reivindicação do orgulho nacional, manchado por escândalos do governo, individualizado na DC, encarnação de todos os males da Itália e, por conseguinte, vota, em maior medida do que nunca, no PCI, quer dizer, no partido que a DC indicou como o seu único inimigo.

A DC recompôs-se neste 20 de Junho e obteve os excelentes e inesperados 38 por cento, mas a polarização que provocou fez em pedaços os pequenos partidos laicos do centro e do centro-direita — social-democracia, republicanos, liberais —, que foram as organizações que nos últimos trinta anos lhe permitiram uma ampla disponibilidade de fórmulas de governo.

Mas agora a DC está praticamente só consigo mesma e perante uma situação que pode engendrar os piores riscos. o risco a que em Itália se chamam «muro contra muro» quer dizer, aqui a DC e, na vereda em frente, com poucos ou pequenos intermediários, o PCI.

Claro que resta o Partido Socialista, apesar de ter perdido 2,4 por cento (obteve 9,6 por cento), que se traduziram em oito deputados a menos, que continua a ser indispensável para qualquer fórmula de governo.

O risco é tremendo porque o fosso que hoje separa a DC e o PCI não é o reflexo de uma fractura equivalente entre as suas respectivas bases de apoio.

A DC, que não atraí votos de esquerda, atrai no entanto votos populares — não se pode acreditar que haja no país 14 milhões e 200 mil cidadãos da franja «antivoto» —, de gente que convive e saúda todos os dias aqueles que dão o seu voto aos comunistas: trazer ao nível da cidadania a trincheira que separa as duas maiores potências políticas italianas, abre as piores perspectivas.

Uns tantos números darão a dimensão do risco que terá de se evitar em Itália, o risco de partir em duas uma sociedade que na sua vida quotidiana não está partida: de acordo com os cálculos disponíveis até agora, 17 139 283 pessoas votaram em partidos de esquerda (PCI, PSI, Democracia Proletária e Partido Radical) e 17 051 293 votaram em partidos do centro e centro-direita (DC, Republicanos, Liberais e Social-Democratas). E há também os 2 milhões e 200 mil votos neofascistas.

Diversos observadores sublinharam que o crescimento do PCI, a recuperação da DC e a descida dos partidos pequenos levavam de facto à política do «muro contra muro», o que teria significado a derrota da proposta comunista do «compromisso histórico, dado que esta requere partidos intermédios relativamente sólidos.

Esta interpretação é razoável. O «compromisso histórico» é agora mais difícil do que era no sábado passado, mas, ao mesmo tempo, a polarização política que se deu no dia 20 põe-no mais do que nunca na ordem do dia, se se quiser evitar a exasperação da crise.

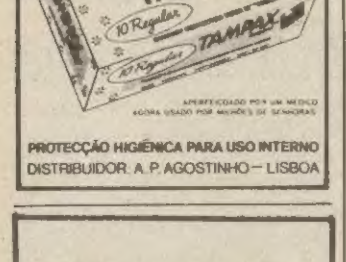


Vencendo o Calor

O que poderá ser mais refrèscante do que balouçar-se sobre a água, acariciada pela brisa? E dar, de vez em quando, um mergulho revigorante?
Mesmo que esteja no período menstrual, não há razão para ficar na praia, esperando enquanto as suas amigas se refrescam. Use a fácil protecção interna Tampax e junte-se a elas.
Os tampões Tampax não só lhe permitem nadar como também a deixam participar em qualquer actividade desportiva, confortável e confiantemente. Quando devidamente colocados, eles expandem-se com suavidade, adaptando-se à sua forma anatómica. Você nem sequer os sentirá. A melhor maneira de vencer o calor é nadar. Garanta diariamente o seu banho, usando tampões Tampax.

NEM CIATOS NEM ALFINETES NEM CHUMAÇOS NEM CHEIRO

A protecção interna em que mais mulheres confiam



PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO
DISTRIBUIDOR: A. P. AGOSTINHO — LISBOA

RIO DE JANEIRO

7.º CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA FÍSICA E REABILITAÇÃO

DE:
1 a 6 de AGOSTO

Duração da viagem: 16 DIAS. Possibilidade de visitar as seguintes cidades: BRASÍLIA — BELO HORIZONTE — SALVADOR (Baía) e RECIFE

PREÇO POR PESSOA: 25.950$00

Inscrições limitadas.

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840

Av. da Liberdade, 160 • Telef.
Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
Rua da Sota, 2 • Telefs. 27001/2
Rua Cons. Elvas, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Nacional

PORTUGAL NA N.A.T.O.

Brigada de Infantaria terá comando português

A Brigada de Infantaria em processo de organização com o apoio da N. A. T. O. (2500 homens) será integralmente formada por militares portugueses e terá militares portugueses como comandante e segundo-comandante — informa a 5.ª Divisão num comunicado ontem emitido. O texto daquele departamento do E.M.G.F.A. destina-se a esclarecer a opinião pública contra referências recentemente postas a circular e segundo as quais os comandos da citada força seriam oficiais norte-americanos.

Ainda segundo a 5.ª Divisão no texto em referência, «esta unidade, que será atribuída, para efeitos de planeamento ao comando aliado da Europa, de facto, estará sob comando efectivo da autoridade nacional portuguesa. Isto significa que só em caso de conflito armado, a nível europeu, a nossa brigada actuaria na dependência de um comando da N.A.T.O., que poderia ser necessariamente assumido por um general americano».

«Para que a brigada se possa tornar operacional, há que manter ligações com o comando da N.A.T.O. competente, para efeitos de preparação e treino, à semelhança do que há muito vem sucedendo em relação a algumas unidades navais e aéreas portuguesas, conforme é do conhecimento geral.»

Embaixador do Zaire entregou credenciais

Entregou ontem as suas credenciais ao Presidente da República Portuguesa o embaixador do Zaire em Lisboa, Matungulu N'Koumantuvun. A cerimónia teve lugar no Palácio de Belém e constituiu a formalização do restabelecimento de relações diplomáticas entre o Zaire e Portugal.

As relações diplomáticas Portugal-Zaire encontravam-se suspensas desde 1964, por parte do Zaire, na sequência duma resolução tomada no âmbito da OUA em sinal de protesto contra a política colonial portuguesa, estava Salazar à frente do Governo de Lisboa.

EMBAIXADOR DA ARGENTINA

O Ministério dos Assuntos Exteriores do Governo da Argentina anunciou em Buenos Aires que o Governo Português concedeu «agreement» à nomeação do nôvo embaixador daquele país em Portugal, Américo Ghioli.

PUB

Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal

MOÇÃO

NADA NEM NINGUÉM DIVIDIRÁ OS TRABALHADORES DA METALURGIA E METALOMECÂNICA.

CONTRA AS MANOBRAS DIVISIONISTAS DO PATRONATO DO RAMO AUTOMÓVEL.

EM FRENTE PELO CONTRATO COLECTIVO VERTICAL NACIONAL.

Delegados Sindicais reunidos em plenário distrital, no dia 23 do corrente, no Barreiro, e trabalhadores da zona de Sines, reunidos naquela localidade, no passado dia 21, com vista a analisar e discutir o anteprojecto do clausulado para substituição da Portaria de 30 de Agosto de 1975, considerando:

1.º Que as Associações patronais do Ramo Automóvel, dando o dito pelo não dito, se têm negado a negociar o C. C. T. da metalúrgica metalomecânica faltando sistematicamente às negociações que têm estado a decorrer;

2.º Que essas Associações patronais que tiveram a ousadia de apresentar uma proposta do C. C. T. apenas para o Ramo Automóvel, que além de divisionista e reaccionária é ilegal pois os salários propostos são muito inferiores aos obrigatórios por força da Portaria de 30 de Agosto/75;

Decidem:

1.º Repudiar como ilegal, divisionista, desonesta, reaccionária e provocatória a proposta apresentada pelas Associações patronais do Ramo Automóvel;

2.º Exigir às Associações patronais do Ramo Automóvel o regresso imediato às negociações do C. C. T. da metalurgia e metalomecânica;

3.º Exigir do Ministério do Trabalho e do Governo a imediata alteração da Lei da Contratação Colectiva que apenas serve os interesses do patronato a quem permite a fuga às negociações e toda a espécie de manobras antioperárias;

4.º Exigir do Ministério do Trabalho e do Governo uma clara e firme posição face ao conflito que opõe o patronato do Ramo Automóvel a todos os trabalhadores da metalurgia e metalomecânica. Caso o Ministério do Trabalho e o Governo continuem como até aqui a não assumir as suas responsabilidades, serão, em conjunto com o patronato, responsáveis pela agudização do conflito laboral de consequências imprevisíveis. Os trabalhadores da metalurgia e metalomecânica nem vergarão face à ofensiva do patronato reaccionário.

UM SÓ CONTRATO!
UMA SÓ LUTA!
CONTRATO COLECTIVO VERTICAL NACIONAL!
A LUTA CONTINUA!
UNIDOS VENCEREMOS!

(Aprovado por unanimidade e aclamação)

Barreiro, em 24 de Junho de 1976

A DIRECÇÃO

A Revolução Portuguesa na corrida às divisas

Continuação da pág. 3

ves nos hotéis, diz ainda Manuel Rocha **não são a melhor maneira de tranquilizar os turistas.** Na direcção-geral querem técnicos eficazes e felicitam-se, por exemplo, com o facto de o turismo comercial estar separado do turismo social que, esse, **não está voltado para o lucro** e depende portanto de outro Ministério.

PARA GANHAR A BATALHA

De resto, na urgência de fazer «entrar divisas» apressam-se a esquecer as experiências do ano passado; essas tentativas de um turismo «diferente», que hoje se condenam por não terem sido imediatamente rentáveis. Nessa altura tinham-se feito contratos com os sindicatos de vários países da Europa para as férias dos trabalhadores. «Turismo e trabalho» retivera trinta mil camas, as associações e os movimentos organizavam viagens turístico-políticas, e a Reforma Agrária era visitada com o mesmo interesse com que se via o museu dos Coches. Ao mesmo tempo os portugueses tentavam a autogestão na hotelaria como nos restaurantes. Os palaces abriam-se ao Povo. Os preços dos quartos eram tão baixos, devido à crise, que se tornaram acessíveis aos próprios portugueses. Queria-se fazer campismo nos campos de Golf.

Hoje quase nada resta dessas esperanças e desses excessos. Mas os portugueses tomaram gosto pelas férias e, graças ao aumento dos salários, o turismo interno aumentou desde 25 de Abril. Assim, para Francisco Pereira de Moura, antigo ministro do Governo de Vasco Gonçalves, as pessoas que costumavam ir para o Algarve deixarão de ir: **Não podem aceitar o que se passou em Portugal,** diz ele. **É preciso reconverter imediatamente o sector. O Turismo de luxo já não tem razão de ser em Portugal.** Para este professor de Economia de aparência modesta, o Turismo não é um maná: ele é uma causa da subida dos preços, dos desequilíbrios regionais, da rápida transformação dos costumes dos habitantes. Censurava-se sobretudo a Pereira de Moura, o ter dito, quando estava no poder: **O Turismo e a prostituição do Povo.** Ideia que, decerto, não compartilham os actuais dirigentes.

Pode, no entanto, causar-nos espanto o facto de um tal debate tantas vezes ser escamoteado neste país onde se quer refazer tudo, e pode perguntar-se o que quer Jorge Campinos dizer quando declara: **Temos de ganhar a batalha do Turismo para ganhármos a Revolução.** Assim, para Teotónio Pereira (MES), a política do Turismo é um bom exemplo de acção do Governo Provisório que **procura integrar-se na pequena Europa capitalista.**

SAIR DAS CALHAS

Poderia sair-se facilmente das calhas desse realismo tão incompreensível para alguns? Poderia haver um autêntico projecto turístico para interesse dos portugueses, dada a geral indiferença em que se mantem o sector em causa? Só os trabalhadores do ramo hoteleiro é que fizeram propostas ao Governo. Propostas essas que não foram aceites. Os ministros que, durante os Governos de Vasco Gonçalves, tomaram iniciativas audaciosas, não tiveram um apoio popular suficiente e passam hoje por idealistas.

Os actuais dirigentes dão a impressão de não se quererem afastar do esquema clássico: turistas entrada de divisas. Mas Portugal, que acaba de sair de uma era de colonização que o deixou subequipado e enfraquecido, deverá, uma vez mais, voltar-se para o exterior a fim de encontrar o seu equilíbrio económico? O realismo pode resolver esse problema. Mas não será bastante inesperado ouvir um antigo subsecretário do Turismo, do tempo de Salazar, dizer a a quem queria ouvi-lo: **Quanto a mim estou muito satisfeito com a actual política do Turismo. A nossa não era diferente.** Não é certo que não tenha havido modificações. O socialismo e o Turismo de luxo podem muito bem dar as mãos, mas, tal como a democratização do Golf, não terão um êxito fácil.

(C) Le Monde

PUB

SHER — Sociedade Hidro-Eléctrica do Revué, SARL

CAPITAL: 250 000 000$00

OBRIGAÇÕES

AMORTIZAÇÕES SORTEADAS EM 21 DE JUNHO CORRENTE

Nos termos dos anúncios oportunamente publicados, procedeu-se na data acima referida, para efeito da amortização prevista para 1 de Julho próximo, aos sorteios relativos às emissões que se indicam, tendo-se obtido os seguintes resultados:

EMISSÃO DE 30 000 Contos — 1954 — 5 %

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 80, 173, 198, 204, 274, 332, 353, 359, 386, 432, 449, 472, 494, 517, 553, 651, 667, 680, 710, 742, 805, 868, 940, 960, 1016, 1039, 1064, 1067, 1140, 1148, 1200, 1214, 1223, 1224, 1252, 1298, 1308, 1344, 1456, 1535, 1536, 1611, 1621, 1633, 1658, 1677 e 1688.

Títulos de 5 obrigações n.ºs: 1830, 1833, 1854, 1857, 1932, 2013, 2029, 2032, 2066, 2116, 2132, 2178, 2199, 2233, 2249, 2250, 2334, 2398, 2410, 2420, 2455, 2517, 2520 e 2524.

Títulos de 10 obrigações n.ºs: 2540, 2581, 2607, 2629, 2776, 2805, 2946, 2987, 3024, 3050, 3120, 3148, 3159, 3176, 3190, 3207, 3213, 3279, 3327, 3349, 3363, 3416, 3418, 3494, 3572, 3598, 3618, 3645, 3654, 3702, 3713, 3771, 3789, 3801, 3953, 3978, 3994, 4001, 4015, 4097, 4100, 4155, 4175, 4200, 4329, 4334, 4339, 4366, 4396, 4455, 4493, 4499, 4502, 4527, 4544, 4564, 4604, 4681, 4706, 4718, 4722, 4818, 4819, 4820, 4822, 4844, 4886 e 4909.

EMISSÃO DE 25 000 CONTOS — 1955 — 5 %

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 41, 55, 67, 72, 158, 198, 211, 223, 238, 297, 356, 379, 444, 506, 523, 581, 613, 644, 677, 693, 698, 713, 722, 744, 791, 856, 1017, 1088, 1113, 1116, 1123, 1153, 1171, 1183, 1195, 1225, 1285, 1326, 1346, 1449, 1464, 1540, 1553, 1560, 1578, 1591, 1616, 1637, 1691, 1708, 1733, 1808, 1827, 1858, 1863, 1868, 1871, 1953, 1957, 1986, 2001, 2023, 2078, 2127, 2187, 2302, 2334, 2345, 2447, 2480, 2524, 2531, 2583, 2608, 2636, 2639, 2647, 2688, 2781, 2787, 2804, 2829, 2852, 2859, 2874, 2919, 2957, 3015, 3131, 3186, 3201, 3245, 3276, 3283, 3341, 3397, 3456, 3484, 3565, 3568, 3579, 3583, 3613, 3616, 3637, 3669, 3690, 3715, 3745, 3809, 3863, 3948, 3996, 4021, 4072, 4117, 4211, 4240, 4283, 4342, 4433 e 4469.

Títulos de 5 obrigações n.ºs: 4503, 4554, 4572, 4587, 4612, 4619, 4669, 4682, 4713, 4805, 4866, 4913, 4976, 4994, 5090, 5124, 5174, 5209, 5218, 5284, 5315, 5394, 5488, 5546, 5562, 5564, 5612, 5654, 5678, 5685, 5691, 5733, 5748, 5800, 5808, 5815, 5866, 5893, 5895, 5903, 5912 e 5938.

Títulos de 10 obrigações n.ºs: 6010, 6015, 6048, 6092, 6103, 6105, 6122, 6187, 6215, 6248, 6367, 6382, 6388, 6431, 6452, 6485, 6556, 6683, 6704, 6774, 6835, 6842, 6849, 7024, 7034, 7062, 7109, 7157, 7158, 7162, 7191, 7223, 7229 e 7269.

EMISSÃO DE 20 000 CONTOS — 1966 — 5 %

Títulos de 100 obrigações n.ºs: 23 e 39.

JUROS

Na mesma data de 1 de Julho, vencer-se-ão igualmente juros de todas estas emissões com os valores líquidos a anunciar antes do início do pagamento respectivo.

Lisboa, 21 de Junho de 1976

O Conselho de Administração

Nacional

O Presidente e a Constituição

O Presidente da República, nos termos do Artigo 123.º, Capítulo I, Título II, da Constituição, representa a República Portuguesa e desempenha, por inerência, as funções de presidente do Conselho da Revolução e de comandante supremo das Forças Armadas.

A sua eleição é feita por sufrágio universal, directo e secreto dos cidadãos portugueses eleitores, recenseados no território nacional, sendo o direito de voto exercido presencialmente no território nacional.

São elegíveis os cidadãos eleitores, portugueses de origem, maiores de 35 anos.

MAIORIA ABSOLUTA NA PRIMEIRA VOLTA

Será eleito Presidente da República o candidato que obtiver mais de metade dos votos validamente expressos.

Se nenhum dos candidatos obtiver esse número de votos, proceder-se-à a segundo sufrágio até ao 21.º dia subsequente à primeira votação.

A este sufrágio concorrerão apenas os dois candidatos mais votados, que não tenham retirado a candidatura.

POSSE E JULGAMENTO

O Presidente eleito toma posse perante a Assembleia da República ou, no caso de esta se encontrar dissolvida, perante o Supremo Tribunal de Justiça, no oitavo dia posterior ao apuramento dos resultados eleitorais.

No acto de posse, o Presidente da República eleito prestará a seguinte declaração de compromisso:

«Juro por minha honra desempenhar fielmente as funções em que fico investido e defender e fazer cumprir a Constituição da República Portuguesa».

MANDATO DE CINCO ANOS

O mandato do Presidente da República tem a duração de cinco anos e termina com a posse do novo Presidente eleito.

Em caso de vagatura, o Presidente da República a eleger inicia um novo mandato.

COMPETÊNCIA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Quanto ao funcionamento de outros órgãos, compete ao Presidente da República:

a) Presidir ao Conselho da Revolução;

b) Marcar o dia das eleições dos deputados, de harmonia com a lei eleitoral;

c) Convocar extraordinariamente a Assembleia da República;

d) Dirigir mensagens à Assembleia da República;

e) Dissolver a Assembleia da República, precedendo parecer favorável do Conselho da Revolução ou, obrigatoriamente, quando aquela haja recusado a confiança ou votado a censura ao Governo, determinando por qualquer destes motivos a terceira substituição do Governo;

f) Nomear e exonerar o Primeiro-Ministro, ouvidos o Conselho da Revolução e os partidos representados na Assembleia da República, tendo em conta os resultados eleitorais;

g) Nomear e exonerar os membros do Governo, sob proposta do Primeiro-Ministro;

h) Presidir ao Conselho de Ministros, quando o Primeiro-Ministro lho solicitar;

i) Dissolver ou suspender os órgãos das regiões autónomas, ouvido o Conselho da Revolução;

j) Nomear um dos membros da Comissão Constitucional e o presidente da comissão consultiva para os assuntos das regiões autónomas;

l) Nomear e exonerar, sob proposta do Governo, o presidente do Tribunal de Contas, o procurador-geral da República e os representantes do Estado nas regiões autónomas.

ACTOS PRÓPRIOS

Compete ao Presidente da República, na prática de actos próprios:

a) Exercer o cargo de comandante supremo das Forças Armadas;

b) Promulgar e mandar publicar as leis da Asssembleia da República e os decretos-leis e decretos regulamentares do Conselho da Revolução e do Governo, bem como assinar os restantes decretos;

c) Declarar o estado de sítio ou o estado de emergência mediante autorização do Conselho da Revolução, em todo ou em parte do território nacional, nos casos de agressão efectiva ou iminente por forças estrangeiras, de grave ameaça ou perturbação da ordem democrática ou de calamidade pública;

d) Pronunciar-se sobre todas as emergências graves para a vida da República, ouvido o Conselho da Revolução;

e) Indultar e comutar penas

Nota — A falta de promulgação ou de assinatura determina a inexistência jurídica do acto e o estado de sítio ou o estado de emergência não podem prolongar-se para além de 30 dias sem ratificação pela Assembleia da República.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Compete ao Presidente da República, nas relações internacionais:

a) Nomear os embaixadores e os enviados extraordinários, sob proposta do Governo, e acreditar os representantes diplomáticos estrangeiros;

b) Ratificar os tratados internacionais, depois de devidamente aprovados;

c) Declarar a guerra em caso de agressão efectiva ou iminente e fazer a paz, mediante autorização do Conselho da Revolução.

PROMULGAÇÃO E VETO

No prazo de quinze dias, contados da data da recepção de qualquer decreto da Assembleia da República para promulgação como lei ou do termo do prazo previsto no Art.º 277.º da Constituição (todos os decretos remetidos ao Presidente da República para serem promulgados como lei ou decreto-lei que consistam na aprovação de tratados ou acordos internacionais serão simultaneamente enviados ao Conselho da Revolução, não podendo ser promulgados antes de passarem cinco dias sobre a sua recepção no Conselho), se o Conselho da Revolução não se pronunciar pela sua inconstitucionalidade, pode o Presidente da República, ouvido o Conselho da Revolução e em mensagem fundamentada exercer o direito de veto, solicitando nova apreciação do diploma.

Se a Assembleia da República confirmar o voto pela maioria absoluta do número de deputados sem efectividade de funções, a promulgação não poderá ser recusada. Será, porém exigida maioria qualificada de dois terços dos deputados presentes para a confirmação dos decretos que respeitem às seguintes matérias:

a) Limites entre os sectores da propriedade pública, cooperativa e privada;

b) Relações externas;

c) Organização da defesa nacional e definição dos deveres dela decorrentes;

d) Regulamentação dos actos eleitorais previstos na Constituição. O Presidente da República poderá exercer ainda o direito de veto se o Conselho da Revolução se pronunciar pela inconstitucionalidade de qualquer diploma.

EM S. PEDRO DE MUEL O DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

Costa Gomes na RTP

O Presidente da República, general Costa Gomes, aparecerá nos «écrans» da Radiotelevisão Portuguesa, amanhã à noite.

A intervenção, que assume a forma de entrevista, deverá ser gravada durante o dia de hoje.

Último dia da campanha

Para os quatro candidatos à Presidência da República, decorreu ontem o último dia de campanha — activo para Ramalho Eanes, Octávio Pato e Otelo Saraiva de Carvalho, presentes em vários comícios, no Hospital de S. João, no Porto, para Pinheiro de Azevedo.

O último dia da campanha de Ramalho Eanes foi preenchido com visitas a unidades fabris da cintura industrial de Lisboa, encetando depois uma digressão que o levou à Nazaré, Marinha Grande, Leiria, Rio Maior, Santarém, e finalmente, Setúbal.

Para Pinheiro de Azevedo, que vai evidenciando sensíveis melhoras, a actividade coube à sua Comissão Nacional de APoio e traduziu-se numa conferência de Imprensa em que foi anunciado que a candidatura se manterá, decisão baseada na recuperação que o actual Primeiro-Ministro vem evidenciando.

O candidato comunista, Octávio Pato, decidiu o seu último dia de campanha ao Ribatejo, visitando, entre outras povoações, o Tramagal, Entroncamento, Torres Novas, Alpiarça e Coruche. Esta actividade foi acompanhada de algumas dezenas de sessões de esclarecimento promovidas pelo PCP.

Finalmente, o derradeiro dia da campanha de Otelo Saraiva de Carvalho traduziu-se num comício de encerramento realizado ao princípio da noite em Lisboa, na Praça do Comércio, que viria a terminar cerca da meia-noite, prazo limite concedido pela lei às diferentes campanhas.

Hoje, toda a actividade dos quatro candidatos estará paralisada, podendo, no entanto recomeçar para dois deles, caso haja que recorrer a uma segunda volta.

VIOLÊNCIA NOS AÇORES

Coordenadora do P.S. acusa comandante da Polícia de conivência com separatistas

«As forças militares de segurança têm de demonstrar nas ilhas que estão dispostas a defender a democracia e a liberdade contra o fascismo, como a autonomia e a unidade nacional contra a minoria separatista», afirma-se num comunicado da Comissão Coordenadora da Zona das Ilhas do Partido Socialista, emitido ontem, e no qual denuncia os actos de violência cometidos na ilha de S. Miguel. Durante os últimos tempos, segundo o PS assinalam-se os seguintes factos: «incêndio de uma viatura do Comando Naval e do carro do comandante do porto de Ponta Delgada; espancamento do delegado do Ministério Público no Tribunal do Trabalho de Ponta Delgada, por protestar contra um grupo de separatistas que agredia marinheiros franceses e que tendo ido chamar um polícia só conseguiu que este fosse também agredido; dinamitagem do edifício do destacamento da Bateria de Artilharia de Guarnição, n.º 1, na Relva; agressão e espancamento de um candidato do PCP à Assembleia Regional no Aeroporto de Ponta Delgada; rapto do militante socialista José Guilherme, carpinteiro na Lomba da Maia, por dois indivíduos que o forçaram a entrar num barco e o levaram para a ilha Terceira, onde se conseguiu libertar dos seus raptores e contactar a Polícia; colocação de um engenho explosivo, que não chegou a deflagrar, no portão da casa do dr. Silvano Neves Pereira, na freguesia da Relva; tentativa de colocação (impedida pela PSP) de um engenho explosivo na casa de um dirigente do Sindicato das Indústrias de Alimentação e Bebidas do distrito de Ponta Delgada.»

O comunicado do PS revela as perturbações antidemocráticas que marcaram o período eleitoral nos Açores com destaque para «a provocação dirigida no Aeroporto de Ponta Delgada ao general Eanes» e ao secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, «ue foi impedido por grupos de choque da F.L.A. de visitar a sua casa, sem que a PSP local tivesse tomado quaisquer medidas, o que revela o grau de cumplicidade que os seus chefes mantêm com aquela organização.

«Perante a passividade das forças de segurança foi o próprio general Eanes levado a chamar a si a responsabilidade de manter a ordem pública.»

Noutra passagem o comunicado da Comissão Coordenadora da Zona das Ilhas do Partido Socialista acusa o PPD local de desenvolver na RTP e na rádio açorianas «através dos seus dirigentes micaelenses Mota Amaral e Natalino Viveiros, uma campanha de cunho marcadamente antinacional e de tipo fascista, chegando a considerar a sublevação franquista em Espanha como um movimento popular contra a vitória eleitoral de esquerda».

O PS acusa também o comandante da PSP de conivência com os separatistas além de «incapaz de manter a ordem pública e a operacionalidade das suas forças.»

MADEIRA

Azeredo apresenta queixa contra mandatário de Otelo

FUNCHAL, 26 — O brigadeiro Carlos Azeredo, governador da Madeira, acaba de assinar uma queixa do Governo civil contra José Martins Júnior (o padre Martins, de Machico), mandatário de Otelo Saraiva de Carvalho no arquipélago.

Pretende o brigadeiro que um cartaz ali distribuído, onde se afirma que Ramalho Eanes nada teve a ver com o 25 de Abril, mas esteve ligado ao 11 de Março e ao 25 de Novembro, infringe a lei. Tratava-se de um cartaz de propaganda eleitoral de Otelo, da responsabilidade de forças políticas que apoiam este candidato.

O C.D.S. GANHA CORES

Entretanto, os emblemas, sacolas, outros motivos publicitários e até os impressos do C.D.S. passaram a ser feitos a cores — azul e amarelo — as cores da organização separatista FLAMA

A iniciativa do C.D.S. não surpreendeu, já que é entendida como uma atitude perfeitamente coerente com as afinidades deste partido com a FLAMA.

NO PORTO Uma bomba próximo do comício do P.C.P.

PORTO, 26 — Mais um atentado à bomba se registou ontem, à noite, cerca das 2 40, nas imediações do Palácio de Cristal, junto ao Seminário de Vilar onde presentemente funcionam secções da Faculdade de Ciências da Universidade Portuense. A violenta explosão deu-se quando decorria no Pavilhão dos Desportos o comício de apoio à candidatura de Octávio Pato. Como consequência maior, para além do pânico que se gerou nos moradores daquela zona, a destruição total de um automóvel «volvo» de matrícula sueca que se encontrava estacionado no local. A viatura, pertencente do Fernando Martins Oliveira, natural de Recarei (Paredes), emigrante português na Suécia, presentemente de férias em Portugal, incendiou-se depois da deflagração do engenho.

Devido ainda à explosão, alguns dos vidros do Seminário de Vilar ficaram quebrados.

DESTRUÍDA A SEDE DO P.P.D. DE VILAR DO PINHEIRO:

Em Vilar do Pinheiro, freguesia do concelho de Vila do Conde, um artefacto explosivo, de grande potência, segundo informação da G.N.R. daquela vila, provocou incêndio na sede do P.P.D., instalada numa casa térrea junto à estrada Porto/Póvoa. As chamas propagaram-se rapidamente a todas as dependências e nada foi possível salvar do recheio.

Compareceram os bombeiros Voluntários de Vila do Conde e de Moreira (Maia).

A explosão foi tão violenta que provocou uma enorme cratera no solo.

Geral

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

CONVOCATÓRIA N.º 23/76

Dando cumprimento ao estabelecido no N.º 2 do art.º 12.º do Decreto-Lei 215-B, de 30 de Abril de 1975, convoco os trabalhadores associados deste Sindicato que exerçam a sua actividade em empresas do sector químico, localizadas no Distrito de Setúbal, para uma Assembleia Geral a realizar no próximo dia 28/6/76, pelas 18 horas, e 30 minutos, nas instalações do Sindicato do Barreiro, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

PONTO ÚNICO: Verticalização do Sector Químico (Integração no Sindicato das indústrias Químicas).

Setúbal, 8 de Junho de 1976

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Domingos Baião Pires

GRUPO 8
VIGILÂNCIA E PREVENÇÃO ELECTRÓNICA LDA.
TECNICA ESPECIALIZADA
AO SERVIÇO DA VIGILANCIA
E DETECÇAO DE ROUBO FOGO GAZ
Av. dos Estados Unidos da América, 53 - 1.º Esq. - LISBOA - Tel. 897137



CONION
O MELHOR EM CAPTAÇÃO E SOM
O melhor Rádio e Gravador do Mundo
Rua Pascoal de Melo n.º 7, 1.º — Lisboa

«SOCIEDADE ESTORIL»
CAMINHOS DE FERRO DO CAIS DO SODRÉ A CASCAIS

SE VAI À PRAIA no COMBOIO da linha de Cascais, NÃO SE SUJEITE A LONGAS DEMORAS em bichas para comprar bilhete.
Utilize as MÁQUINAS AUTOMÁTICAS, práticas e RÁPIDAS, bastando trazer, em MOEDAS de 5$00, 2$50, 1$00 e $50 o PREÇO EXACTO do bilhete.
Os preços são:

CAIS DO SODRÉ A	PREÇOS 1.ª classe	PREÇOS 2.ª classe
Santos, Alcântara, Belém, Pedrouços, Algés	7$50	5$00
C. Quebrada, Caxias, Paço de Arcos, Santo Amaro, Oeiras	11$00	7$50
Carcavelos, Parede, S. Pedro, S. João, Estoril, Monte, Cascais	15$00	10$00

NO REGRESSO utilize também as MÁQUINAS AUTOMÁTICAS existentes em quase todas as estações.

Ruy Luís Gomes voltou do Maputo

"Inteligência e sinceridade" de Samora Machel e Marcelino

«Foi com profunda emoção que tomei contacto com a República de Moçambique e nunca poderei esquecer o sentido de responsabilidade com que os seus destacados dirigentes encaram as pesadíssimas tarefas de estruturação de um país independente», disse-nos o prof. Ruy Luís Gomes, reitor vitalício da Universidade do Porto que acaba de regressar de uma breve viagem a Moçambique onde participou na cerimónia de entrega da medalha «Joliot Curie», do Conselho Mundial da Paz, ao Presidente Samora Machel.

Ao receber a mais alta condecoração do Conselho Mundial da Paz, Samora Machel juntou o seu nome ao de muitos homens de Estado que também têm lutado pela consolidação da paz e amizade entre os povos. Entre outros contam-se Agostinho Neto, Yasser Arafat, Arcebispo Macarios, Urho Kekkonen, Indira Gandhi, Fidel Castro, Amílcar Cabral, Brejnev, Salvador Allende e Erich Honecher. Sobre o significado da condecoração, o prof. Ruy Luís Gomes salientou:

«Representa a consagração pública da contribuição de Samora Machel e de todo o povo moçambicano à causa da paz mundial». E acrescentou: **«Foi uma grande honra para mim poder participar na sessão de homenagem a Samora Machel e juntar a minha saudação à dos representantes dos povos africanos e dos movimentos de libertação do Zimbabwe, da Namíbia e da África do Sul».**

O prof. Ruy Luís Gomes, que na oportunidade usou da palavra, salientou a elevada contribuição da luta do povo moçambicano no eclodir do 25 de Abril.

Na semana de estada no Maputo o reitor vitalício da Universidade do Porto teve oportunidade de contactar com as estruturas de ensino afirmando-nos que o grande esforço dos moçambicanos se orienta para o ensino primário e secundário, de forma a combater, com a maior urgência, a elevada taxa de analfabetismo que por ultrapassar os 95 por cento na altura da independência e que é bem a denúncia do que foi o colonialismo no âmbito escolar.

«A sede de conhecimento daquela juventude é evidente» — sublinhou.

Sobre os portugueses que ficaram em Moçambique com alguns dos quais o prof. Ruy Luís Gomes contactou, afirmou-nos que há uma certa dificuldade em libertarem-se da ideia da antiga realidade moçambicana, mas muitos são aqueles que procuram integrar-se e colaborar na construção da nova sociedade. Entre estes citou o nome do prof. Aurélio Quintanilha que, apesar dos seus 84 anos, continua a ensinar **«Com uma vitalidade extraordinária».**

Falando-nos de Samora Machel e Marcelino dos Santos, Ruy Luís Gomes disse que **«são dirigentes de altíssima categoria que me deram uma impressão extraordinária de inteligência e sinceridade».**

Por corrupção de menores

Português em apuros na Guiné-Bissau

Um cidadão português, de 32 anos de idade, antigo integrante do exército colonial, foi preso em Bissau sob acusação de crimes gravíssimos na pessoa de várias menores dos sete aos 16 anos, estando o caso a despertar a maior indignação da população da capital guineense.

Trata-se de Orlando Joaquim Gomes, conhecido em Bissau como «o brigadeiro» e que exercia a profissão de fotógrafo. Segundo a acusação, cujas conclusões são parcialmente reproduzidas no jornal «Nô Pintcha», o «brigadeiro» seria «autor de numerosas fotografias pornográficas obtidas, principalmente, com a participação de menores». No decorrer das investigações ter-se-á verificado «o envolvimento de, pelo menos dezoito jovens com idades compreendidas entre os sete e os 16 anos». Ainda segundo a acusação, «após exame médico foi constatado que a maioria dessas crianças foi desflorada pelo referido indivíduo, que dava bananas, rebuçados e guloseimas às crianças como engodo».

A biografia do detido, publicada pelo órgão do Comissariado de Informação, diz que chegou à Guiné integrado na «tropa de agressão colonial-fascista, em 1966, servindo como carne para canhão em Bissau e em Farim até 1968, como explorador-observador («pide militar como o nosso povo designava tais mercenários»)». Depois da retirada da tropa colonial continuou a trabalhar na Guiné como fotógrafo.

A Polícia prendeu outro cidadão português, Maximiano Alves da Silva, por suspeita de cumplicidade. Este indivíduo também fez parte da tropa colonial de 1969 a 1971.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE SANTARÉM

AOS «TÉCNICOS DE CONTAS» E «GUARDA-LIVROS»

CONVOCATÓRIA

A fim de serem esclarecidos sobre o preenchimento da nova declaração m/2 do Grupo-A de contribuição industrial, convocam-se todos os «Técnicos de contas», «Guarda-livros» e outros profisionais interessados a participarem numa reunião que terá lugar no dia 1 de Julho próximo, às 9.30 horas, no Pavilhão do INATEL — Campo da Feira, em Santarém.

A reunião será orientada por técnicos economistas do Serviço de Prevenção e Fiscalização Tributária da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos.

Santarém, 23 de Junho de 1976.

A DIRECÇÃO



SURDOS
CASA SONOTONE

Vamos aproveitar esta quadra popular para irmos aos arraiais, comer farturas e ouvir as músicas a tocar. Mas são aqueles que se ouvem!... E os que não ouvem como fazer? Procurem-nos o mais depresse possível para fazerem um audiograma e uma demonstração que é gratuita sem compromisso algum. Apresentamos o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Aparelhos de bolso atrás da orelha, brincos auditivos, óculos via aérea e óssea. Pilhas de todas as voltagens de mercúrio e carvão. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou marcas, em Lisboa e na Província. Também somos oculistas. Não deixem de nos fazer uma visita com a qual ficamos muito agradecidos em .

LISBOA — Poço do Borratém, 33, s/l — Telefone 56 83 52
PORTO — Praça da Batalha, 92, 1.º — Telefone 02-315602

Nacional

NO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

Amigos de Moçambique encheram o S. Luiz



Vasco Gonçalves e Rosa Coutinho, sócios honorários da Associação de Amizade Portugal-Moçambique, foram particularmente saudados pela assistência que ontem esteve no S. Luiz a comemorar a data da independência do país irmão.

De pé, e de punho erguido, a multidão que ontem encheu o Teatro S. Luiz para assistir à sessão comemorativa do 1.º aniversário de Moçambique independente, gritou inúmeras vezes, emocionada e com determinação, a palavra de ordem antifascista, e anti-imperialista: «a luta continua».

Vasco Gonçalves, que esteve presente na qualidade de sócio honorário da Associação de Amizade Portugal-Moçambique, organizadora da sessão, foi particularmente aplaudido pela assistência que saudou nele um dos símbolos mais vivos da libertação do nosso país da guerra colonial e do fascismo. Igualmente o comandante Vítor Crespo e o almirante Rosa Coutinho, também presentes, receberam os aplausos da assistência, onde se via, entre outros, alguns dos «capitães de Abril» e representantes de países africanos e socialistas.

Silva Graça, presidente da Associação, recordou no início a data da proclamação da independência da República Popular de Moçambique. Lembrou os homens do MFA que «em conjunto com o povo foram os verdadeiros responsáveis pela descolonização». Historiou o processo difícil dos dois povos, português e moçambicano, na sua luta pela libertação total e contra o inimigo comum, o fascismo e o imperialismo, e sublinhou a necessidade tal como estabelece a nossa Constituição, de se manterem «laços especiais de amizade e cooperação com os países de língua portuguesa».

Seguiu-se a projecção do filme «Do Rovuma ao Maputo», que evoca a histórica viagem do presidente Samora por todo o país, saudado por gigantescas manifestações, antes de entrar na capital para presidir às cerimónias da independência e ser investido no cargo de presidente.

DISCURSO DE SAMORA

Entretanto no Maputo, capital de Moçambique, Samora Machel fez um importante discurso, durante o comício no Estádio da Machava, e que constituiu como que um balanço das dificuldades e sucessos alcançados neste primeiro ano de independência.

A necessidade de se produzir o indispensável para se acabar com a nudez e a fome, a urgência no combate à discriminação racial, à indisciplina e ao burocratismo, a criação de um Tribunal Popular, as aldeias comunais e a saúde pública, foram pontos que mais detalhadamente foram analisados pelo presidente Samora.

Depois de salientar a necessidade de definição correcta do inimigo e agradecer à África inteira o seu apoio e saudar os países socialistas — «zonas libertadas da humanidade que de uma forma exemplar apoiaram a nossa luta de libertação» — Samora fez a análise de todo o processo revolucionário moçambicano no período de um ano, nomeadamente as dificuldades criadas pela herança colonial e apelou para a vigilância popular contra a sabotagem económica a nível do aparelho de Estado, denunciando os métodos do favoritismo que fazem com que «em algumas repartições as cunhas ainda existam».

Criticou o liberalismo demasiado e a ultra-indisciplina existente nas escolas. Noutro ponto sublinhou que «há uma tendência racista ao nível do Estado. Quando são brancos são mal atendidos. Isto acontece muito devido ao espírito de assimilado», e denunciou ainda o relaxamento, a indisciplina, o autoritarismo, o esbanjamento e o abuso de poder nos serviços de Estado.

Sobre o banditismo, Samora Machel frisou que «a solução do problema está nas mãos do povo. O povo deve constituir brigadas, realizar patrulhamentos. Esta foi a nossa experiência durante a guerra, em que era o povo quem prendia os bandidos», e anunciou a criação de um tribunal revolucionário.



Um pormenor da assistência no momento em que no «écran» se projectava o içar da bandeira da Frelimo, no dia da independência.

Angola nacionaliza unidades de pesca

O Governo da República Popular de Angola nacionalizou mais três importantes unidades da indústria de pesca, como parte do programa de transformações socioeconómicas.

As empresas nacionalizadas são o conjunto frigorífico da cidade de Porto Aboim, a fábrica de conservas «Atlântico», de Benguela, e a «Aran», de Moçâmedes.

A empresa «Atlântico» é considerada de maior importância na produção de conservas na África e a «Aran» fabrica além disso equipamento para pesca industrial.

O «Diário de Luanda» indicou que os antigos proprietários abandonaram essas unidades e deixaram a R.P.A. depois de proclamada a independência. Afirma também o mesmo jornal que os antigos proprietários levaram consigo parte das instalações, com o objectivo de sabotar os esforços populares para o desenvolvimento da economia da jovem nação africana.

"Liberdade plena" para um oficial

Foi restituído à situação de «liberdade plena» o capitão miliciano para-quedista Henrique de Morais da Silva Caldas, que se encontrava «sujeito ao disposto no artigo 463 do Código de Justiça Militar», desde que considerado implicado nos acontecimentos do «11 de Março».

A notícia provém do Estado Maior da Força Aérea, que se diz informado pelos serviços de Polícia Judiciária Militar e cita um despacho de 13 do corrente proferido nos autos de processos de instrução relativo à referida intentona militar.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICO

COMUNICADO

CASO LILLY

FARMOQUÍMICA INDIANA, LDA.

1 — A multinacional Eli Lilly implantou-se progressivamente em Portugal cumprindo todas as regras do colonialismo económico de que as multinacionais são o máximo expoente.

O desenvolvimento do processo político iniciado no 25 de Abril teve duras reacções do capitalismo nacional e internacional e das forças que o defendem. A Lilly como multinacional que é, colocou-se perfeitamente no processo de sabotagem económica e de recuperação capitalista que atentam contra os interesses dos trabalhadores e Povo Português.

2 — O processo de sabotagem económica foi cientificamente preparado pela administração da Lilly; fazem regressar a Espanha o seu representante nacional, alteram a denominação social da empresa, por forma a preservar a marca comercial Lilly, reduzem os stocks permitindo que, em alguns casos se tornasse difícil assistir a doentes que necessitavam de produtos Lilly e que não têm similares no mercado português. A degradação da actividade económica da empresa é uma intenção como forma a tentar justificar atitudes posteriores contra os trabalhadores, apesar da situação favorável do mercado português neste sector de actividade.

3 — Com todo este processo a multinacional Lilly visa obter argumentos para o despedimento de trabalhadores entre os mais activos e conscientes. Primeiro tenta rescisões voluntárias não havendo falta de dinheiro para satisfazer as respectivas indemnizações; de seguida aponta ao despedimento colectivo de 15 trabalhadores, inventando razões para a não rentabilidade económica da empresa nas estruturas socioeconómicas do nosso País.

4 — O despedimento destes trabalhadores reduz em cerca de 7 por cento os encargos fixos da empresa (o que é equivalente aos prémios de venda atribuídos somente ao sector da propaganda médica), mas não resolve nenhum problema; bem pelo contrário, a nova situação tem nefastos reflexos na capacidade de gestão da empresa o que torna ainda mais longínqua a possibilidade de se atingir o equilíbrio na sua actividade económica.

5 — Torna-se imperioso impedir a tentativa desta multinacional. Sem razões, a Lilly vai atingindo os seus objectivos. Vencendo mais esta etapa logo outra se avizinhará e outros trabalhadores serão atingidos pelo novo ciclo de despedimentos, até ao encerramento das instalações da empresa.

Os trabalhadores recusam esta situação, recusam que as multinacionais imponham a sua vontade no nosso País.

NÃO AOS DESPEDIMENTOS COLECTIVOS
NÃO AOS DESPEDIMENTOS

Pel' Comissão Sindical
Pel' Direcção

Nacional

TRIBUNA LIVRE

COSTA MIRANDA

Institutos Imobiliários: a quem servem?

1. O Conselho de Ministros por resolução de 16 de Março criou os Institutos Públicos Imobiliários cujo aparecimento e objectivos restam incompreensíveis pelas razões que abaixo se desenvolvem. Também não se compreende como poderá esta medida contribuir para a solução da crise em que vive o sector da construção.

2. O primeiro paradoxo desta resolução reside em que as atribuições que lhe são consignadas no diploma coldem com os objectivos do Organismo já existente, executor da política habitacional, o Fundo de Fomento da Habitação.

3. Assim por esta resolução cabe aos Institutos Imobiliários:

«a) inventariar e perspectivar as necessidades habitacionais, a satisfazer pela construção de novos fogos, e determinar as respectivas características, tendo em conta a composição e rendimento dos agregados familiares, e identicamente quanto à recuperação dos fogos em degradação;

b) conhecer e prever a oferta de habitações, de origem pública e privada, e as suas características;»

Pelo Dec.-Lei n.º 583/72 de 30/12/72 que reorganizava o Fundo de Fomento da Habitação:

«Art.º 3. 1. Constituem atribuições do Fundo de Fomento da Habitação:

a) O estudo sistemático da problemática da habitação;

b) A coordenação das iniciativas respeitantes ao sector;

c) A execução das medidas de política habitacional da responsabilidade do Estado.»

4. Em termos de estudo e coordenação do problema habitacional, cabe ao Fundo de Fomento da Habitação:

«Art.º 6. Na sua qualidade de organismo encarregado de estudar a problemática da habitação, cabe ao Fundo:

a) Promover inquéritos e estudos destinados a manter actualizado o conhecimento dos problemas da habitação;

b) Estudar as soluções habitacionais mais adequadas às diversas categorias a contemplar, tomando em linha de conta as suas necessidades e respectivas tendências de evolução, com vista ao estabelecimento de um conveniente equilíbrio entre os factores de conforto, economia e durabilidade;

c) Estudar a situação habitacional nas diferentes regiões do País, averiguar as carências e satisfazer pela iniciativa pública e programar os projectos de intervenção, em conformidade com um plano nacional de habitação em que se atenda às exigências de um desenvolvimento equilibrado.

Art.º 7.º Como Organismo coordenador, compete ao Fundo:

a) Coordenar, em termos de planeamento, todas as iniciativas que visem contribuir para a resolução do problema habitacional;

b) Colaborar com quaisquer entidades que, a título permanente ou eventual, se proponham contribuir para a execução da política habitacional definida pelo Governo, em especial, com as Câmaras Municipais e as Misericórdias, a quem poderá prestar assistência técnica;»

Por sua vez a resolução prevê para os Institutos Imobiliários:

«c) programar a satisfação das carências habitacionais detectadas e participar na definição dos planos de construção consequentes;»

5. Quanto a alienação de edifícios que pertençam ao seu património:

Art.º 8.º Em cumprimento das suas atribuições como Organismo executivo da política habitacional do Governo, cabe ao Fundo:

c) Alienar habitações ou outros edifícios que pertençam ao seu património, em execução dos programas de financiamento aprovados;

A resolução do C. M. parece ter um âmbito mais lato, mas parece também caber-lhe a alienação dos fogos construídos pelo Fundo de Fomento ou com o seu apoio.

Assim é atribuição dos Institutos Imobiliários:

«g) promover a alienação a título oneroso dos fogos construídos ao abrigo de programas de habitação social e a tal destinados, celebrando os contratos e recebendo o produto da alienação;»

6. Há outros pontos onde existe coincidência de atribuições dos dois organismos mas pela forma como estão definidos não ressaltam como as anteriormente anunciadas.

7. Aos Institutos Imobiliários é conferida a forma de empresa pública, cujos recursos financeiros serão «essencialmente constituídos» por:

«Taxas provenientes da prestação de serviços de gestão do parque habitacional destinado a arrendamento pertencendo ao Estado, seus organismos autónomos, institutos públicos e empresas públicas;

Taxas provenientes da alienação de fogos;

Comparticipações ou subsídios que lhes sejam atribuídos pelo Estado, ou seus organismos autónomos;

Produtos de empréstimos.»

8. Assim se promove a constituição de empresas públicas, que para assegurarem a sua autonomia financeira terão de onerar os «produtos» com que vão operar com margens ou taxas que permitam inclusivamente a sua sobrevivência. Tudo isto estaria muito certo se esse produto não fosse o alojamento relativamente ao qual mais de 50 por cento da população portuguesa é insolvente, portanto não o poderá pagar na óptica de puro mercado, em que estes Institutos se inserem.

É precisamente essa população que tem de ser considerada prioritária na satisfação dessa necessidade primária que é a casa.

9. Assim essas empresas públicas, que os Institutos Imobiliários projectam, estão condenadas à nascença.

Só um total desconhecimento da problemática da habitação poderá ter levado à sua criação.

10. Sob a forma de empresa pública e visando a reposição dos problemas de urbanização e promoção habitacional, na área de Lisboa foi criada, pelos tecnocratas marcelistas, quando as ilusões de fazer evoluir o País para um neocapitalismo europeu foram grandes, a E. P. U. L. cuja experiência e resultados bem atestam a inadequação deste tipo de estrutura à resolução dos problemas que afligem mais de meio milhão de famílias portuguesas e os desempregados da construção civil.

Efectivamente a E. P. U. L. foi, tal como são os Institutos Imobiliários agora criados, um nado-morto.

11. A actuação desta empresa, criada em 1972, primou pela produção (pouca) ou pelo projecto de construções de luxo, seguindo uma lógica de rentabilização a que o seu carácter de empresa pública a obriga, limitando-se a resolver o problema habitacional a quem no âmbito das empresas privadas o pode resolver.

12. O 25 de Abril veio pôr em causa esta lógica de só investir em habitações para as camadas de altos rendimentos. E a E. P. U. L. tem estado paralisada, como é evidente, uma vez que não deitou mãos à sua reconversão.

É que, esquecem-no os arautos do neocapitalismo, o movimento e lutas dos trabalhadores, por um alojamento, frustar os seus intentos de fazer da habitação uma simples mercadoria, cuja rentabilidade especulativa para os promotores é proporcional à sua escassez.

13. Pelas características e funções, parece-nos que os Institutos Imobiliários virão a constituir um superpromotor imobiliário prestando serviços de gestão e intermediário nas vendas e cobrando as correspondentes taxas.

14. Note-se que a banca comercial possui serviços próprios que se encarregam da cobrança de rendas de fogos dos seus clientes, cobrando comissões bastante reduzidas e com as quais dificilmente, um novo organismo conseguirá competir em custos.

15. Continuamos a iludir os problemas — crise do Sector da construção arrastada pela crise do sector imobiliário criando novas imobiliárias, mais comissões, grupos de estudo e empresas públicas que podem ser muito proveitosos, pelos chorudos ordenados, para os membros que as integram mas desastrosas para as populações mal alojadas, para os desempregados do sector da construção e para a economia portuguesa.

PUB

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

AOS ELECTRICISTAS DO SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Convocam-se todos os electricistas do Sector da Construção Civil, para uma Reunião a efectuar no COLISEU DOS RECREIOS (R. das Portas de St.º Antão — Lisboa), no **dia 28 (segunda-feira), às 9 horas,** com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Análise da Situação actual;
2.º — Decisões a tomar.

Lisboa, 25/6/76

A COMISSÃO NEGOCIADORA

VOTAR
UM DIREITO
VOTAR
UM DEVER

PORTARIA DOS 7000$00 PODE SER SUSPENSA HOJE

Poderá vir a ser suspensa hoje ou nos próximos dias a recente portaria que restringia a sete mil escudos o valor das divisas que os portugueses podiam levar para o estrangeiro durante um ano.

Mal foi anunciada a portaria, levantaram-se logo vozes de protesto de todos os lados. Desde os transportes às agências de viagem. O desemprego alarmou os trabalhadores do sector turístico.

Por isso mesmo, representantes da Associação dos Agentes de Viagem, e do Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pescas, elementos da TAP e do Banco de Portugal reuniram-se com o adjunto do ministro do Comércio Externo.

A elaboração de propostas e sugestões alternativas à portaria publicada será a tarefa de um grupo de trabalho ontem criado.

Segundo a proposta apresentada pelo Sindicato e que agora irá ser apreciada, deverá mater-se em vigor as anteriores disposições (20 contos para mais de 18 anos) até à elaboração de uma nova portaria. eos escalões etários também deverão ser ordenados do seguinte modo: até dois anos, entre dois e seis anos, e dos seis anos em diante.

A revisão da portaria também foi prevista pelo subsecretário de Estado do Turismo, dr. Luís Filipe Madeira.

PALMA DE MAIORCA
AGORA VÔOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP
1 SEMANA
PARTIDAS:
Julho 14, 21, 28
Agosto 4, 11, 18, 25
Setembro 1, 8, 15, 22
Preços excepcionais desde 3.420$
a vantagem dos voos especiais
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 190 • Telef. 537341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 2/922
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27010/2
FARO Rua Cons. Bivar, 60 • Telefs. 25/2/3/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

LAS PALMAS
AGORA VÔOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP
1 SEMANA
PARTIDAS:
Julho 7, 14, 21, 28
Agosto 4, 11, 18, 25
Setembro 1, 8, 15, 22
Preços excepcionais desde 4.440$
a vantagem dos voos especiais
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 190 • Telef. 537341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 2/922
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27010/2
FARO Rua Cons. Bivar, 60 • Telefs. 25/2/3/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Comando da P.S.P. desmente RTP

O Comando-Geral da Polícia de Segurança Pública distribuiu uma nota na qual desmente acusações feitas nomeadamente na RTP e na Radiodifusão sobre a sua actuação em São Bento, no passado dia 22, quando da manifestação dos trabalhadores do complexo de Sines.

Trabalho

AJUDANTES DE FARMÁCIA

Três dias de greve na próxima semana

Os ajudantes de farmácia reunidos, ontem, à noite, em Assembleia Geral efectuada no Sindicato dos Transportes Colectivos, decidiram ratificar a decisão de iniciarem uma greve de três dias, no próximo dia 29. Esta decisão tinha sido tomada pela Comissão Negociadora sindical, depois da ruptura, anteontem, das negociações que vinham a efectuar-se desde Maio, com a Associação Nacional das Farmácias, no Ministério do Trabalho.

Esta greve de três dias, que poderá ser evitada ou interrompida caso a Associação patronal se resolva ao recomeço das negociações em moldes aceitáveis para os representantes dos trabalhadores, é total. Isso significa que os trabalhadores das farmácias de serviço também não comparecerão ao trabalho.

No entanto afirmou-nos esta manhã o director do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas, Diamantino Elias, isso não é razão para que as farmácias encerrem, uma vez que, mesmo face a legislação actual, os responsáveis técnicos deverão estar presentes nos estabelecimentos, assegurando o seu funcionamento. Tal não acontece, porém, quando os estabelecimentos se encontram em normal funcionamento, já que como se sabe, a maioria dos responsáveis técnicos não prestam qualquer assistência directa às farmácias.

A greve total, que chegou a estar prevista para os dias 12, 13 e 14 de Maio, não chegou, então, a efectivar-se porque a Associação Nacional das Farmácias decidiu aceitar as negociações tal como eram propostas pelos trabalhadores.

A ruptura das negociações, agora deve-se a questões nas quais os trabalhadores não poderão ceder, como é o caso do pagamento das horas extraordinárias. Na verdade, segundo afirmou Diamantino Elias em muitos pontos foi já encontrada uma plataforma de acordo, com cedências dos trabalhadores em muitos casos. Mesmo no que respeita às tabelas salariais, as divergências já não eram insuperáveis.

Contudo, o patronato diverge no que respeita ao pagamento do trabalho extraordinário, porque, afirmam, a aplicação de novas tabelas salariais se reflectiria num aumento de encargos com as horas extraordinárias.

De facto, grande parte do trabalho dos ajudantes de farmácia é prestado para além das horas de serviço normais.

É o que acontece, por exemplo, com as farmácias de serviço, aceitando nesses casos, os trabalhadores, a transgressão de normas internacionais de prestação de horas extraordinárias, por compreenderem que se trata de pequenos estabelecimentos, sem grandes hipóteses económicas.

Contudo, os organismos sindicais defendem, neste momento, tal como o fizeram na luta do mês passado, a capacidade económica das farmácias. E defendem que o trabalho extraordinário deve ser, como tal remunerado.

Ainda neste campo, os ajudantes de farmácia assinalam que durante muitos anos trabalharam sem receberem pelo trabalho extraordinário que cumpriam. Só a partir de 1971 esse pagamento se generalizou.

Agora, o estabelecimento deste C.C.T. poria fim a uma luta de 14 meses.

CORONADO

Sindicato pede intervenção do Estado

Frustou-se ontem (mais uma vez), em clima de violência, a reintegração das 36 trabalhadoras da Coronado, (empresa de confecções em Santo Tirso) ordenada pelo Ministério do Trabalho. Nos incidentes, e apesar da presença de meia centena de elementos da GNR local, foram agredidos alguns agentes do Ministério por pessoas afectas à entidada patronal, responsável pelo «saneamento» daquelas empregadas.

O delegado do MT no Porto encontra-se em Lisboa para discutir o assunto com os responsáveis pelo Ministério. Por seu turno o Sindicato do Vestuário do Porto considera, em documento enviado às entidades oficiais, que a solução do conflito passa pelo afastamento do patrão, com intervenção do Estado, hipótese esta que se considera preferível ao encerramento transitório da empresa.

O conflito na Coronado — à semelhança do que se tem passado na Têxtil Manuel Gonçalves — tem assumido, cada vez mais, o carácter de desafio frontal à autoridade do Governo.

Agências de viagem do Norte paralisam na quarta-feira

Reunidos ontem em plenário, os trabalhadores das agências de viagem do Porto decidiram paralisar o trabalho na próxima quarta-feira, às 15 horas a fim de realizarem uma hora depois um novo plenário que terá por finalidade estudar as formas de luta adequadas a fim de pressionar o ministro Salgado Zenha a suspender ou a alterar a proposta de restrição de divisas.

Ao longo da assembleia foram analisadas as diligências feitas pela comissão que em Lisboa se avistou anteontem com os drs. Jorge Campinos e Filipe Madeira, respectivamente ministro do Comércio Externo e Turismo e subsecretário de Estado do Turismo e com representantes da T.A.P. e do Ministério das Finanças.

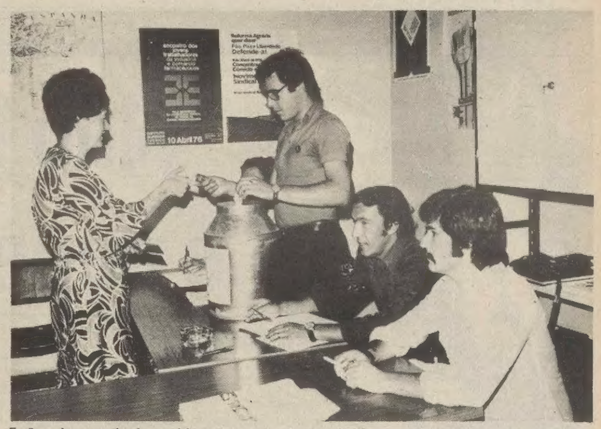
A reunião decorreu na sede do Sindicato dos Profissionais de Seguros, tendo a determinada altura sido referida a «maquinação do P.S. que procura, num momento em que se prepara para formar Governo, fazer com que as medidas mais drásticas caiam sob a alçada do VI Governo» e o facto de se estar a «passar para uma ditadura socialista».

Tanto Jorge Campinos como Filipe Madeira fziam de conta que estavam em desacordo com Salgado Zenha, o que não era verdade — foi depois sublinhando.

A comissão que se deslocou a Lisboa aludiu também às hipóteses lançadas aos responsáveis: revogação da portaria que Salgado Zenha diz ser da sua única e exclusiva responsabilidade; suspensão da mesma até 31 de Outubro de forma que as agências de viagem possam fazer face aos programas que têm em execução; ou suspensão e levantamento exaustivo sobre a situação do sector; e, finalmente, que o turista fosse autorizado a levar 13 contos averbados no passaporte além dos sete permitidos pela portaria. Foi, ainda, referido que para além dos que trabalham na indústria hoteleira, a decisão ministerial afecta cerca de 33 mil trabalhadores.

Por outro lado, haverá na próxima 3.ª feira, às 15 horas uma reunião na Direcção-Geral do Turismo em Lisboa com a presença de elementos do Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante e Aeronavegação e Pesca (sector de viagens), Associação Portuguesa dos Agentes de Viagem e Turismo, Operador Turístico Nacional, Banco de Portugal, representante do Ministério da Administração Interna e da TAP. A reunião tem por finalidade encontrar-se formas para reduzir as consequências gravíssimas que advêm da aplicação da portaria.





Estão a decorrer desde manhã, prolongando-se até às 21 horas, as eleições dos corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos, às quais concorrem duas listas. O escrutínio realiza-se na sede do Sindicato, em Lisboa, nas delegações do Porto e Coimbra, e, ainda, na Amadora, Queluz, Oeiras e Carregado

SERVIÇO METEOROLÓGICO

Prevê-se para breve o fim da paralisação

Os trabalhadores do Serviço Meteorológico Nacional decidem hoje em assembleia geral, a realizar nos serviços centrais em Lisboa, se aceitam as alterações feitas pelo Ministério da Administração Interna ao projecto da lei orgânica do SMN, já assinado pelo Ministério dos Transportes e Comunicações. A paralisação parcial destes trabalhadores só terminará, no entanto, quando o projecto for assinado pelo MAI e pelo Ministério das Finanças.

O texto em discussão resulta da contraproposta governamental ao projecto apresentado pelos trabalhadores, com as alterações do MAI. Foi a demora com que este último departamento governamental reteve o texto, que levou os trabalhadores a optar pela greve parcial como forma de pressão. Segundo informação de um elemento da Comissão Pró-Sindicato, as alterações do MAI referem-se especialmente a descidas de letra relativas ao sector dos desenhadores e mudança de nome de algumas categorias profissionais pelo que, em princípio, não haverá grande oposição dos trabalhadores e, portanto, é de esperar que o texto seja aceite. Entretanto, e tal como tinham anunciado, os trabalhadores do SMN suspendem amanhã e segunda-feira a paralisação, devido às eleições presidenciais, sendo de esperar que até terça-feira, o MAI e o Ministério das Finanças assinem finalmente o projecto e assim chegue ao fim a paralisação.

Relativamente às consequências desta greve no movimento de aviões, o chefe de relações públicas da TAP enviou aos órgãos de comunicação social um pedido de esclarecimento em que afirma: «A TAP mantém as suas operações normais e cumpre com o maior rigor os seus padrões de segurança nos seus voos STP; todos os aeroportos nacionais continuam abertos ao tráfego quer nacional quer internacional sem qualquer limitação conhecida como é facilmente comprovável pelo movimento regular de entradas e saídas de aeronaves de todas as nacionalidades».

Os trabalhadores do SMN insistem na irregularidade do movimento de aviões nos aeroportos nacionais, provocadas por atrasos e cancelamentos de voos devido a falta de informação meteorológica, bem como na falta de segurança meteorológica com que certos aviões aterram, e levantam, nas horas de paralisação, nomeadamente em Pedras Rubras, onde as condições atmosféricas não permitem a visibilidade que se verifica em Lisboa.

M.T. ordena reintegrações na firma Ferreira e Reis

O Ministério do Trabalho determinou a reintegração das 16 trabalhadoras «saneadas» da Firma Ferreira e Reis, Lda., de Famalicão, considerando juridicamente inexistente o afastamento levado a cabo pela entidade patronal, «já que o mesmo se baseia em motivos políticos ou ideológicos».

Os vencimentos em atraso deverão ser imediatamente pagos àquelas trabalhadoras, mas, «se surgir alguma dificuldade», o Ministério através de fundo adequado, emprestará (a título excepcional) os montantes dos salários em atraso.

Segundo o despacho que determina a reintegração, «qualquer acto de resistência ou desobediência a esta resolução será punido nos termos da lei penal», prevendo-se igualmente a intervenção das forças militarizadas para fazer cumprir a decisão, em caso de necessidade.

O Ministério continua, assim, a dar aplicação ao decreto-lei sobre «saneamentos», recentemente publicado.

A CARRIS INFORMA:

«PASSES SOCIAIS»

A fim de facilitar ao público a aquisição dos bilhetes de transporte para JULHO, destinados ao cartão de identificação de assinante, funcionarão — **além dos principais** — os seguintes Postos de Venda nos locais e horários a seguir indicados:

Das 9.00 às 19.00 horas
— Campo Pequeno
— Estrela (eléctricos)
— Moscavide

Das 12.00 às 15.00 e das 16.00 às 19.00 horas
— Algés
— Benfica
— Cais do Sodré (autocarro no lado Sul)
— Gomes Freire
— Graça
— Poço do Bispo
— Rato
— Rossio (autocarro na praça central, frente ao Teatro)
— Sete Rios

Estes Postos funcionam de 24 de Junho a 2 de Julho, à excepção dos dias 26 e 27 (Sábado e Domingo).

NOTA: Os cartões de identificação de assinante só podem ser requisitados de 2.ª a 6.ª feira nos postos principais e nos dias e horários a seguir indicados:

De 24 de Junho a 2 de Julho

Santo Amaro Arco do Cego Cabo Ruivo Santa Justa	Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.00 h.

De 2 de Julho a 6 de Julho

Santo Amaro Santa Justa	Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.00 h.

A partir de 7 de Julho

Santo Amaro Santa Justa	Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 16.00 h. Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.00 h.

Entrevista



Um dos principais obreiros do 25 de Abril, membro da Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas desde o primeiro momento, membro do Conselho de Estado, do Conselho dos Vinte, do Conselho da Revolução e ministro do Trabalho durante quatro governos provisórios, Costa Martins é um dos homens do 25 de Abril, mais conhecido e estimado pelos trabalhadores portugueses.

A sua actuação corajosa valeu, como é inevitável, um ódio correspondente das forças reaccionárias que hoje o caluniam, à falta de melhores argumentos.

Tornava-se necessário entretanto, quebrar a campanha de boatos e dar a palavra a Costa Martins.

Não foi difícil encontrá-lo em Luanda, onde reside actualmente. Na entrevista concedida pela primeira vez a um jornal desde a sua saída de Portugal, Costa Martins aborda importantes questões do processo revolucionário português.

E. V. — Não pretendo de forma alguma força-lo a quebrar o seu silêncio acerca dos acontecimentos do 25 de Novembro pois que, se não tem feito revelações é certamente por considerar mais conveniente não as fazer.

Contudo, gostaria de lhe pôr a seguinte questão sobre a qual muita gente se interroga: não sendo responsável pelo 25 de Novembro, como veio a ser provado, porque razão se exilou?

C. M. — Considero que prestaria um mau serviço ao meu país se até este momento tivesse feito revelações acerca dos acontecimentos do 25 de Novembro. No entanto, quanto à questão que me põe, não vejo qualquer inconveniente em esclarecê-lo.

Costa Martins falou em Luanda ao "D.L."

"Não basta obter o Poder, é necessário saber exercê-lo"

Entrevista de EDGAR VALLES

Começo por dizer-lhe que efectivamente não sou responsável pelo 25 de Novembro. Tomei contacto directo com o que se estava a passar, a meio da manhã do dia 25 de Novembro, satisfazendo solicitações que me foram feitas no sentido de ser encontrada uma solução para a situação existente. Porque sou um dos principais responsáveis do 25 de Abril e por dever para com o Povo Português, entendi que não tinha o direito a furtar-me a incómodos ou riscos, apesar de não ser da minha responsabilidade a situação que fora criada. Cojuntamente com o Presidente da República procurei encontrar uma forma de desbloquear a situação e, ao fim da tarde do dia 25 de Novembro essa solução surgiu. Contudo, e contrariamente à nossa vontade ela não viria a ser aceite por alguns elementos responsáveis, apesar dos esforços que desenvolvi nesse sentido. Bem se poderiam ter evitado as vítimas desnecessárias que ingelizmente há a lamentar, bem como a situação preocupante em que o País se encontra neste momento, mas havia quem estivesse interessado no confronto armado e na radicalização do golpe.

Eis a minha intervenção no 25 de Novembro, a qual findou ao princípio da noite desse mesmo dia, depois de ver goradas as tentativas de se resolver o problema da forma que nos pareceu mais humana, mais digna e mais justa.

Não sendo responsável pelo 25 de Novembro, porque me exilei?

— Pergunta você e perguntará certamente muita gente!... Fi-lo por várias razões de entre as quais posso citar-lhe algumas.

Sofri com amargura as terríveis injustiças do fascismo contra o qual sempre lutei. Participei entusiasticamente na preparação e na execução do 25 de Abril e depositei nele toda a esperança de JUSTIÇA, na acepção mais ampla e verdadeira da palavra. Cometeram-se algumas injustiças depois do 25 de Abril. Refiro-me, claro está, às injustiças reais e não às pseudo-injustiças, inventadas para caluniar e confundir. Sempre me opus às injustiças de que tive conhecimento, independentemente das pessoas atingidas. Sabem-no perfeitamente alguns dos principais responsáveis políticos da vida nacional e alguns deles tiveram mesmo oportunidade de o sentir concretamente, incluindo um alto responsável do C.D.S. apesar de termos pontos de vista políticos diferentes.

JUSTIÇA é JUSTIÇA e deve ser para todos.

E.V. — Considera então que não tem sido praticada justiça?

C.M. — Fazer justiça não é opor a injustiças reais ou inventadas outras injustiças, como tem vindo a suceder.

Fazer justiça não é condenar pessoas sem as julgar, sem as ouvir, sem proceder sequer a quaisquer averiguações, emitindo de imediato mandatos de captura, e divulgando fotografias pela televisão como se de perigosos assassinos se tratasse.

Fazer justiça não é ordenar buscas a casas particulares, às 3 da manhã, em frontal desrespeito pela LEI FUNDAMENTAL DO PAÍS — a Constituição Política.

E tudo isto, feito em nome da defesa da legalidade.

Fazer justiça não é permitir que grupos de delinquentes pagos por «forças ocultas» desencadeiem vergonhosas campanhas de calúnias altamenteatentatóriasnão só da honra e dignidade pessoais mas da própria dignidade de um Povo, contribuindo para uma maior degradação dos valores morais de uma sociedade, já tão seriamente ameaçados.

Fazer justiça não é permitir que tais grupos, na consumação dos referidos intentos, tivessem distribuído, na própria presença de autoridades policiais e militares, panfletos, cartazes e jornais caluniosos, em frontal desrespeito pelo estado de sítio então decretado, tentando denegrir camaradas de alguns dos principais responsáveis da vida político-militar nacional, que estes sabem serem pessoas absolutamente íntegras.

Não se podem permitir tais procedimentos, ainda que o MRPP sempre tenha tido a total protecção de alguns dos mais altos responsáveis de um certo partido político (majoritário).

«A Luta», órgão oficioso desse mesmo partido viria a dar seguimento à vergonhosa campanha de baixas calúnias, no trilho da baixa política que lhe tem sido comum, se é que a tal se pode chamar política.

Para mim política não é a arte de enganar o Povo.

Um dia, alguém profundamente conhecedor, me disse: — «O MRPP é um grupo de provocação ao serviço de certos dirigentes políticos do PS. Sabe de onde vem tanto dinheiro para as grandiosas e luxuosas campanhas do MRPP?»

Aliás, o terreno vinha a ser preparado pelo jornal «A Luta», desde há algum tempo como facilmente pode ser verificado. Tudo estava bem planeado e orquestrado; só que a verdade acaba mais tarde ou mais cedo por vir ao de cima.

Para uns, o 25 de Abril foi feito para dignificação do Homem. Para outros, foi feito para aproveitamento próprio, ainda que para tal tenham de transformar o Portugal Amordaçado em Portugal Manipulado e Enganado.

Fazer justiça não é permitir que membros do Governo se apresentem como cúmplices passivos (ou não) em campanhas caluniosas que constituem autênticos atentados à consciência e dignidade de um Povo.

Não basta obter o Poder, é necessário saber exercê-lo.

Quem engana o Povo não pode dizer-se seu representante nem tem o direito de arvorar-se em defensor da sua vontade; quem assim procede não está a servir o Povo, mas sim a servir-se do Povo.

E. V. — Como se processou o seu afastamento do processo revolucionário?

C. M. — Havia intenção por parte de alguns elementos da Força Aérea, de me liquidar política e militarmente.

Não vou referir-me agora aos acontecimentos do 25 de Novembro porque julgo não ser o momento próprio para fazê-lo, no entanto, e para que melhor se entenda a minha posição devo dizer-lhe o seguinte:

Dois dias antes do 25 de Novembro fui, pelo actual Chefe do Estado Maior da Força Aérea, colocado no COPCON. Havia a intenção de liquidar o COPCON, pela força se necessário fosse. Assim, fácil seria arrastar-me no turbilhão, e o meu caso não era único.

Apercebi-me perfeitamente das intenções e consegui mesmo conhecer muitos pormenores curiosos a que não vou referir-me. Mas para tentar salvar a democracia em Portugal, aceitei correr os riscos.

Efectivamente a jovem democracia portuguesa estava seriamente ameaçada.

Alguns dos mais altos cargos na Força Aérea estavam ocupados por indivíduos que, dizendo-se falar em nome do referido Ramo das Forças Armadas pronunciaram-se contra o golpe militar, na magna reunião de Cascais que teve lugar em Março de 1974, para ultimação dos preparativos do que viria a ser o 25 de Abril.

E porquê tal posição?

Somente porque o programa político que acabava de ser apresentado defendia a democracia, o fim da guerra colonial e o direito à autodeterminação dos Povos. Vi-me forçado a saltar para cima de uma mesa e tomar o compromisso de garantir que levaria a Força Aérea a não se opor ao golpe, compromisso esse, assumido perante cerca de trezentos oficiais dos três Ramos das Forças Armadas, o que conteve a saída de muitos elementos, que começara a verificar-se.

Como vê, tinha sérias razões para me preocupar com a «saúde» da jovem democracia portuguesa, e mais uma vez não me furtei a riscos e incómodos para tentar defendê-la no 25 de Novembro.

Eu e o General Costa Gomes, homem de extraordinário bom senso e ponderação, tudo fizemos para tentar evitar confrontações violentas e derramamento de sangue inúteis, e salvar a democracia. O almirante Pinheiro de Azevedo assistiu à maior parte das conversações que o Presidente da República e eu tivemos e cujas conclusões, se postas em prática, (e tudo fizemos nesse sentido), muito poderiam ter contribuído para a consolidação da democracia em Portugal, para a estabilização de vida do País e para a defesa dos verdadeiros interesses do Povo Português.

Infelizmente tal não sucedeu e é com bastante preocupação que acompanho a evolução sociopolitica-económica em Portugal.

O facto de não ser responsável pelo 25 de Novembro não demoveu os tais elementos da Força Aérea de que já lhe falei e, assim, ao princípio da noite de 25 de Novembro foi emitido pelo Estado Maior da Força Aérea um comunicado oficial acusando-me de ser responsável pelo 25 de Novembro.

E. V. — Houve algumas averiguações prévias para ajuizar a sua responsabilidade?

C. M. — Condenaram-me sem quaisquer averiguações, sem sequer me ouvir, sem me julgar. Aliás, já estava por eles condenado desde a reunião de Cascais, de Março de 1974; só que a oportunidade de concretizar a condenação ainda não tinha surgido, mas a ânsia era tão grande que se precipitaram. — «Gato escondido com o rabo de fora».

Seguiu-se o mandato de captura, a divulgação da fotografia na televisão, foi ordenada a busca a minha casa às 3 da manhã independentemente dos traumatismos que isso pudesse causar às duas crianças minhas filhas que lá se encontravam.

Enfim, foram dadas largas ao ódio...

Paralelamente, e logo a partir do próprio dia 25 de Novembro — pois tudo estava bem preparado — foi desencadeada contra mim uma vigorosa e vergonhosa campanha de calúnias, cujo terreno já vinha de há tempo sendo preparado pelo jornal «A Luta», numa acção conjugada com as disposições que vinham sendo tomadas pelos actuais dirigentes do Ministério do Trabalho, que envolveram a própria demissão de óptimos funcionários daquele departamento que sempre salvaguardaram os reais interesses dos trabalhadores, demissões essas, baseadas em pseudo-sindicâncias destinadas a dar cobertura às campanhas caluniosas desencadeadas, e cujo juíz sindicante viria a ser afastado pelo próprio Conselho Superior Judiciário que considerou a sua actuação desprestigiante para a Magistratura.

Fui acusado de ter fugido com milhares de contos roubados no Ministério do Trabalho quando afinal os responsáveis pelo referido departamento sabiam perfeitamente que era o próprio Ministério que ainda me devia 20 202$00 relativos a vencimentos que só há bem poucos dias me foram pagos apesar de todas as manobras, obstruções e boicotes de entidades responsáveis da Administração Pública, incluindo o Banco de Portugal, como foi já publicamente provado.

O próprio Presidente da República tem sido vergonhosamente insultado publicamente.

Face a tal situação resolvi exilar-me porque além de não existir a mínima garantia de Justiça como facilmente se verifica, constituiria para mim um profundo desgosto sujeitar-me a ser preso, em nome da defesa do 25 de Abril e da democracia, por quem se opôs frontalmente ao 25 de Abril e ao seu programa democrático que foi aplaudido por todo o Povo Português e por mim sempre intransigentemente defendido desde a primeira hora a qual teve lugar muito antes de Abril de 1974.

Deixar-me prender em tais condições seria para mim desonroso e constituiria uma grande ofensa à dignidade.

E. V. — Como encara a hipótese do seu regresso a Portugal?

C.M. — Estou pronto a ser julgado pelo Povo Português e a responder perante ele por todos os meus actos.

E aproveitando esta oportunidade daqui lhe lanço um apelo para que exija a Verdade e Justiça. Quero também alertar os trabalhadores portugueses para os sérios riscos que correm e por isso gostaria de lhes dirigir o seguinte aviso:

As manobras desencadeadas contra mim e contra a equipa que comigo serviu no Ministério do Trabalho faz parte de um plano que tem fundamentalmente dois objectivos; um, é o de desviar a atenção dos trabalhadores, da política anti-operária que tem vindo a ser prosseguida depois do 25 de Novembro; outro, é o ataque profundo à unidade dos trabalhadores que constitui afinal a sua força. Os inimigos dos trabalhadores sabem perfeitamente que «a unidade faz a força» e por isso mesmo querem destruí-la, para melhor poderem reinar — dividir para reinar era já o lema do Salazar.

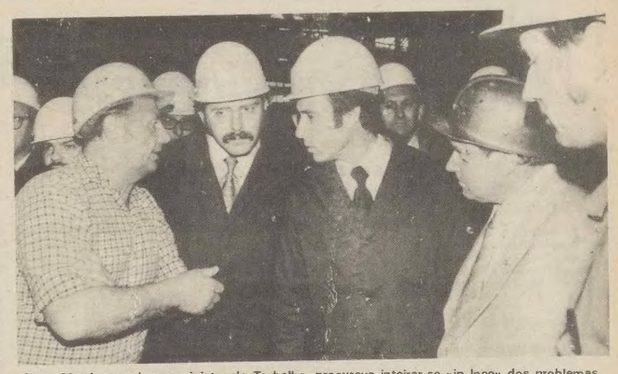
Têm-me atacado a mim e à equipa que comigo serviu os trabalhadores, porque sempre defendemos a sua unidade.

Lançaram as baixas calúnias acerca da conta de «Um dia de salário», porque a mesma contribuia grandemente para o reforço do espírito de unidade e solidariedade dos trabalhadores através da interajuda.

E não tardarão os ataques à Unicidade Sindical, grande baluarte da defesa legal da unidade dos trabalhadores e que constitui por isso um alvo importante a ser destruído pelos seus inimigos.

"Dois dias antes do 25 de Novembro fui colocado... no COPCON"

— Costa Martins



Costa Martins, na época ministro do Trabalho, procurava inteirar-se «in loco» dos problemas do seu sector: hoje, em Angola, aborda para o «DL» importantes questões do processo revolucionário português

Que os trabalhadores anotem bem todos aqueles que os têm enganado e que isso lhes sirva de indicador de duvida quando no futuro eles se lhes dirigirem ainda que com falinhas mansas.

E. V. — Como define a sua orientação à frente do Ministério do Trabalho?

C. M. — A Política que prossegui foi uma política que julgo correcta, de isenção, de verdadeira defesa das classes trabalhadoras e dos interesses nacionais, de acordo com o compromisso assumido perante o Povo Português em 25 de Abril.

Tanto assim é que os ataques que me têm sido feitos são ataques caluniosos à base de vergonhosas mentiras, porque em termos políticos são incapazes de fazê-lo com um mínimo de dignidade ou verdade.

E. V. — Dentro de dias realizam-se as eleições presidenciais. Pelo contacto que teve com os candidatos militares, qual a sua opinião acerca deles?

C. M. — Serei muito breve a responder a esta sua pergunta sobre matéria tão pessoal. Dir-lhe-ei que Pinheiro de Azevedo se quiser falar, e julgo que deve fazê-lo, poderá revelar ao Povo coisas muito importantes passadas nos bastidores, nas costas deste.

Não conheço bem Ramalho Eanes e não gosto de me pronunciar sobre quem não conheça perfeitamente. Sei que se diz defensor de Justiça e não tenho sequer o direito de duvidar das suas boas intenções, mas o que já tenho é sérias dúvidas que consiga pôr em prática tais objectivos sem primeiramente se livrar de certos «apoios» para quem a Justiça não é mais do que uma mera palavra despida de qualquer sentido.

Otelo é um bom rapaz, só que às vezes fala demais. Ainda há tempo declarou ao «Tribune Socialiste», que a grande desgraça no 25 de Novembro foi o Costa Martins não ter falado com os para-quedistas depois das conversações que tivera com o General Costa Gomes. Ora eu falei mais do que uma vez com os pára-quedistas depois das conversações com o General Costa Gomes e tudo fiz para que os resultados das mesmas fossem postas em prática não só pelos pára-quedistas mas também e principalmente por outras forças...

A grande desgraça foi outra coisa...

Para finalizar esta conversa que já vai longa, não quero deixar de dizer aos trabalhadores portugueses que se mantenham confiantes mas alerta, e com amizade fraterna daqui saúdo o Povo Português.

Mesmo numa situação de exilado Costa Martins trabalha activamente para a cooperação entre Portugal e Angola

Em 11 de Março um certo número de militares desencadearam uma acção armada visando inverter o processo revolucionário português. O golpe falhou e os principais responsáveis fugiram para o estrangeiro, onde foram fundar o ELP, o MDLP e as redes terroristas que nos últimos meses têm espalhado pôr todo o país a desordem, matando e destruindo.

Em 25 de Novembro alguns militares progressistas, envolvidos em acontecimentos de natureza muito controversa e ainda não correctamente explicados, foram obrigados a fugir. Mas estes procuraram asilo nas antigas colónias portuguesas, e ao contrário dos do 11 de Março que fomentaram o terrorismo, procuraram desenvolver os laços de cooperação entre os povos das ex-colónias e o povo português e fomentar actividades a favor dos trabalhadores.

Esta diferença só por si é bastante para explicar a natureza e o sentido dos dois acontecimentos.

Entre os militares que neste momento, mesmo fora do País e afastados do processo revolucionário português, procuram ser úteis às classes trabalhadoras, é particularmente activo o major Costa Martins, que em Angola tem desenvolvido um trabalho notável na cooperação entre Portugal e aquela antiga colónia.

Há poucos dias foi descarregado em Angola o primeiro fornecimento de camionetas «Berliet» e camiões-cisterna, num total de 143 viaturas, adquiridas à Metalúrgica Duarte Ferreira, do Tramagal. Foi um negócio estabelecido com as cohissões de trabalhadores através do major Costa Martins, que já havia interferido noutras exportações para a República Popular de Angola.

Entrevistado pelo pelo «Diário de Luanda» no cais do porto de Luanda, quando assistia ao desembarque dos camiões, o antigo ministro do Trabalho afirmou àquele nosso colega angolano:

«Este é de facto um exemplo concreto da real cooperação entre os povos de Angola e de Portugal. Pena é que as disponibilidades de carga do navio, nomeadamente em capacidade frigorífica, não tivesse sido totalmente utilizada. Sei que há produtos necessários ao povo angolano que neste momento se deterioram em Portugal; sei que existem em Portugal centenas de milhares de trabalhadores desempregados, contrariamente à sua vontade, alguns vivendo em situações dificílimas e insustentáveis, enquanto Angola precisa de mão-de-obra especializada para o seu merecido desenvolvimento; sei que Portugal precisa de matérias-primas que abundam em Angola, enquanto que neste país seriam bastante bem empregues divisas que Portugal remete para países que pouco ou nada têm a ver com o Povo português».

E concluiu:

«Sempre defendi e continuarei a defender uma estreita fraterna colaboração entre nossos dois povos, não escondendo todos os outros pontos das antigas colónias portuguesas, uma cooperação recíprocamente vantajosa, base no respeito [illegible] e na ingerênci[illegible] antos in[illegible]nos de cada [illegible]dos país[illegible] As aves aguiar[illegible] com[illegible]guirão impe[illegible]ais fe[illegible]zes e su[illegible] seja[illegible] as suas ger[illegible]eração entre os povos angolano e português começa a ser realidade que traduz a vontade e determinação inquebrantáveis dos dois povos irmãos. A vitória comum será certa!»

A. V.

Nacional

Na Feira do Livro, que hoje fecha

Morte à inteligência foi (quase) o lema

MANUEL GERALDO (texto)

RUI PACHECO (fotos)

Quando, esta noite, soarem as doze badaladas, a Avenida da Liberdade assistirá ao encerramento da 44.ª edição da Feira do Livro (terceira sem o espectro da Censura). Um certame em que, contrariando o sucedido nos dois anos anteriores, os livros políticos de pendor clássico, deram lugar às obras versando sobretudo assuntos sobre a realidade nacional, de acordo com a estimativa apurada pela nossa reportagem junto aos vários expositores.

Isco ao lucro fácil, sem olhar a meios, e nunca preocupação pelo incremento e difusão de uma cultura de índole progressista, foi, por outro lado, o consenso expresso pela maioria dos visitantes com quem contactámos. Em perfeito desencontro, portanto, com o determinado na Constituição da República Portuguesa, que legisla sobre a matéria: «O Estado promoverá a democratização da Cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos, em especial os trabalhadores, à fruição e criação cultural, através de organizações populares de base, colectividades de cultura e recreio, meios de comunicação social e outros meios adequados». De que está organização anual deveria constituir, quanto a nós, veículo fundamental dadas as suas características de raiz popular. Com o livro a descer à rua.

JOGAR NO ONTEM NÃO COMPENSA

Com o início adiado pelo deflagrar de uma bomba que destruiu três pavilhões e danificou seriamente o sistema eléctrico, causando prejuízos avaliados em cerca de trezentos contos, a Feira assistiu assim à deserção de grande número dos seus frequentadores potenciais. Por outro lado o fim do mês de Maio já ia longe, com os vencimentos depauperados, por outro lado as férias levaram para longe da capital milhares de pessoas.

— *Num balanço provisório que é corroborado pelos camaradas com quem tenho contactado, embora naturalmente sujeito a rectificações posteriores, os lucros obtidos nesta edição são ligeiramente inferiores aos conseguidos o ano passado e muito abaixo dos de 74*, afirmou-nos um dos expositores.

Próximo, um comprador atento ao diálogo, observou: — *Não é de admirar, com toda essa mixórdia que para aí vai!* — E ia: «Moçambique, Terra Queimada», de Jorge Jardim; Marcelo Caetano e o seu «Depoimento»; «ELP/MDLP, o que são?», «O Equívoco do 25 de Abril», de Sanches Osório», entre dezenas de títulos de igual intenção e origem.

PERVERSÕES EVENTUALMENTE CHOCANTES

— *Se isto é socialismo macacos me mordam!* — foi o desabafo, quase irado, que escutámos a uma mulher de meia-idade ao deparar com uma obra (erótica? pornográfica? nem uma coisa nem outra, antes pelo contrário?), embrulhado em cinta flamejante, onde alguém (ao certo diplomado por qualquer escola de «marketing» livresco) se esmerava em escrever: «Este livro contém perversões eventualmente chocantes». Na paisagem Sade, Masoch, Cassandra Rios, e outros da mesma família, habitavam aos montões. Completando, à preceito, o quadro daquela Avenida chamada Liberdade, em que os vários cinemas que a ladeiam são pródigos na exibição de tal matéria. Ou os seus proprietários não fossem os mesmos (ou «parentes» próximos em intenções), de muitos dos editores e livreiros, que movem os cordelinhos na nossa terra.

Agora o recurso à transcrição de algumas opiniões sobre o certame, escutadas, ao acaso, no sobe e desce dos seus três quarteirões.

Primeira opinião: — *Eu venho todos os anos à Feira porque sou enfiado para entrar nas livrarias. Cheiram-me a luxo e eu fujo de luxo. Aqui ao ar livre, entre o arvoredo, um homem sente-se mais livre e os livros até apetecem à gente».*

Segunda opinião — *Enquanto a Feira for organizada pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, que é a percursora do ex-Grémio, isto não muda e o lucro há-de ser a meta primeira da maioria destes senhores, que se estão borrifando para a qualidade. Entre um vómito reaccionário* zida nas ondas do vento que soprava forte e frio): — *É pá, olha ali «As Crónicas de Manuel de Portugal». Ah, e lá está o Artur Agostinho, «Como fui roubado». Sim senhor não está mau. Vou comprar umas coisas!*

Como se vê (para quem não viu «in loco») a Feira do Livro deste ano foi isso mesmo: um largo, extenso, tortuoso, preocupante, estendal da «cultura» do antigamente, pincelada a rigor com os novos talentos que a 25 de Novembro fez despontar entre os saudosos discípulos de Hitler a Marcelo. Marcando o tom do que, há algum tempo, já se vinha a adivinhar nos escaparates das livrarias.

UM «FENÓMENO» CHAMADO FERNANDO PESSOA

Mas se a literatura de índole reaccionária marcou o ponto no capítulo da quantidade, em termos de exemplares expostos, foram ainda as obras de pendor progressista as que mais atraram os leitores. Apesar dos seus apreciadores serem (como é de prever) oriundos das classes economicamente mais desfavorecidas.

Livros como «Portugal Antes e Depois do 25 de Abril», de Wilfred Burchett, «Obras Escolhidas de Amílcar Cabral», «O Capital» e «O Manifesto Comunista», de Marx e Engels, «Portugal, Nem Tudo Está Perdido» dos Movimentos dos Capitães ao 25 de Novembro», do capitão Fernandes, «Portugal Depois do 25 de Abril», dos jornalistas Avelino Rodrigues, Cesário Borga e Mário Cardoso, atingiram, por exemplo, vendas consideráveis. Bem assim como obras de ficção, da autoria de Manuel da Fonseca, Soeiro Pereira Gomes, Urbano Tavares Rodrigues, José Gomes Ferreira, Maria Judite de Carvalho e Alves Redol.

Por outro lado, António Alçeixo, Sebastião da Gama e, sobretudo, Fernando Pessoa, continuam a constituir autênticos «best-sellers», à semelhança do que já vinha acontecendo de anos anteriores. Numa resposta inequívoca aos que ainda defendem não ser a poesia vendável.

Também a Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), com um pavilhão na Feira, atingiu resultados interessantes, ao conseguir colocar alguns milhares de exemplares dos dois únicos autores apresentados: capitão Calvinho, com «Trinta Facadas de Raiva» e Sá Flores «Canto à Revolução», ambos poetas, e de igual modo elementos preponderantes na dinâmica daquela instituição.

Ao apostar num lema que poderia ser sintetizado num quase grito (passe o exagero) de «Morte à Inteligência!», a Feira do Livro jogou a partida com um dado viciado. E perdeu. Como perderão, em termos progressistas (claro) todos aqueles que pretenderem conciliar o inconciliável: lucro e cultura.



A Feira do Livro entre grades? Apenas uma protecção metálica aos canteiros da Avenida. Entre grades parecem ter estado as obras progressistas quase «afogadas» perante a profusão dos «novos talentos» que o 25 de Novembro viu nascer e que o certame deste ano fez ponto de honra em apresentar em quantidades verdadeiramente astronómicas



«Depoimento» de Caetano em queda vertical. Ou a prova do desinteresse dos leitores pelas vozes do antigamente.

FÉRIAS NA PRAIA
TORREMOLINOS
1 SEMANA
PARTIDAS:
Julho 4 11 18 e 25
Agosto 1, 8, 15, 22 e 29
Setembro 5 e 12
Preços excepcionais desde
2.500$
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
LISBOA
PORTO
COIMBRA
FARO
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

"Esclarecimento" de Agronomia sobre as "Obras" de Amílcar

Publicou o «DL» de 8 do corrente uma notícia desenvolvida sobre o lançamento das «Obras Escolhidas» de Amílcar Cabral no mercado português, que concluia com uma referência à tese de licenciatura, em Agronomia, do fundador do PAIGC.

Textualmente, escreveu-se que **seria de todo o interesse fazer um esforço para encontrar, pelo menos, a tese de licenciatura de Amílcar Cabral, sobre o Alentejo. Deve andar perdida pelo Instituto Superior de Agronomia onde Amílcar concluiu o curso».** E sobre o assunto, nem mais uma vírgula.

Ora, passados 15 dias, envia-nos o Conselho Directivo do Instituto Superior de Agronomia, com pedido de publicação, um texto dito de esclarecimento onde, em substância se diz **estarem na Biblioteca do Instituto, à disposição de qualquer consulente, desde 1951, três exemplares do relatório final em questão, um dos quais convenientemente resguardado mediante encadernação, como é de norma em trabalhos desta natureza.**

Mas o signatário do «esclarecimento», R.P. Ricardo, aproveita a circunstância para, em longas 34 linhas de texto, apontar à notícia e ao seu autor intenções que não podem objectivamente ler-se na breve referência ao ISA. Nomeadamente, fala de **notória e surpreendente preocupação de induzir os leitores à conclusão lamentável de que no Instituto Superior de Agronomia o relatório final** afirma que (...) **o artículista empenha-se em dar relevo à preocupante possibilidade de estar a tese de licenciatura perdida em Agronomia para mais adiante, pesaroso, mas ainda com uma réstea de esperança opinar ser de todo o interesse (...); e, com a decepção magoada de quem não pode corrigir inveterados, desleixos, desabafa — deve andar perdida...**

Noutro ponto, que a prosa é extensa, insiste nos **estranhos objectivos do autor do artigo ao insinuar uma reprovável incúria se não mesmo inconfessáveis propósitos de descaminho do trabalho escolar em causa** e nos **infundados temores do articulista.**

Para além da satisfação por se saber a bom recato o relatório final do curso de Amílcar Cabral, subinhamos, apenas que cada um tira das coisas e dos factos, no caso, de uma breve referência, no final de notícia desenvolvida, as conclusões que as suas reservas mentais e hábitos de convivência lhe permitem na certeza de que ficam apenas com quem as tira. Sem essas reservas mentais, talvez se compreendesse que a expressão **deve andar perdida por** também significa **estar por lá** (ainda que encadernada e bem guardada), ou seja, sem o destaque e a divulgação pública que porventura justifique.

Mas já agora, tão cioso como parece o Conselho Directivo do ISA dos seus pergaminhos, que diz à ideia de enviar uma cópia, ou fotocópia, do relatório de Amílcar Cabral à direcção do PAIGC para eventual futura publicação?

Estrangeiro

DURANTE DOIS DIAS

Cimeira económica ocidental na ilha de Porto Rico

SÃO JOÃO (Porto Rico), 26 (R) — Dirigentes mundiais chegaram hoje a esta ilha nas Antilhas para travar sete horas de conversações sobre economia às quais elementos das delegações afirmam que não produzirão quaisquer declarações importantes ou grandes planos.

Críticos em Washington do Governo de Gerald Ford afirmaram que o presidente propusera a cimeira entre sete nações com o fim de reforçar o seu prestígio político durante um ano de eleição nos Estados Unidos.

Contudo, o secretário norte-americano do Tesouro, William Simon, e outros membros do Governo desmentiram essas críticas. O Mundo enfrenta ainda algumas questões económicas — observou Simon.

Fontes afectas à conferência disseram que os dirigentes do Japão, República Federal Alemã, Grã-Bretanha, Itália, França, Canadá e Estados Unidos discutirão formas de assegurar que continue a recuperação económica mundial sem aumentar a inflação e que melhorem as relações entre o Leste e o Oeste e os elos económicos com os países em vias de desenvolvimento.

A cimeira de dois dias inicia-se amanhã.

Essas fontes notaram que formas de ajudar a economia periclitante de Itália e de apoiar a lira não estariam incluídas na agenda mas que seriam discutidas por vários dirigentes com o primeiro-ministro italiano, Aldo Moro.

Ford, o primeiro dos chefes mundiais a chegar hoje, às 17 horas, propôs a cimeira para «traçar a rota que manterá a recuperação económica em andamento para uma média saudável e firme».

Membros dos grupos avançados das delegações nacionais observaram que as conversações formais não conduziriam a quaisquer reformas económicas importantes ou provocariam grandes cabeçalhos nos jornais.

Se a conferência fornecer um método mais coordenado de dar auxílio a nações em vias de desenvolvimento e mostrar sinais de maior cooperação económica entre as principais potências, o Governo de Ford considerará a cimeira de Porto Rico como tendo obtido êxito, salientou um funcionário norte-americano.

Os dirigentes mundiais, que travarão conversações no Hotel Dorado Beach, a cerca de 30 quilómetros de São João, sob um severo dispositivo de segurança, disporão de muitas coisas para afastar os seus pensamentos dos problemas económicos.

Um campo de golf, piscinas e 20 campos de ténis estão escondidos pela sombra das palmeiras que existem em todo o terreno do hotel.

Os turistas, que enchem as praias, nos meses quentes do Inverno, fugiram há muito, do sol escaldante.

Porto Rico, que tem uma associação de comunidade com os Estados Unidos, dispõe de menos de um mês para organizar a cimeira e linhas de comunicação e microfones estavam ainda a ser instalados antes dos estadistas começarem a chegar.

Cartazes colocados apressadamente nas ruas de São João dão as boas-vindas aos dirigentes mundiais nos seus próprios idiomas. Nota curiosa: após demorada busca nesta ilha, onde se fala predominantemente o espanhol, lá se conseguiu encontrar um professor capaz de escrever bem-vindo em japonês.

Aumento de preços na Polónia anulado após greves

VARSÓVIA, 26 (R.) — O governador polaco desistiu de planos de aumentos até 100 por cento nos preços dos géneros alimentícios, após uma série de grandes greves contra essas propostas.

Trabalhadores protestando contra os aumentos, anunciados na quinta-feira, arrancaram linhas férreas nos arrabaldes de Varsóvia e afirmaram que se poriam em greve em todo o país.

Os manifestantes tiraram as linhas e erigiram barreiras nas vias férreas, a 30 quilómetros da capital, fazendo parar comboios locais e o expresso Paris-Varsóvia.

As manifestações constituíram um desafio ao governo do Edward Gierek, o secretário-geral do Partido, que ocupou o Poder, em 1970, após desordens também por causa de alimentos, em que perderam a vida 44 pessoas.

O primeiro-ministro Piotr Jaroszewicz, anunciando a retirada dos aumentos, ontem, à noite, disse que o governo faria novo estudo da proposta de lei, o que demoraria vários meses.

Grevistas declararam que operários das fábricas de automóveis e estivadores da costa do Báltico se achavam paralisados. Um observou: Toda a Polónia está hoje em greve.

Prometeram não voltar ao trabalho até os aumentos de preços serem reduzidos ou cancelados totalmente.

Na sua comunicação pela rádio, que durou um minuto, o primeiro-ministro disse que os aumentos de preços eram uma proposta e não uma decisão final.

Prosseguiu: «Tenho a certeza de que toda a comunidade e, acima de tudo, a classe trabalhadora receberão esta decisão como outra confirmação dos princípios democráticos pelos quais se guiam o partido e o governo na sua política social».

Uma sessão especial do Sejm (Parlamento), marcada para hoje, a fim de debater os detalhes dos aumentos dos preços, não se efectuará já provavelmente, embora o seu cancelamento não fosse anunciado oficialmente.

Trabalhadores notaram que os aumentos dos preços atingiam em média 60 por cento.

A decisão de ponderar sobre os aumentos pareceu ser uma vitória para os trabalhadores, em greve, e o Partido Comunista enfrenta agora uma revisão básica da sua política económica.

Registaram-se poucos casos, nos últimos anos, em que um PC da Europa Oriental viu tão dramaticamente anulada uma medida crucial. A decisão revelou a fragilidade da lealdade da classe trabalhadora para com o Partido.

Contudo, com a anulação do programa de aumento dos preços dos víveres, a Polónia defronta ainda os mesmos problemas económicos. Técnicos afirmam que a economia do país não pode continuar a subsidiar comida barata, gastando 100 000 milhões de zlotes por ano.

O objectivo principal do programa era poupar dinheiro para investimentos na produção agrícola, a fim de se acompanhar a crescente procura de alimentos.

O governo comunicou também que sem a subida dos preços dos víveres não haveria aumentos de salários.

VOTAÇÃO IMPORTANTE

As Cortes espanholas reúnem-se no dia 6

MADRID, 26 (ANOP e R) — O projecto de lei de modificação de alguns artigos do Código Penal será votado no plenário das Cortes, convocado para o próximo dia 6.

Esta data torna-se importante, pois, da aprovação ou não da reforma desse artigo, depende não só a entrada em vigor da Lei de Associação Política, que legaliza a existência de partidos políticos em Espanha, como a sua amplitude.

No plenário anterior, através da acção da extrema direita, que conseguiu dar uma espécie de golpe e atrasar sensivelmente o processo reformista do Governo, o projecto de lei foi desviado para a Comissão de Justiça para redacção, de acordo com os princípios genéricos aprovados.

A Comissão que trabalhou em regime de urgência entregou ontem o projecto e algumas sugestões em que propõe um texto mais aberto e não refere os partidos que «defendem o totalitarismo ou recebem ajuda do exterior» que se pretendia aplicar contra o Partido Comunista.

Na redacção agora proposta apenas se referem os que são «contra o pluralismo associativo».

Não se sabe ainda como será apresentada essa sugestão, que deixará mais margem de amplitude para possibilitar a legalização deste partido.

Ontem à noite, o grupo principal da oposição em Espanha denunciou como antidemocrática a nova lei sobre partidos políticos.

A comissão executiva da Coordenação Democrática, que agrupa partidos da oposição desde os comunistas até aos democratas-cristãos, declarou que a lei era discriminatória e limitava a liberdade de acção dos partidos autorizados.

Também o Partido Comunista Espanhol reconheceu ontem que a nova lei de associação pode dividir a oposição, e negou ter mantido contactos com o Governo.

Durante um almoço que contou com a participação de 40 jornalistas e durante o qual falou Manuel Azcarate, membro do Comité Executivo do P. C. E., este disse que a Lei de Associação representa «um perigo real» para a oposição pela possibilidade de divisão que representa, uma vez que os socialistas provavelmente a aceitarão.

Assinalou também que, se o Governo persistir em não reconhecer o P. C. E., este poderá reconsiderar a sua actual política e passar a outra de mobilização de massas.

Caleidoscópio

■ BEIRUTE, 26 (ANOP) — Prossegue a mais cruenta batalha da guerra civil libanesa, com guerrilheiros palestinianos e cristãos falangistas combatendo junto de dois campos de refugiados a Sueste de Beirute.

Uma emissão de rádio dos falangistas acusava os militares líbios da força de manutenção da paz árabe de combaterem ao lado dos palestinianos na batalha que se arrasta há quatro dias.

■ LONDRES, 26 (ANOP) — A Grã-Bretanha aceitou ontem um pedido norte-americano apresentado por Henry Kissinger para que Londres desempenhe um papel central na busca de paz entre brancos e negros e de estabilidade na África Austral.

■ BUENOS AIRES, 26 (R) — A junta militar da Argentina voltou a impor a pena de morte por fuzilamento para os assassinos de funcionários do Governo civil e judiciais ou militares.

■ EDIMBURGO, 26 (R) — O presidente Giscard D'Estaing regressou ontem a Paris, no termo de uma bem sucedida visita oficial de quatro dias à Inglaterra e da primeira de um chefe de Estado francês à Escócia.

■ NAIROBI, 26 (R) — O marechal Idi Amin, dirigente do Uganda desde 1971, foi ontem proclamado presidente vitalício.

■ ROMA, 26 (R) — O Partido Social-Democrático Italiano, que sofreu uma pesada derrota nas eleições gerais do último fim-de-semana revelou que vai suspender a publicação do seu jornal, «L'Humanità», por razões económicas.

África do Sul: 176 mortos nos recentes motins

JOANESBURGO, 26 — (ANOP) — Os motins negros que agitaram durante uma semana diversas cidades da África do Sul custaram 176 vidas, incluindo dois brancos — anunciou ontem o ministro sul-africano Jimmy Kruger.

Dando números oficiais sobre a onda de violência, Kruger acrescentou que os motins causaram 1139 feridos e originaram 1298 prisões.

Kruger reafirmou declarações anteriores de que os «motins foram planeados» para coincidir com a partida do primeiro-ministro John Vorster para a Alemanha Federal para conversações com o secretário norte-americano de Estado Henry Kissinger.

Entretanto, um grupo de professores negros e dirigentes cívicos de Soweto, cidade onde começaram os motins, declararam que a calma não regressaria à localidade senão quando fosse suspenso o ensino obrigatório do «Afrikaans» nas escolas, motivo para o início da agitação.

A delegação, composta por 30 pessoas, avistou-se em Joanesburgo com o secretário da Educação Africana, Johannes Rousseau, para discutir a questão da língua.

Os delegados entregaram a Rousseau um memorando no qual afirmam que o Governo foi repetidamente avisado da posição antagónica dos negros face ao «afrikaans» — «língua do opressor».

Rousseau prometeu estudar mais a fundo a questão.

RELATÓRIO DA O.C.D.E.

Países pobres não podem alimentar-se sem auxílio

PARIS, 26 (R.) — Os países em desenvolvimento não podem alimentar-se, e terão de depender cada vez mais das ofertas de alimentos de nações mais ricas, se continuarem as actuais tendências de produção, de acordo com um relatório da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico da OCDE).

Acrescenta, contudo, que aquelas ofertas não podem ser forma permanente de assistência.

Sem elas, todavia, países como a Índia, Bangladesh, Paquistão e as nações do Sahel, afectadas pela seca, na África, terão extrema dificuldade em satisfazer as suas necessidades — salienta o relatório da OCDE, que agrupa 24 importantes países industrializados.

O relatório afirma que os países pobres enfrentam défices alimentares incontroláveis, devido aos seus níveis nacionais de produção não melhorarem e se agravarem os problemas de nutrição. A sua produção alimentar entre 1970 e 1975, por exemplo, situou-se abaixo da média dos anos 60.

A solução última para os problemas alimentares nos países pobres apenas pode resultar o aumento da produção e da melhoria das economias, segundo o relatório.

No entanto, isto levará algum tempo a alcançar, e o relatório dá o seu aval ao alvo anual de dez milhões de toneladas de auxílio alimentar estabelecido pela Conferência Mundial de Alimentação em 1974.

Tito deixa de boicotar conferências comunistas

BELGRADO, 26 — (R.) — O presidente Tito participará na cimeira comunista europeia em Berlim Oriental na próxima semana, pondo termo ao boicote iniciado pela Jugoslávia há 19 anos a conferências internacionais comunistas, segundo foi anunciado ontem.

Observadores opinaram que a decisão do dirigente jugoslavo, de 84 anos, de se deslocar pessoalmente indica que ele não receia que isso seja considerado como rendição à pressão soviética.

Em conversações preparatórias nos últimos 20 meses, os jugoslavos estiveram à cabeça da oposição aos esforços soviéticos para que a cimeira adoptasse um documento reconhecendo Moscovo como centro de movimento comunista internacional. Os Jugoslavos tiveram o auxílio dos partidos romeno, italiano, francês e espanhol.

Círculos informados declararam que os russos cederam e satisfizeram as condições jugoslavas de participação, o que significa que cada partido mantém o direito de prosseguir o seu próprio estilo de comunismo. A alteração atrasou em um ano a reunião.

REUNIÃO NA TERÇA E QUARTA-FEIRA

BERLIM-LESTE, 26 — (R.) — A primeira conferência comunista europeia em nove anos esteve finalmente a luz verde, deixando aos seus anfitriões berlinenses menos de uma semana para os necessários preparativos.

Os chefes de 28 partidos comunistas de países desde o minúsculo são marinho até à vasta União Soviética efectuam a sua longamente aguardada cimeira na terça e quarta-feira próximas, os dois últimos dias de Junho.

Delegados dos partidos participantes anunciaram a data anteontem, depois de uma sessão preparatória final, a última de uma série de 12 realizadas em Berlim-Leste desde Fevereiro de 1975.

Espectáculos

Noite de órgão na Sé Catedral

O organista francês A. Sibertin-Blanc participa no concerto que terá lugar na terça-feira, às 21.30, na Sé Catedral de Lisboa, num programa que insere obras de Bach, Bruhns, Marcel Dupré e Olivier Messiaen.

A. Sibertin Blanc, um artista conhecido no nosso meio musical, titular do grande órgão da Sé Patriarcal, da Igreja de S. Luís dos Franceses, e professor das classes de órgão, harmonia e improvisação do Centro de Estudos Gregorianos, que promove este concerto, será intérprete de obras do maior interesse.

A entrada é livre.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES

Rua das Gaivotas, 6 — Telef. 60 66 97
Rua do Conde Redondo, 22, 1.º — Telef. 55 65 30
LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os professores de todos os sectores de ensino para um plenário geral a realizar no dia 29 de Junho, pelas 21.30 horas, no pavilhão Gimnodesportivo do CDUL (cidade universitária) com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Análise da 2.ª resposta do MEIC ao caderno reivindicativo.
2. Formas práticas de acção.

NOTAS: 1 — Para que o plenário seja funcional as propostas devem ser entregues no sindicato até às 21 horas do dia 28/6/76, havendo reunião a partir dessa hora para compilação das mesmas.

2 — O adiamento deste plenário deve-se por um lado ao facto das salas susceptíveis de serem utilizadas se encontrarem reservadas para a campanha eleitoral, festival de Música (Reitoria) e exposição (FIL) e por outro lado à impossibilidade de se realizarem reuniões de massas 48 horas antes do acto eleitoral.

ASSINA: A COMISSÃO DIRECTIVA

TAKY CREME DEPILATÓRIO

ENCONTRA-SE REABASTECIDO O MERCADO

SOCIEDADE «ESTORIL»

LINHA DE CASCAIS

AVISO

Para execução de trabalhos de renovação da via, nos dias 23, 24, 25, 28 e 29 de Junho, no troço Paço de Arcos-Oeiras, a circulação de comboios, das 10.30 às 12 e das 15 às 16.30 horas, far-se-á apenas por uma das vias, com os atrasos daí resultantes.



SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSON — Organização especializada em prótese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.
PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

A luta continua

«Os *patriotas* que estragam Portugal; e não há maneiras de nos vermos livres deles.»

Fernando Lopes-Graça
(Carta a Câmara Reys, 1931)

«O que fez a grandeza da Grecia não foram os seus generais; foram os seus filósofos, os seus artistas, os seus políticos (...)»

Fernando Lopes-Graça
(*Da noção de pátria*, 1930)

«...o inimigo que nos belos tempos da nossa cruzada musical se chamava o Oportunismo, a Intriga, o Academismo, a Futilidade, a Estupidez, a Rotina, o Favoritismo, a Maldade, a Simonia.»

Fernando Lopes-Graça
(Carta a *um amigo e antigo companheiro que traiu a sua fé artística*, 1944)

A música tem que ver com a política, porque a política da música depende dos responsáveis que são elevados a cargos de direcção cultural pelo Governo. Durante o fascismo, na música, como em todas as manifestações de cultura, o Povo Português sofreu as consequências da «política do espírito» do Estado Novo. As direcções fundamentais da obra de destruição exercida foram as seguintes:

Liquidação do Conservatório Nacional, colocando à frente dos seus destinos um perfeito idiota, da confiança do Governo salazarista, sem a menor craveira intelectual ou artística, afastando o vice-director Luís de Freitas Branco, após a aposentação de Viana da Mota, por ser um «homem de esquerda», colaborador de *O Diabo*, amigo de António Sérgio e Bento Caraça; impedindo de ensinar, por idênticos motivos anticomunistas um jovem artista chamado Lopes Graça, apesar de qualificado em primeiro lugar em todos os concursos e premiado com as mais altas classificações (v. g. em Piano e Composição); suprimindo a Reforma de 1919 (devida a Freitas Branco e Viana da Mota) e reduzindo o ensino da música à sua expressão mais rudimentar.

Colocação das diferentes instituições musicais oficiais (S. Carlos, E. N., etc.) ao serviço de uma acção conservadora, baseada na rotina e no consumo das classes privilegiadas.

Elaboração de uma noção de cultura musical oficial, unicamente destinada a servir os desígnios propagandísticos do regime, traçados por António Ferro ou por Moreira Baptista, «cultura musical» essa assente nos seguintes pilares: a) exaltação da *pátria* imperialista e colonialista; b) exploração da *demagogia*, como capa da mediocridade e da intenção reaccionária; c) preversão da cultura popular, transformando-a em mercadoria turística; d) criação de falsos mitos; e) tráfico de influências e cumplicidades. Alguns factos comprovativos: o «Festival de Música», integrado nos «30 anos de cultura portuguesa», patrocinado pelo S. N. I., organizado pela Emissora Nacional de Radiodifusão; os «serões para trabalhadores» e outras manifestações musicais da F. N. A. T.; as encomendas oficiais a compositores portugueses; o «folclore» de exportação, o mito do fado-canção nacional, o mito Amália; o dirigismo e a repressão sobre os músicos...

A generalização no meio musical de uma atitude de anticultura, utilizando a música-arte como mero pretexto de mundanismo e promoção pessoal, fazendo da música ligeira mais ordinária o prato forte de distracção do Zé Povinho, tido por ignorante e abúlico, e destruindo com o gosto comercial da contrafacção o nosso patrimonio etnomusicológico. A imporovisação, o amadorismo, o desprezo pelo trabalho criador dos melhores músicos portugueses, a estupidez militante, foram os traços que, dentro dessa «orientação», caracterizaram os dirigentes musicais do regime fascista.

A RECUPERAÇÃO REACCIONÁRIA DOIS ANOS DEPOIS

Já na década de cinquenta, surgiu a Fundação Gulbenkian. Esperava-se um reforço do movimento cultural (só por ser cultural, era também de resistência antifascista) que, encabeçada por Lopes Graça, lutava há mais de vinte anos contra toda esta degradação, a um tempo política e musical. Mas não: absorvida em breve pela máquina do Estado, graças ao colaboracionismo crescente do seu conselho de administração (o caso da Sociedade Portuguesa de Escritores foi paradigmático, e, por sinal, Lopes Graça logo o denunciou com vigor, a Fundação acabaria por transformar-se numa espécie de depência de luxo do S.N.I. ou da S.E.I.T. À parte alguns aspectos inevitavelmente positivos, a acção da Gulbenkian degenerou em caciquismo, pessoalismo e, até provincianismo, a juntar-se a concorrer com os já existentes no nosso meio.

Dois anos após o 25 de Abril, não se pode dizer que alguma coisa de substancial se tenha alterado, no domínio da música. O movimento de consciencilização propriamente musical (profissional e artística) representado, nas palavras e nas acções, por Lopes Graça, e pelo grupo de artistas que em 1973 elaborou o manifesto «Pela música em Portugal», continuou marginalizado dos centros de decisão. Hoje, quem ganha posições, quem é ouvido, quem mais influência pode ter nos destinos da nossa cultura musical, não é Lopes Graça, nem a crítica progressista provada na luta contra a censura e o compadrio, nem as estruturas democráticas (sindicais e outras) a que se encontram ligados os músicos portugueses: é a mesma linha reaccionária que ontem pontificava. A continuarmos assim, talvez um dia a história venha a concluir, feitas todas as contas, que o senhor José Manuel Cásqueiro, do CAP, terá pesado mais nos destinos da nossa política musical do que Fernando Lopes Graça... Na medida em que as entidades oficiais têm tanto medo do primeiro e continuam a ignorar a lição do último. Na medida em que a recuperação dos sórdidos interesses que o primeiro representa pode resultar o regresso ao Estado fascista que reprimiu o último que o reprimiu como cidadão, como artista e como pedagogo.

Mas, senhores responsáveis da Secretaria de Estado da Cultura, da Radiodifusão Portuguesa, do S. Carlos, da Gulbenkian, se sois ignorantes nestas questões, porque não dedicais algum tempo do vosso trabalho, já não digo a ouvir, mas a *ler* os escritos de Lopes Graça, a informar-vos criteriosamente sobre o passado recente da nossa cultura musical, enfim, a examinar democraticamente os problemas, em conjunto com os nossos músicos e com as suas estruturas representativas?

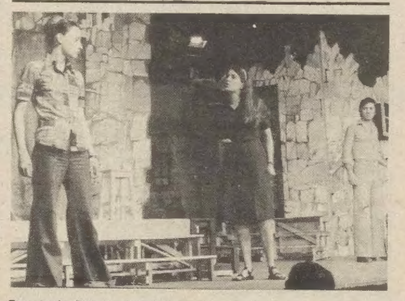
Está dentro da razão quem está com o futuro. E não pode estar com o futuro quem insiste em velhos métodos, herdados directamente dos caciques fascistas. Organizar um programa com a *História Trágico-Marítima* e Lopes Graça, votando ao mais completo desprezo a qualidade e as condições da sua realização — como ainda recentemente fez o S. Carlos — simplesmente ofensivo da integridade artística e profissional dos músicos portugueses: desde o compositor aos instrumentistas e coralistas que o interpretaram, passando pelo Solista Oliveira Lopes, que, de resto, reeditou o seu êxito da Hungria por ocasião da gravação desta mesma obra.

Entretanto, porém, existe hoje um já largo movimento de profissionais da música de vários ramos, dispostos a retomar a luta. Entre as diferentes acções que têm levado por diante, conta-se a constituição de uma associação para a divulgação da música de câmara ADIMUS — cujo escopo consiste precisamente em lançar uma acção musical responsável e coerente, no duplo aspecto da seriedade do trabalho artístico e do exercício de uma função social efectiva.

No seu último concerto, a ADIMUS apresentou a sua orquestra, na qual têm lugar alguns dos mais conscientes e apetrechados instrumentistas portugueses. Revelou-se, desde logo, um valor de primeiro plano no panorama da nossa vida musical. Esta orquestra existe por vontade de intervenção dos músicos que a compõem e que recusam deixar-se afogar no marasmo da mediocridade e da rotina em que a burocracia tenta mergulhá-los. Fazem música, colectivamente, no melhor estilo. Ao escolherem Álvaro Salazar para dirigir o concerto, fizeram justiça a um dos mais sólidos chefes de orquestra que tentam carreira no nosso país. Álvaro Salazar estuda e analisa até à exaustão. Incapaz de explorar a ingenuidade do público ou dos colegas com atitudes espectaculares ou demagógicas, quando lhe é dada oportunidade de dirigir dirige com eficácia e correcção interpretativa. Mas Álvaro Salazar é um *outsider* relativamente a toda a engrenagem que vem de trás. Limitou-se a assumir tranquilamente a sua responsabilidade, a trabalhar, a estudar (obteve ainda há pouco em França uma alta distinção como chefe de orquestra). Os burocratas portugueses não gostam dele. Procuram evitar que ganhe experiência à frente das nossas orquestras, talvez para assim se protegerem de alguém que sabem incapaz de transigências com a improvisação, o amadorismo e a demagogia reinantes.

A importância deste concerto, em que a orquestra tocou Corelli e Telemann (aqui com uma admirável colaboração solística de Carlos Franco), e em que o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa confirmou o êxito da última obra de Peixinho (*Elegia*), foi demonstrar a existência de um punhado de bons músicos, capazes de se organizarem para lutar pela dignificação da sua arte, à margem e contra as estruturas caducas que os reprimem.

Enfim, a música tem que ver com os políticos, porque a própria consciência dos valores musicais (e culturais) abre a perspectiva das grandes transformações sociais e mostra como, para defender a música, é preciso não voltar costas à política. E esta não é a menor lição de Lopes-Graça.



Ermelinda Duarte, Lia Sena e Virgílio Castelo numa cena de «A grande cegada»

"A grande cegada" estreia quarta-feira

Estreia já na próxima quarta-feira a nova revista do Adoque, «A grande cegada», na linha de continuação dos espectáculos anteriores, «Pides na grelha» e «CIA dos cardeais».

A revista é da autoria de Ari dos Santos, César de Oliveira Ferro Rodrigues, Francisco Nicholson e Gonçalves Preto, e tem música de Braga Santos, Correia Martins e Joaquim Luís Gomes, sendo a coreografia de Fernando Lima. A realização plástica é de Maria Helena Reis. O elenco é constituído por Francisco Nicholson, Ermelinda Duarte, António Montez, Maria Tavares, Henrique Viana, Magda Cardoso, Fernando de Oliveira, Lia Sena, Fátima Veloso, Natália de Sousa, Virgílio Castelo, Daniel Filipe, Maria Bermudes, Vina Godinho, Clarisse Machado, João Miranda, Ana Margarida, Alison Bamford, Alice Carlos Bombom.

Televisão

Canal da Crítica

POR MÁRIO CASTRIM

PARA MELHOR CONHECER A "GENTE DESCONHECIDA"

«Sempre em absoluto acordo com as críticas. Um reparo, porém, se reparo é.

«No programa de domingo Unbekannte Buerger (tradução livre e exacta: *Gente simples*) a tia Herta falou um alemão tipicamente... federalmente americanizado, enquanto Mutter Stark fala um alemão que faria inveja a um Goethe! Donde uma lição a tirar: na independência da R.F.A. perdeu-se a indspendência cultural, enquanto na «colonizada» R. D. A. se conserva a totalidade da sua independência. Note-se que sendo Rostock uma zona de *plattdeutsch*, até ressalta muito pouco e só na pronúncia dos trabalhadores portuários. Nota de extraordinário realismo que assim afasta a *Buehnenaussprache* para a heroína e só na 2.ª parte, isto é, depois de ela ter vindo de Berlim, com as primeiras lições de teatro.

«Mais um pormenor: *em see* não significa *até ao mar*, mas sim *junto do lago*. Quem faz as traduções? Sei que é difícil sintetizar o diálogo rico em distinções psiquicológicas e até em atitudes e entoações: mas ao menos ninguém deveria ser levado a supor que em Berlim se fosse dar uma passeio de uns minutos até ao mar...

«Outro aspecto do realismo está em Frau Krueger: ainda que falando um alemão correcto — como aliás todas as «personae dramatis» — fa-lo com um sotaque estranho que não se aprende à primeira. A explicação está na própria interrogativa de Frau Stark e na resposta da hospedeira de sua filha: é vienense, fala com o acento que lhe é próprio. Mas fala-o com uma divergência intensa, que não a notada entre a influência do *plattdeutsch* a gente simples de Rostock e o alemão bismarckiano. Explicação simpes: a idade já avançada de Frau Krueger faz que ela tenha nascido austríaca, mas da Austria Imperial, daquela Austria onde, ainda que a língua oficial fosse o alemão, as leis de Bismarck tendentes à unificação linguística não vinham entrando em vigor, daquele Austria que, com a Baviera católica, permaneciam agarradas à tradição que também vingara em solo latino — o semianalfabetismo.

«A sátira do *estimulador* por 3200 marcos é trágica. O estimulador cardíaco «pacemaker» não traduzido; aparelho usado actualmente por um alto dirigente soviético — custou aquela avultada quantia em Goettingen, Alemanha... americana, centro universitário onde outrora se concentrou a maior quantidade de prémios Nobel jamais vista em uma só universidade. Nessa universidade o valor da ciência é tal que desafia o valor do dinheiro, mas este está no galarim. Só resta aos investigadores e aos clentistas uma solução: uma migração ao invés das proclamas da imprensa ocidental: o «MURO» é passado de ocidente para oriente, e na pequena Universidade de Rostock são acolhidos os que, tendo salvo um dia o sr. STARK à custa do dinheiro dele, vão agora salvar a senhora Krueger à custa do ESTADO; sem perguntar à paciente se ela era da Austria de Hitler, se da Baviera de Himmler, se de outro qualquer ponto da martirizada Alemanha: daqui a ida de Frau Stark ao hospital universitário de Rostock para agradecer à atónita equipa o facto de ali estar. Daqui o ter ela mais uma vez compreendido que estava perante uma Humanidade nova, perante um conceito novo de Humanismo; daqui a forma mais veementemente altaneira de receber a tia Herta. Daqui a força para invectivar os jovens.

«O comunismo é uma dissolvente da família? Muito pelo contrário: se relega para o 2.º plano o ritualismo do casamento — sem o negar todavia: as alianças são atiradas ao mar como quem atira ao lixo coisa velha em desuso — a família constitui a verdadeira base celular da comunidade comunista, e o casamento é o compromisso de ambos perante essa comunidade que assegura a base estrutural de toda a sociedade socialista. Pedrinhos-testemunhas para quê? A amizade dos companheiros, a colegialidade dos camaradas estará lá para numa ruidosa manifestação de buzinas de camiões dar os parabéns ao casal, separado pelas funções materiais e circunstanciais — ele devorando quilómetros ao volante do seu grande «cargo», ela sobre o palco dos teatros — mas ambos unidos num só objectivo: o filho, que é o cidadão futuro daquela sociedade socialista sem classes em que o intelectual ou o artista colabora de mãos dadas com o artífice ou o trabalhador braçal. Mais, ela, a artista, comparticipará de ambos na medida em que, estudando um Sófocles ou um Shakespeare, melhor interpretará um Hauptmann ou um Brecht e as ansiedades e cuidados do povo simples (besorgt, palavra também mal traduzida)

(Hernani Dias da Silva)

MISTÉRIO DO RADIADOR

MOTE

Afirmo como instrutor,
De homem, senhora ou menina,
No radiador dum motor
Corre água, e não gasolina.

I

O senhor ministro das Finanças
Dr. Salgado Zenha,
Mete água e queima lenha
Em conversas de poupanças.
Pois em concurso de danças
Quem não dançar a primor,
Não sairá vencedor,
Na dança não deve entrar
Sem primeiro ter que ensaiar
Afirmo como instrutor.

II

Quem te manda sapateiro
Tocar tão mal rabecão!...
Lá diz o velho rifão
De um popular cancioneiro.
Será sempre trapaceiro
Quem aprender concertina,
Ir construir uma tina
Na falta do tanoeiro,
Quir fazer um roupeiro
De homem, senhora ou menina.

III

À memória me surgiu
Mais um rifão aqui cabe...
Ninguém diga o que não sabe

Continua na pág. 18

PUB

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

Secretaria de Estado dos Transportes e Comunicações
Direcção-Geral da Aeronáutica Civil

AEROPORTO DE LISBOA

AVISO

Concurso público para arrematação da empreitada de «Instalações para as Companhias Gasolineiras no Aeroporto de Lisboa — Alterações nas Garagens»

Faz-se público que perante o Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa se acha aberto o concurso em epígrafe, nas seguintes condições:

Depósito provisório: 36 465$00

Prazo de apresentação de propostas: 30 dias a contar da data da primeira publicação do presente AVISO.

Abertura das propostas: às 15 horas do primeiro dia útil findo o prazo dos 30 dias para apresentação das mesmas, na Biblioteca do Aeroporto de Lisboa.

Alvarás exigidos: 1 Categoria ou 1 Subcategoria da 1 Categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

Locais de consulta do processo: em todos os dias úteis e nas horas de expediente na Secção de Expediente do Aeroporto de Lisboa ou na 3.ª Repartição da Direcção do Serviço de Obras, no Edifício n.º 4 do Arruamento «B» do Aeroporto de Lisboa.

Aeroporto de Lisboa, 21 de Junho de 1976

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

PUB

ENCONTRO NACIONAL

COMISSÕES DE TRABALHADORES DE EMPRESAS COM INTERVENÇÃO DO ESTADO, NACIONALIZADAS E COM CONTRATOS DE DESENVOLVIMENTO — C. CIVIL

ORDEM DE TRABALHOS:

1.ª SECÇÃO — REESTRUTURAÇÃO DAS EMPRESAS COM INTERVENÇÃO DO ESTADO E NACIONALIZADAS

2.ª SECÇÃO — CONTRATOS DE DESENVOLVIMENTO DE HABITAÇÃO

DIA 30 — QUARTA-FEIRA — 9 HORAS

GARAGEM J. PIMENTA — REBOLEIRA — AMADORA

SECRETARIADO PROVISÓRIO PRÓ-CONSELHO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Hoje



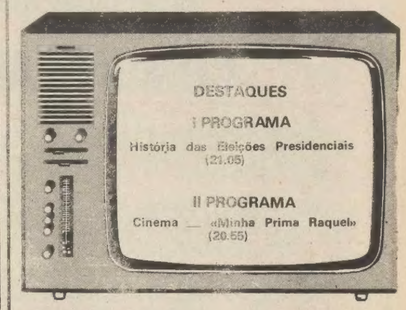
«Minha Prima Raquel»

I PROGRAMA

18.30 Fungagá da Bicharada e «Ferdinand»
17.00 Disciplina no Desporto
17.30 Da Saúde e da Vida
19.00 Concerto — pela orquestra sinfónica da Radiodifusão Portuguesa, sob a direcção do maestro Álvaro Cassuto.
19.25 Stop — um programa da Prevenção Rodoviária Portuguesa.
19.40 Cinema de Animação — programa apresentado por Vasco Granja.
20.05 «Gente do Amanhã» — série filmada.
20.30 Telejornal — 2.ª edição
21.05 História das Eleições Presidenciais
22.00 Programa Musical — com Nancy Wilson.
22.30 Directamente do Pavilhão da Ajuda, Sporting-Sangalhos. Encontro da última jornada do Campeonato Nacional de Basquetebol da 1.ª Divisão. Comentários de João Coutinho.
00.10 Telejornal — últimas notícias do dia.
00.40 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e Concerto — pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa.
20.25 No Jardim Zoológico
20.55 «Minha Prima Raquel» («My Cousin Rachel») — filme realizado em 1953 por Henry Koster, com Olivia de Havilland, Richard Burton e Andrey Dacton.
22.45 Telejornal — fecho



Amanhã

I PROGRAMA

12.00: Abertura; 12.02: Missa; 13.00: Especial Eleições; 13.45: «Malad Hamburgo — série filmada; 14.35: O Rancho de Cidacos — um programa d série «O Povo e a Música»; 15.00: Especial Eleições; 15.10: «A Primaver O Outono e o Amore — com Fernandel e Nicole Berger. Realizado por Gil Grangier em 1955; 16.00: Especial Eleições; 16.10: «A Primavera, o Outo e o Amore (2.ª parte); 17.00: Especial Eleições; 17.10: «Os Patins de Prata — baseado na história de Mabel Mapes Dodge e realizado por Walt Disney. 18.00: Especial Eleições; 18.10: A Música de Louis Armstrong — um programa de jazz; 19.00: Especial Eleições; 19.30: «Heidi»; 20.00: Especial Eleições; 20.30: Telejornal; 21.00: Especial Eleições; 23.00: Volta à França em bicicleta; 23.15: Especial Eleições; 23.30: Canções por Carlos do Carmo; 00.00: Especial Eleições; 01.00: Edu Lobo — conjunto brasileiro; 01.30: Especial Eleições; 02.30: Alfredo, é só Fado; 03.00: Especial eleições; 04.00: «D. Juan» — «Rosa de Oiro de Montreux»-74; 04.30: Especial Eleições; 05.00: Fecho da Emissão.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

ADÓQUE
AGRANDE CÉGADA
UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!
Com texto de
ARY DOS SANTOS
CÉSAR DE OLIVEIRA
FERRO RODRIGUES
FRANCISCO NICHOLSON
GONÇALVES PRETO
Música de
BRAGA SANTOS
CORREIA MARTINS
JOAQUIM LUÍS GOMES
Cenários e Figurinos de
MARIA HELENA REIS
Coreografia de
FERNANDO LIMA
ESTREIA
QUARTA-FEIRA — Dia 30
BILHETES À VENDA

Desporto

CIDADE DE LISBOA-76 (JUNIORES)

Benfica e Sporting: para quem o troféu?

Um empate (com ou sem golos) chega ao Benfica para ganhar o Torneio Internacional de Juniores que desde anteontem se vem disputando no José Alvalade, e ao qual concorrem duas equipas estrangeiras (Bayern e Anderlecht).

De qualquer dos modos, o troféu Cidade de Lisboa aquecu-nicularmente-ontem-quando as suas duas equipas representativas «esmagaram» os seus adversários da jornada: os encarnados desembaraçaram-se dos «anderlechtois» (2-1), enquanto os leoninos «brindaram» os Bayernenses com um golo sem resposta.

Sob a direcção de Augusto Bailão, Benfica e Anderlecht alinharam e marcaram:

BENFICA — Mendes; Alexandre, Gonçalves, Pereirinha e Giberto; José Luís (Nelson, 50m), Carlos e Peres; Fonseca, Jorge e Chalana (José António, 44 m).

ANDERLECHT — Menrisse; Lembourg, Van Deriwalinen, Leeman e Ciky; Hoebecck, Vercuncren e Merkens; Martens (Van Gerven, 52 m), Van Poucke e Terhacken.

Ao intervalo: 1-0.

GOLOS — 1-0, aos 11 m, por JORGE de cabeça, na sequência de um «canto»; 2-0, aos 38 m por JOSÉ LUÍS, também de cabeça, a passe de Gilberto: 2-1. aos 43 m, por VAN POUCKE, a aproveitar um mau passe de Carlos ao seu guarda-redes.

Os «encarnados» chegaram com relativa facilidade aos 2-0, mas depois das substituições de José Luís e Chalana, baixaram nitidamente de rendimento, passando, então, por sérias dificuldades para defenderem uma vitória que tinham construído com todo o merecimento.

Os derradeiros minutos foram jogados «de alfitos» para o Benfica, que muito ficou a dever a uma coisa que se chama sorte para que os belgas não lograssem o empate.

No «match» que se lhe seguiu e que opôs o Sporting ao Bayern, Barão foi a salvação alvaladina com um golo que rasgou possibilidades aos donos da casa de aspirarem (um triunfo hoje...) ao ceptro que está em almoeda.

As equipas (árbitro: Lopes Martins):

SPORTING — Delgado; Rodrigues Dias, «Tony», Virgílio e Vasco; Mota (Ademar, 53 m), Barão e Cerdeira; Freire (Jorge, 53 m), Nuno e Libânio.

BAYERN — Felimann; Wazlawik, Berg, Heigi, Stahl (Stadier, 50 m); Baronnet, Augenthaler e Pletschacher; Kloo, Kleinfeld e Arbinger.

Ao intervalo: 0-0.

Golo de Barão, aos 46 m, com um potente remate disparado de longe.

Os «Leões» exerceram sensível ascendente territorial ao longo de todo o primeiro tempo, mercê do bom trabalho realizado pelos jogadores de meio campo, faltando aos avançados, decisão no capítulo de remate, o que, aliado à pecha de levantarem muito a bola na grande área germânica, facilitou a tarefa dos defesas visitantes, atentos na marcação e com a vantagem da sua apreciável compleição atlética.

Carvalho: vitória na Suíça

AARAU (Suiça), 26 — O português José Carvalho venceu, ontem, a prova de 400 metros barreiras da Reunião Internacional de Atletismo de Aarau (Suiça), e foi considerado o melhor atleta da jornada.

José Carvalho percorreu a distância em 50.23 segundos, seguido de François Aumas, da Suiça, com 50,79 segundos, e de Jan Stuyck, da Holanda, em 51.00 segundos.

O recorde nacional da especialidade pertence a José Carvalho com 50,00 segundos (cronometragem electrónica), marca obtida em 14 de Junho de 1975, no Estádio Nacional.

Participaram, ainda, no «meeting», os portugueses Carlos Cabral e Aniceto Simões.

Se Carvalho e Simões — já seleccionados para as olimpíadas — procuravam apurar a forma, Cabral, por outro lado, corria na esperança de obter o mínimo olímpico que lhe permitisse a deslocação a Montreal.

Na prova de 1500 metros, Carlos Cabral foi sexto, com 3 m 44,6 segundos, ficando assim a 4 segundos do mínimo olímpico. A prova foi ganha pelo sul-africano Daniel Malan, com 3 m 42,2 s. O suíço Rolf Gysin foi segundo, com 3,44 minutos certos.

Na prova de 3000 metros, Aniceto Simões foi segundo, com o tempo de 8.07,7, atrás de Ulrich Behts, da Alemanha Federal, com menos dois segundos.

HÓQUEI EM PATINS

Sporting ou Voltregà: a final a seus pés

VOLTREGA (Barcelona), 26 — (Especial para «DL») — Voltrega, pequena cidade operária dos arredores de Barcelona, e quase toda a Catalunha, fervem de emoção a poucas horas do embate entre a equipa local, que domina o hóquei patinado deste país, e o «cinco» do Sporting. O encontro, como todos sabem, enquadra-se na segunda «mão» da meia-final da Taça dos Campeões da Europa de Clubes.

O jogo reveste-se do maior interesse, visto que o resultado do encontro da 1.ª «mão» (vitória do Sporting, por 5-3) permite aos dois clubes manterem as melhores esperanças de estarem presentes na final, porquanto uma vantagem de dois golos torna a tarefa dos campeões de Portugal, sobremaneira difícil e os espanhóis estarão no seu ambiente.

Admite-se que qualquer que seja a equipa a assegurar a passagem à final, venha a ter, nos encontros decisivos, tarefa menos árdua do que no despique de hoje à noite.

A equipa treinada por Torcato Ferreira, salvo qualquer alteração de última hora, deverá apresentar-se integrada de todos os titulares, pois seguiram para Voltrega os jogadores Ramalhete, Rendeiro, Sobrinho, Chana e Salema (efectivos) e Basílio, Saraiva e Carlos Alberto (suplentes).

Volta à França: Martins a 1m. de Maertens

ANGERS, 25 — Maertens confirmou ontem, uma vez mais, os seus créditos de excelente «sprinter» ao vencer a segunda etapa deste emocionante «Tour-76», que tem a animá-lo nada mais nada menos que 130 homens do pedal. A etapa de ontem, a primeira de estrada, compreendia 173 km que separam Merlin Plage (com praia) de Angers.

A classificação à chegada foi a seguinte: 1.º Freddy Maertens, Bélgica, 4 h, 43 m e 37 s; 2.º Regis Delepine, França; 3.º, Ercole Gualazzini, Itália; 4.º, Gerbern Kartsens, Holanda; 5.º, Jan Van Katwijk, Holanda; 6.º, Jacques Esclassan, França; 7.º, Pierino Gavazzi, Itália; 8.º, Piet Van Katwijk, Holanda; 9.º, Robert Mintkiwwicz, França; 10.º, Luciano Borgognoni, Itália, todos com o mesmo tempo de Maertens.

José Martins foi o 67.º na etapa com o mesmo tempo do vencedor, mantendo a classificação geral: 51.º a 1 m e 01 s do primeiro.

Belenenses e Guimarães: dois para a Intertoto

O Belenenses recebe esta noite às 21.30 no Restelo, a visita da equipa sueca do Oesters. Entretanto, à tarde (17 h) em Guimarães, a turma local defronta a equipa belga do A. S. Ostende. Dois encontros que estão a ser aguardados com natural expectativa, não obstante o favoritismo de que as formações portuguesas desfrutam, quer pela vantagem do factor casa, como porque na realidade, nenhum destes adversários apresenta credenciais susceptíveis de justificarem apreensões aos dois conjuntos portugueses.

EM TOMAR: PARA QUEM O TÍTULO?

Ainda hoje, temos mais futebol (mais e muito), que vai de duas finais (II Divisão Nacional e o troféu, na mesma divisão, dos juniores aos torneios de competência da I/II Divisões e II/III (Norte e Sul).

Na outra final, a realizar também em Tomar, às 11 horas, será designado o campeão de juniores da II divisão, a que se candidatam o Feirense e o Almada.

O programa da jornada inaugural dos referidos torneios é o seguinte:

I-II Divisão: Beira Mar-Montijo, no Estádio Mário Duarte, em Aveiro; Salgueiros-União de Tomar, no campo Vidal Pinheiro, no Porto.

II-III Divisão: Zona Norte — Vilanovense-Vila Real, no Parque Soares dos Reis, em Vila Nova de Gaia; Académico de Viseu-Paredes, no Estádio do Fontelo, em Viseu. Zona Sul — Odivelas-Lusitano de Évora, no Campo Diogo José Gomes, em Odivelas; União de Leiria-Alcochetense, no campo dr. Magalhães Pessoa, em Leiria.

Todos estes encontros principiam às 17 horas.

PUB
COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL DO CCT VERTICAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL
COMUNICADO
A Comissão Negociadora Sindical do CCT Vertical da Construção Civil, vem mais uma vez esclarecer todos os trabalhadores e o público, sobre a situação do CCT.
Camaradas, como já foi divulgado em comunicados anteriores, os trabalhadores da Construção Civil têm vindo a ser vítimas de um processo que já decorre há mais de um ano.
A Comissão Negociadora Sindical, depois do Estudo Económico feito no Ministério de Habitação, Urbanismo e Construção em conjunto com técnicos daquele Ministério e a Comissão Negociadora Sindical, onde não se verificavam pontos de vista diferentes entre as partes, conforme actas apresentadas em Conselho de Ministros em 19.5.76, que por sua vez deliberou o seguinte:
— Que fosse criada uma Comissão Ministerial em conjunto com as Entidades Patronais e a Comissão Negociadora Sindical, para que entre eles encontrassem uma forma para a saída do tão conhecido problema e que para o efeito teria que se resolver o assunto em três semanas. O que mais uma vez não foi cumprido por parte do Governo.
A Comissão Negociadora Sindical, vem mais uma vez dar a conhecer o resultado das referidas reuniões:
Foi feita uma reunião em conjunto, onde os trabalhadores mostraram claramente aos Representantes do Governo aquilo que já tinham apresentado em Agosto de 1975, para a revitalização do Sector: o que está em posição antagónica com o que o patronato apresentou.
A Comissão Negociadora Sindical deixou bem vincado, que não iriam os trabalhadores servir de capa para a recuperação do capitalismo no Sector da Construção Civil.
Perante isto o Conselho de Ministros em 29.5.76, tomou nova resolução, que era a formação de uma Comissão Interministerial, que reuniria com as Associações Patronais e Sindicais, esquecendo os prazos que já tinha acordado.
Como resultado destas reuniões chegaram-se a alguns acordos. Nos casos onde não houve acordo, foram entregues as posições de ambas as partes.
Entendemos, portanto, que estão preenchidas as condições pedidas pelo Conselho de Ministros, para que o mesmo tome uma decisão.
A partir daí se o Conselho de Ministros nada decidir que nos seja favorável, cabe-nos a nós trabalhadores, escolhas formas de luta mais adequadas ao momento, no sentido de fazer aprovar as Tabelas Salariais, porque entendemos que desta vez não pode o Conselho de Ministros, dizer como até aqui, que não decide porque não sabe qual a posição das Associações Patronais.
Uma vez que existem pontos em que as partes estão de acordo, o problema está sanado.
Onde não existe acordo, cabe ao Conselho de Ministros decidir de que lado está, se dos patrões ou dos trabalhadores.
AVANTE PELO CCT VERTICAL
A LUTA CONTINUA
25/6/76
A Comissão Negociadora Sindical

MADEIRA
Partidas semanais as Sextas, Sabados e Domingos de Julho a Outubro
•aviões dos TAP
•magnifica sellecção de hoteis, quartos com banho
8 dias desde 2.890$
VIAGENS RAWES
Lisboa-Correspondência R. Bernardino Costa, 47 Expedições: Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro - Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A (Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfica)

Nacional

I ENCONTRO REGIONAL

Cooperativas levam produtos e problemas a Torres Novas

De 3 a 4 do próximo mês de Julho efectua-se em Torres Novas o I Encontro Regional de Cooperativas, incluindo naquele segundo dia venda de produtos agrícolas, vestuário, mobiliário e outros artigos vindos directamente das Unidades Colectivas de Produção e das Cooperativas.

No dia anterior, e a nível de direcções, efectua-se o já mencionado encontro das Cooperativas. Para este encontro, as Direcções das Cooperativas são convidadas a prepararem comunicação sobre temas que evidenciam as preocupações generalizadas dos trabalhadores das Cooperativas: dificuldades na obtenção de financiamentos pela banca a baixo custo, regularização dos patrimónios, racionalização dos circuitos de comercialização, reconversões técnicos, estruturas organizativas, a Constituição e o movimento cooperativo, etc.

Nesta primeira fase, a começar pelas 10 horas e a terminar cerca das 13 e 30, deverá ser elaborado um documento destinado a ser submetido ao Plenário Geral das Cooperativas.

Pormenorizando o programa do dia 4 (domingo), podemos dizer ainda que a Feira Franca (10 horas), a efectuar para venda, como acima afirmamos, de produtos agrícolas, artesanato, vestuário, mobiliário e outros artigos procedentes das Unidades Colectivas de Produção.

Em paralelo com a Feira Franca, decorrem provas desportivas, como futebol de 5 e natação, para as quais estão convidados os trabalhadores eas Cooperativas, bem como os seus familiares e amigos.

Da parte de tarde, por sua vez, a partir das 15 horas, estão programadas actividades socioculturais, exibição de ranchos folclóricos, Teatro, Canto Livre — e baile até às 24 horas.

Saliente-se que nas tarefas organizativas da produção controlada pelos trabalhadores, nos diversos sectores da actividade económica, as cooperativas do Ribatejo alcançaram já uma posição económica de relevo.

PUB
UNIÃO DOS SINDICATOS ÉVORA
MOÇÃO
Os representantes dos Sindicatos signatários reunidos na União dos Sindicatos do Distrito de Évora, em 22/6/1976, depois de tomarem conhecimento da suspensão das suas funções do Delegado da Secretaria de Estado do Trabalho do Distrito de Évora, decidem:
— Denunciar como um acto antipopular e antioperário esta suspensão;
— Afirmar que tal afastamento só pode ser entendido como primeiro passo para mais um saneamento de um homem progressista que sempre tem dado provas do seu empenho pela consolidação da democracia e de novas relações de trabalho;
— Declarar que com este afastamento os únicos prejudicados são as massas trabalhadoras, que neste momento complexo da vida nacional precisam de ter nos vários órgãos do aparelho de Estado pessoas da sua confiança;
— Alertar todos os trabalhadores portugueses em geral e os do distrito de Évora em especial para mais uma tentativa de saneamento à esquerda que se prepara nas suas costas;
— Exigir o imediato levantamento da suspensão de funções ao delegado da Secretaria de Estado do Trabalho em Évora, sob pena de estar a ser prestado, com esta suspensão, um bom serviço as forças da direita tão interessadas em destruir e aniquilar as conquistas dos trabalhadores;
— Solicitar ao Secretário de Estado do Trabalho uma audiência a fim de os Sindicatos signatários serem esclarecidos dos motivos de tal suspensão;
— Informar que não se sentirão responsabilizados por qualquer conflito laboral que se venha a desencadear no seio das massas trabalhadoras que representam motivado por esta suspensão;
— Dar conhecimento do teor desta moção as entidades seguintes: Conselho da Revolução, Conselho de Ministros, Ministro do Trabalho, Secretário de Estado do Trabalho, Governador Civil do Distrito de Évora, Comandante da Região Militar do Sul e aos órgãos de informação.
NÃO AOS SANEAMENTOS OU TENTATIVAS DE SANEAMENTO NAS COSTAS DOS TRABALHADORES!
CONTRA A SUSPENSÃO, PELA REINTEGRAÇÃO!
UNIDOS VENCEREMOS!
SINDICATO DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS DO DISTRITO DE ÉVORA
SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO ALENTEJO
SINDICATO DOS TRABALHADORES METALÚRGICOS DO ALENTEJO
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE COMÉRCIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE ÉVORA
SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE ÉVORA
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE PANIFICAÇÃO DO DISTRITO DE ÉVORA
SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO SUL-SECÇÃO DE ÉVORA
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DA INDÚSTRIA HOTELEIRA-SECÇÃO DE ÉVORA
SINDICATO DO SERVIÇO DOMÉSTICO
UNIÃO DOS SINDICATOS DO DISTRITO DE ÉVORA
ÉVORA, 22.6.76

PUB
FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA INDÚSTRIA DE HOTELARIA, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL
RESPOSTA DOS SINDICATOS DO SECTOR DE HOTELARIA, RESTAURANTES E SIMILARES A UM COMUNICADO ANÓNIMO
Foi publicada numa das últimas edições desse jornal, como publicidade um extenso comunicado da «UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE HOTELARIA E SIMILIARES» que versa o processo de revisão em curso do CCTV para o sector. Ora,
OS SENHORES DESTA UNIÃO SÃO ANÓNIMOS
Tanto as Associações de Trabalhadores como as associações de entidades patronais podem reunir-se em uniões de base regional (art.ºs 2.º, alínea c) e 7.º, n.º 1. do Dec-Lei n.º 215-B/75 e art.ºs 1.º, n.º 2, alínea c) e 3.º, n.º 1. do Dec-Lei n.º 215-C/75, ambos de 30 de Abril).
O Comunicado a que se responde vem subscrito por uma organização que não identifica nem a sua natureza (se de trabalhadores, se de patrões), nem o seu âmbito regional.
E, de facto, NÃO EXISTE nenhuma «União das Associações de Hotelaria e Similares».
Pelo que os senhores que subscrevem o dito comunicado são anónimos. Ou, com mais rigor, são duplamente anónimos.
Mas mesmo vindo a autoria encapotada no anonimato, julgamos saber a proveniência da pesquinada, porque
OS SENHORES DESSA UNIÃO SÃO MAQUIAVÉLICOS:
Com efeito, agravando o anonimato, os autores dirigem-se «a todos os trabalhadores de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares», procurando criar uma ilusão inicial de se tratar de um documento emanado de quem os represente ou cuida dos seus interesses.
E certo é que essa ilusão inicial, explorando os conhecidos mecanismos psicológicos, só será arredada por uma repetida e atenta leitura de todo o texto.
Assim, anónimos e sofismados, os autores do comunicado pretendem fazer-se passar por amigos e representantes dos trabalhadores. Mas se qualquer amizade têm, não é pelos trabalhadores; e, se representam alguém, são as entidades patronais.
E como representante destas não podem dirigir-se aos trabalhadores, sobretudo pela forma como o fizeram.
Por isso,
OS SENHORES DESTA UNIÃO COLOCARAM-SE EM ILEGALIDADE:
É que sendo, como são, representantes de entidades patronais não podem, por qualquer modo, intervir ou interferir na organização e direcção dos Sindicatos (art.º 6.º, n.º 1, do Dec.-Lei n.º 215-B/75).
E, todavia, é isso que fazem ostensiva e provocatoriamente.
Mascaram-se de amigos dos trabalhadores; e insinuam que estes andam a ser mal informados e traídos pelos dirigentes sindicais: em suma, pensam provocar a desconfiança e a contestação dos trabalhadores ente si e para com as respectivas direcções associativas.
É ilegal e extremamente grave tal ingerência, pelo precedente que constitui. Mas os Sindicatos encontrarão resposta adequada para semelhantes manobras.
A tudo o já dito, acresce que
OS SENHORES DESTA UNIÃO SÃO MENTIROSOS:
Dizem que não foram cumpridos os termos legais da denúncia. Mas não é verdade.
Na cláusula 5.ª do CCT em vigor desde 1.5.75 está regulamentada a tramitação da sua renegociação. Como se vê do seu n.º 3, a denúncia devia ser feita «por carta registada endereçada às demais partes contratantes, com cópia ao Ministério do Trabalho, em que se indicarão as normas ou capítulos a alterar». Ora, todas as associações sindicais assim procederam, pelo que nenhum vício pode ser apontado ao processo de denúncia.
Além disso, no comunicado da anónima União admite-se, implicita, mas claramente, que o Sindicato de Lisboa não incorreu em qualquer irregularidade. Logo aqui fica bem patente que as associações patronais existentes no correspondente a âmbito geográfico, (distritos de Lisboa, Santarém, Setúbal, Évora, Portalegre e Beja) nem mesmo desculpa ou motivo fútil podem invocar para a sua ausência às negociações, pelo que só o arbítrio e a má fé a explicam.
Mais dizem que os Sindicatos não compareceram a uma reunião no Ministério do Trabalho, no âmbito de uma Comissão Técnica por este constituída, para estudo da situação e capacidade do sector de Hotelaria e que o mesmo Ministério «perante a ostensiva ausência dos representantes dos Sindicatos não deu sequência aos trabalhos da referida Comissão Técnica». Aí estão outras e despudoradas mentiras.
Os Sindicatos nunca foram convocados para qualquer reunião da Comissão Técnica, mas apenas convidados a fazer parte dela, por ofício da Secretaria de Estado do Trabalho, a que deram devida e oportuna resposta.
Por outro lado, no dito ofício, vinha claramente firmado que, «o Ministério do Trabalho e o Ministério do Comércio Externo e Turismo estão dispostos a que esta Comissão Técnica seja constituída e desenvolva o seu trabalho com ou sem a vossa participação».
Donde que, e comprovadamente, os senhores do comunicado são mentirosos.
De resto, por de mais sabem que a dita Comissão não funcionou, porque perdeu oportunidade o seu trabalho face ao protocolo firmado, em 31 de Maio passado, entre o Sr. Secretário de Estado do Turismo, de um lado, e a Federação dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria Restaurantes e Similares do Sul e o Sindicato de Faro, pelo outro lado.
Aliás, o funcionamento da referida Comissão Técnica, a ser feito, não deveria constituir factor de adiamento do início das negociações já que o seu trabalho visaria apenas, a elaboração dum estudo que servisse de suporte à elaboração das tabelas salariais do CCT, não estando pois prejudicada a imediata negociação de todo o clausulado: isto se, por parte das associações patronais existisse honestidade de princípios e não a tacanhez, a incompetência e o respeito calculado por uma táctica que conduza à efectiva sabotagem da economia do sector.
Por aquele protocolo de princípios ficou, aliás, firmemente demonstrado que os trabalhadores, mesmo com sacrifício de expectativas legítimas, não rejeitam novos esquemas e soluções contratuais, desde que proporcionados ao limite admissível.
Querem e exigem, em contrapartida, boa-fé e rapidez nas negociações dos seus instrumentos colectivos de trabalho. Porém, as associações patronais, por todos os meios e expedientes (de que será exemplo típico o comunicado a que se responde) negam a sua presença nas negociações, chicanam, mentem, ilegalizam-se.
Por isso, e como de tudo resulta,
OS SENHORES DESSA UNIÃO NEM MESMO SÃO INTELIGENTES
Tentam pôr a culpa nos Sindicatos pelo impasse das negociações, mas quem não comparece são os empresários.
Defendem-se atrás de formalismos chicaneiros, sendo indesmentivelmente certo que, de há muito, conhecem e estão de posse da proposta sindical.
Perguntam «a quem cabe a responsabilidade do impasse que se gerou à volta das negociações de revisão do CCT, quando o próprio Ministério do Trabalho já os denunciou, publicamente, em nota oficiosa de 16/6/76, afirmando «A atitude das entidades patronais não compreendo repetidamente às reuniões para que foram convocadas, mesmo, durante a fase de conciliação do processo, além de frontal violação à lei reguladora das relações colectivas de trabalho representa profundo desinteresse pelas tentativas do Governo e dos sindicatos para resolver o problema e pela normalidade do funcionamento do sector económico em causa, de primordial importância para os interesses da economia nacional, tendo em conta a época decisiva que se atravessa, no domínio do aproveitamento dos recursos turísticos nacionais».
«Lamentando profundamente a atitude de injustificada ausência da representação patronal, o Ministério do Trabalho propõe-se cumprir, por todos os meios legais a obrigação de levar a termo o processo de conciliação promovido nesta convenção colectiva, tendo em consideração os graves problemas de equilíbrio empresarial e apela para que no cumprimento da lei e no respeito pelos interesses da economia nacional desenvolvam as associações patronais uma atitução consentânea com os propósitos enunciados, evitando assim, CONSEQUÊNCIAS QUE LHES DEVERÃO SER INTEIRAMENTE ATRIBUÍDAS».
Ficou visto assim, que os senhores desta União
— SÃO ANÓNIMOS
— SÃO MAQUIAVÉLICOS
— COLOCARAM-SE EM ILEGALIDADE
— SÃO MENTIROSOS
— E NEM MESMO SÃO INTELIGENTES
Mas desta vez, também foram
— INGÉNUOS:
em solene fecho de oratória, deixam aos trabalhadores a resposta sobre quem caberá a responsabilidade do impasse das negociações do contrato.
POIS TÉ-LÁ-RÃO.
CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA, REVISÃO IMEDIATA DO CONTRATO!
LIBERDADE DE NEGOCIAÇÃO SIM! AUSÊNCIA DO PATRONATO NÃO!
ACÇÃO, ACÇÃO CONTRA A AUSÊNCIA DO PATRÃO!
CONTRA A AUSÊNCIA DO PATRONATO NOVA LEI DA CONTRATAÇÃO!
DIVISÃO NÃO! CONTRATO VERTICAL SIM!
UM SÓ PAIS, UM SÓ CONTRATO!
DE NORTE A SUL A MESMA LUTA!
Federação dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria, Restaurantes e Similares do Sul
Federação Regional dos Sindicatos dos Profissionais da Indústria Hoteleira Restaurantes e Similares do Norte

Geral

Pinheiro Farinha desmente o "Expresso"

Do Ministério da Justiça recebemos a seguinte nota oficiosa:

O ministro da Justiça, conselheiro Pinheiro Farinha, não deu qualquer entrevista ao jornal «Expresso», em que haja afirmado que «as ordens de ocupação das bases aéreas partiram do Copcon», como se vê no «Expresso» de 25/6/76, página 9.

Dado o melindre da notícia, solicita-se o imediato desmentido.



INQUÉRITO SOBRE PROBLEMAS SEXUAIS

M.E.I.C. condena e contacta Ordem dos Médicos

O «Inquérito sobre problemas sexuais» distribuído por duas enfermeiras-estagiárias na Escola Comercial Ferreira Borges, aos alunos do curso nocturno, na maioria adultos, tem sido alvo de violenta contestação. Primeiro por parte de um representante da Intericomissões de País que, num debate televisivo, desligando-o do contexto e das circunstâncias em que se processou, fez dele um aproveitamento para atacar muito do que de progressista há nos actuais programas de ensino. O conselho directivo da escola viria mais tarde defender-se, esclarecendo nada ter a ver com o referido inquérito, que pedagogicamente repudia. Na sequência destas posições, o MEIC emitiu um comunicado em que esclarece: «O inquérito foi patrocinado por entidades alheias à Escola Ferreira Borges sem o conhecimento de qualquer serviço central do MEIC, nomeadamente dos que deveriam coordenar iniciativas como aquelas do inquérito». Logo que o MEIC tomou conhecimento do sucedido, decidiu levantar «um inquérito disciplinar à Escola Ferreira Borges para a averiguação do processo que conduziu à distribuição do «Inquérito sobre problemas sexuais» e apuramento das respectivas responsabilidades». Dediciu-se ainda pela «proibição do alargamento desta iniciativa a outras escolas com o envio de circulares contendo instruções sobre o procedimento a seguir em situações semelhantes». Fez a «participação da ocorrência à Ordem dos Médicos».

Entretanto, das averiguações preliminares é já possível concluir que «o lançamento do inquérito na escola foi da responsabilidade de alunas da escola de enfermagem da Gulbenkian. Estas alunas tinham apenas solicitado à Comissão Directiva da Escola Ferreira Borges autorização para a realização de sessões sobre educação sexual. A Comissão Directiva indicou o professor de Ciências da Natureza como contacto para esse fim uma vez que no ano transacto tinha organizado um colóquio sobre esta matéria que, por cuidadosamente preparado, não levantou problemas».

E mais averiguou o MEIC: «Contactadas, as alunas distribuidores do inquérito sobre problemas sexuais afirmaram ter sido da autoria de um médico do Instituto de Medicina Tropical. Convocado, este médico afirmou que o inquérito poderia ser aplicado a qualquer pessoa» Por outro lado, reconhece o MEIC, «a maior difusão do inquérito sobre problemas sexuais verificou-se entre os alunos adultos do curso nocturno tendo sido muito restrita a sua difusão entre os jovens dos cursos diurnos».

Finalmente: «o inquérito disciplinar prossegue até completo esclarecimento de todas as responsabilidades».

«PORTUGAL, UM ANO DEPOIS DA REVOLUÇÃO»

A emissão de ontem da Telescola foi alvo de crítica. A propósito e para «total clarificação das dúvidas levantadas por numerosos espectadores, o ministro da Educação ordenou o prosseguimento das negociações até total esclarecimento das circunstâncias em que foi delineado o alinhamento da referida emissão».

No entanto, conforme regista uma nota daquele Ministério, são já avançados alguns esclarecimentos. Assim, «o ministro da Educação esteve na RTP onde assistiu à projecção do filme em causa «Portugal, um ano depois da Revolução», que, em si, não é mais do que um normal repositório de alguns momentos históricos que a revolução portuguesa atravessou, sendo de sublinhar que não contém imagens que foquem qualquer personalidade político-militar».

MESA-REDONDA

Realiza-se, na próxima terça-feira, dia 29, às 21 e 30, na Avenida da Universidade Nova de Lisboa (Avenida da República, 65-3) uma mesa-redonda subordinada ao tema «Portugal, a Cultural, a Europa».

Serão participantes, António José Saraiva, José Augusto França e Vitorino Magalhães Godinho.

Mercenários portugueses vão ser julgados em Angola

Angola levará a julgamento mais de treze mercenários portugueses pelo seu papel na guerra civil — anunciaram círculos governamentais.

O julgamento terá lugar «dentro de várias semanas».

Concretizado: o julgamento terá início após o termo do actual julgamento de treze mercenários britânicos, americanos, irlandeses e argentinos, julgamento esse que deve encerrar com a leitura da sentença na próxima segunda-feira.

Desconhecem-se exactamente quantos portugueses serão levados a julgamento, mas os mesmos círculos afirmaram que seriam mais do que os treze que na segunda-feira ficarão a saber se enfrentarão ou não um possível pelotão de fuzilamento.

MOÇAMBIQUE LIBERTA PORTUGUESES

Eleva-se já a 84 o número de portugueses libertados das prisões do Sul da República Popular de Moçambique.

Até ao fim do mês corrente, e de acordo com o plano da operação, começarão a chegar a Portugal os primeiros grupos de ex-prisioneiros das cadeias do norte do território moçambicano.

tempo

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.17	3,6 m	8.46	1,1 m
15.37	3,8 m	21.13	1,1 m
Dia 27			
3.57	3,6 m	9.23	1,0 m
16.14	3,9 m	21.50	1,0 m
Dia 28			
4.35	3,7 m	10.00	1,0 m
16.51	3,9 m	22.28	0,9 m

AMANHÃ

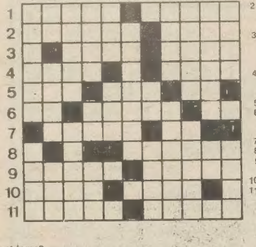
NASCER AS 5.14
OCASO AS 21.06

DIA 27 DIA 4 DIA 11 DIA 19

Palavras Cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA Nº 11 402

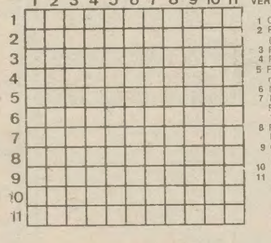


HORIZONTAIS:
1 Canapés. Designação de pároco em certas freguesias.
2 Pôsar no mar (o avião). Instrumento para atirar setas.
3 Pessoa que dança mal (pron. alent). Ligam.
4 Cá. Tenebrosa.
5 Rôcas. Utensílio doméstico.
6 Ranque. Também não. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal.
7 Duas vogais desiguais. Da Rússia. Isolado.
8 Romance de Eça de Queirós. Utensílio doméstico.
9 Plantação de aveleiras.
10 Estabelecer. Amor medicinal do Alto Amazonas.
11 Passes rapidamente. Prendem com elos.
12 Pronome demonstrativo (pl). Perfume.

VERTICAIS:
1 Roubará. Existe.
2 Ribeira da Ásia Russa. Aquele que. Pudras de moinho.
3 Embarcação parecida com o bote usada no rio Tejo. Grande cadeia de montanhas da Europa ocidental.
4 Lavra. Medida itinerária do Japão. Sinão que designa abundância.
5 Chefe etíope (inv). Despida.
6 Objecto ou mercadoria remetida. Tempo do Verbo ser.
7 Manuscrito. Cova.
8 Mói. Cumprir.
9 Inflamação da membrana dos Chopro.
10 Escavaras. Atmosfera.
11 Cidade de Itália. Opulento.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em seguida passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA Nº 7562



HORIZONTAIS:
1 Capital da Bulgária. Sovas.
2 Lavrem. Troce.
3 Maior. Anuência. Escarnecer.
4 Falsificar. Letra grega.
5 Saudável. Pequeno símio do Brasil.
6 Caminho estreito.
7 Miriare. Invulgares. Magnésio (s.q.).
8 Esquife lamoso. Oferecer.
9 Vê. Exercera domínio sobre.
10 Tecido finíssimo de Benga la. Oveira.
11 Anels Sádias. Afrigo delindo.

VERTICAIS:
1 Carumas. Enfeito (fig).
2 Rezo. Atrair com afagos (fig).
3 Ferimento. Moderato.
4 Prefixo de negação. Secas.
5 Fléchara as asas para descer mais depressa.
6 Mitologia. Estávamos.
7 Nome de mulher. Czar da Rússia cognominado «O Terrível».
8 Ribeira da Ásia Russa. Reis. Emas.
9 Coração. Isolado. Conceder.
10 Compare. Nome de homem.
11 Trabalha de noite. Globulos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 11 401

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Arrebatadas.	1 Amada. NUNCA.
2 MAIS. VALE.	2 Ralado. Rera
3 Alo. Cia. Cia. Sam.	3 Rio. Irlamos.
4 Da. TARDE. Re	4 Es. Tala.
5 Adiara. Laga.	5 Cara. Qual.
6 Orlam. Anás.	6 Adiram. Urre
7 Ia. Pior.	7 Ad. Peias.
8 Ura. OUE	8 Va. Elai. Ma.
9 Nem. Uri. Adi.	9 Das. Anota.
10 Cromaram. Ia.	10 Alargar. Dia.
11 Aas. Lesaram.	11 Semeas. Fram.

Provérbio: MAIS VALE TARDE QUE NUNCA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 7561

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Atrás. Ciava.	1 Acaba. Vagar.
2 Coara. Armar.	2 Tora. Malaca.
3 Aru. Mor. Agi.	3 Rau. Pilaram.
4 Ba. Torro. Im.	4 Ar. Tâmara.
5 Pár. Dom.	5 Samora. Ai.
6 Mima. Ac.	6 Or. Pasta.
7 Vala. Pairar.	7 Carrocas. Es.
8 Alargasses.	8 Ir. Oc. Isar.
9 Gara. Ce.	9 Ama. Maré. Ru.
10 Aca. Aterrar.	10 Vagi. Cascar.
11 Ramelas. Ura	11 Arimo. Era.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

Nem afirme o que não viu.
Pois foi assim que saiu
Da boca de um doutor,
Uma baneira de humor
Que de humor predomina,
Dizer que corre a gasolina
No radiador dum motor.
IV
Muito riso originou
Quando ao povo fez saber:
Que só «soube p'la mulher
Que o custo da vida aumentou.
A todo o povo espantou
Com esta sua doutrina
Pois é esta a sua sina
Se me permite doutror
Num radiador dum motor
Corre água e não gasolina.
Joaquim Valeriano Pinheiro
(Instrutor de automóveis)

NÃO É EDUCATIVO

«Eu sei. Eu compreendo. Palavra de honra que compreendo. São maneiras de falar, são hábitos que se adquirem e depois, logicamente, joga-se na inércia.

«O ministro da Educação, Vítor Alves, a propósito da sua estada em França, onde há 200 mil crianças portuguesas a precisar de aprender português (era tão fácil, senhor ministro, basta dar-lhes condições para viverem em Portugal, e a isso chamo eu, mui simplesmente, socialismo) pois o senhor ministro recordava que o custo de vida tem aumentado muito, tem aumentado bastante, *em todo o mundo*.

«Dá vontade de perguntar, como Almeida Garrett: *todo o mundo*, qual? Há desemprego nos países socialistas? Há o inferno da inflação nos países socialistas? Nos países socialistas o custo de vida também tem subido bastante?

Não me consta, senhor ministro. A expressão *em todo o mundo*, eu sei, é uma maneira de dizer, um hábito, um vício. Perigoso, claro. Pode induzir em erro muita gente. Não é educativo.»

(Daniel P. Bastos Mendonça
(Almada)

QUANDO?

«O que se está a passar ao nível da programação da TV é simplesmente escandaloso e denota a mais completa falta de respeito pelo povo português.

«Tal como você disse, a incompetência alastra. Os locutores não possuem, em regra, as mínimas condições para o efeito, isto apenas para citar um exemplo. Não está certo. Não só o conteúdo das mensagens enfuca ou ofende-nos, mas também a qualidade ou falta de qualidade da construção da mensagem. Não quero ser desagradável para ninguém escrevendo aqui os nomes (tudo que, se você o entender, pode publicar esta carta. Mas não quero esquecer que profissionais de excepcional qualidade (Luís Filipe Costa) ou António Borga se encontram marginalizados ou afastados por motivos puerís.

«Quando é que terminará esta situação? Quando será que a nossa televisão se transforma numa televisão adulta?»

M. Amélia Freitas Martins
(Porto)

BARES · BOITES
RESTAURANTES
TÁXIS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 (Telef. 364859, 368197. Martta Monica Sripteáseuse.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264586/264621/264946

farmácias de serviço

LISBOA

Até às 22 horas

ALVALADE
Aviz, Avenida de Roma, 56-B/C (tel. 715370).
AREEIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-A/B (tel. 634027).
AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28/30. (tel. 40538).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).
BENFICA
Vitex, Estrada de Benfica, 373-B (tel. 780548).
BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (tel. 631958).
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua de Infantaria 16, 58-B (tel. 688807).
CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Avenida Júlio Dinis, 10, lojas 18 e 19 (tel. 771661).
GRAÇA
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (tel. 864351).
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (tel. 790480).
PENA
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (tel. 42829).
SANTA CATARINA
Modelar, Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo) (tel. 603896).
XABREGAS
Grijó, Rua do Grilo, 25 (tel. 385264).

TODA A NOITE

ALVALADE
Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (tel. 712682).
ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis, 46-B (tel. 821653).
AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 801478);
Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (tel. 727721).
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (tel. 41845).
BAIXA
Barral, Rua Augusta, 225 (tel. 361534-5).
BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (tel. 631699).
BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (tel. 702532).
CAMPOLIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (tel. 680304).
MADRAGOA
Nunes Simões, Rua do Quelhas, 1 (tel. 661275).
PICHELEIRA
Mariaz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (tel. 720703-728395).
OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (tel. 311091).
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Avenida Ressano Garcia, 7-A (tel. 571451).
SETE RIOS
Lamejeiras, Rua Filipe da Mata, 160/162 (tel. 761035).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 2112048)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Toda a noite
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas
wpareda
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T. 2472948). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
ESTORIL
Parque, Arcados do Parque, 3 (T. 260191). Toda a noite
CASCAIS
Cascais, R. Conde de Monte Real, B.das Caixas (T. 282407). Até às 22 horas;
Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D.João I, 9-B (T. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210);
Igreja, P.da Igreja, 22-A (T. 937740; Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Rebpleira (T. 938424).
DAMAIA
D.João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461)
QUELUZ
Zeller, R.da República, 83 (T. 950045)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 2940034)
MEM MARTINS
Quimia, E.de Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valnetim (T. 980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T. 2930155)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250)
ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141)
BARREIRO
Picarra, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Até às 19 horas; Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Serviço permanente
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (T. 2764466)
MOITA
Silva Rocha, O.da República, 16 (T. 239029)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028)
SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (T. 22691); Alice, P.do Quebedo (T. 23743)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

TURNO 21 h.

ATÉ ÀS 22 HORAS

Campos, R. Padre Luís Cabral, 943. Foz Alves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 167. Clérigos, R.dos Clérigos, 36. Cruz, R.de Costa Cabral, 1082. Monte dos Burgos, R.do Monte dos Burgos, 802. Aliança, R.da Conceição, 2. Guanil, R. Pedro Hispano, 357. Menezes de Lima, P.Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227.

TODA A NOITE

Lidador, R.do Lidador, 171. Estácio, R.Sá da Bandeira, 120. Botelho, R.da Alegria, 863. Maia, R.do Campo Alegre, 192.

COIMBRA

Adriana, Praça da República, 20, Tel. 23609; Olivais, Rua Bernardo Albuquerque, 159, Tel. 22804; Universal, Praça 8 de Maio, 35, Tel. 23744.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

A.B.C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Vida é Boa»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Vota vota, camarada Zé»
TEATRO ABERTO
Grupo 4
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Causiano»
VARIEDADES
21.15 (18 anos)
«EQUUS»
(Amargura para um cavalo)

LISBOA/Cinemas

CINE-BOLSO
21.00 (18 anos)
«Relacões Escaldantes»
EUROPA
21.00 (13 anos)
«O Leão e o Vento»
SATÉLITE
21.30 (13 anos)
«Aquela Loira»
S. LUIZ
21.15 (18 anos)
«Cântico Final»
PARIS
21.15 (18 anos)
«Mr. Majestic»
JARDIM
21.30 (13 anos)
«Porque se Mata um Magistrado»
PROMOTORA
21.15 (6 anos)
«Onde se Meteu a 7.ª Comnhia»
LUMIAR
21.45 (14 anos)
«Aconteceu no Oeste»
ARCO IRIS
21.15 (10 anos)
«O Grande Ditador»
IDEAL
21.00 (13 anos)
«O Meu Cavalo, Minha Pistola, Tua Viúva»
ENCARNAÇÃO
21.00 (18 anos)
«Cama com Música»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (6 anos)
«Meu Irresistível Selvagem»
CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«Convém Fazer Bem o Amor»
ESTORIL
Casino
18.15 e 21.15 (6 anos)
«Os Dois Missionários»
ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Super Fly»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
RECREIOS DESPORTIVOS
21.15 (18 anos)
«Missão Impossível»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Breve Paixão»
DAMAIA
D.João V
21.15 (13 anos)
«Tão Amigos que Nós Éramos»
AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Funny Lady»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«A Noitada»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (14 anos)
«O Último Desafio»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Filme de Amor e Anarquia»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Godspell»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (Planeta Selvagem»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Jogos para Casais Infiéis»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Estranha Forma de Amar»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Adeus Bruce Lee»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
S.JOÃO
21.15 (13 anos)
«Quo Vadis»
RIVOLI
21.15 (13 anos)
«Já Experimentou numa Mala?»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Os defensores da Cidade»
RINDADE
21.15 (18 anos)
«Confidências de um lavador de Janelas»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«O Leão e o Vento»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Prostituto»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Sexo a Jacto»
BATALHA-BÉBÉ
22.00 (13 anos)
«Benilde ou a Virgem Mãe»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«O Homem de Hong-Kong»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Torre do Inferno»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Em nome do Pai»
S. TEOTONIO
21.15 (6 anos)
«A Feiticeira Voadora»

cinemas • cinemas • cinemas

CASTIL
T. 53019415.00, 17.00, 19.00 e 21.15
Não acons. a M/18 anos
Um filme sobre educação sexual
AMOR ENTRE MENORES
2.ª Semana
Hoje — ante-estreia as 24 h
EMANUELA A ANTIVIRGEM
Int. m. 18anos
Cont. cenas ev. chocantes

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30 e 21.15
Para todos
SteveMcqueen a 300 km/h
«LE MANS»
70 m/m ecran gigante
O filme começa 10 minutos após início da sessão

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos maiores de 6 anos
OS BARBEIROS DA SICILIA
2.ª Semana de gargalhada c/Franco Franchi - Ciniio Ingrassia

VOX
T. 720808 14.15, 16.30 19.00, 21.15.
(Não acons. a men. de 13 anos)
Uma história humana e realista
2.ª semana
A VIDA COMEÇA AOS VINTE ANOS

SÃO LUIS
T. 327172 AS 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
CÂNTICO FINAL
O último filme de Manuel Guimarães c/Rui de Carvalho, Manuela Cardo, Vargla Silva, Simone de Oliveira Fernando C. Ribeiro, Ana Zanatti e Maria Olguim
haverá colóquio

CARLOS MANUEL CINETEC
T. 2930394 21.15
Não acons. m. 18 anos
BREVE PAIXÃO

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093 4.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
Música divina!
LISZTOMANIA
Um filme de Ken Russell
4.ª Semana

EDEN
T. 320768 14.45, 18.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Um dos maiores filmes da história do cinema!
QUO VADIS
Com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn
4.ª semana
Um filme de Melvin Le Roy

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Estreia de sensação sexual
se todas as mulheres fossem como
A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA
Tinha sido a sorte grande de todos os homens

APOLO 70
Tel. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos
Em 2.ª semana
Festival Apolo 70
Jerry Lewis é «O Herói do Regimento»
AS 24.00 Grupo D (16 anos)
DARLING LILI
Amanhã às 24 h
A GRANDE PARADA DO RISO

CASINO ESTORIL
T. 264521 18.15 e 21.15
Para todos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
15.30 Matinée infantil
A ILHA DOS PIRATAS

S. JORGE
554153/4 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ABUTRES NA CIDADE
Dois policias implacáveis contra o crime e a corrupção

RESTELO
T. 727778 15.00 e 21.00
Não acons. a menores 18 anos
A TORRE DO INFERNO

AVIS
Tel. 47163 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
6.ª Semana
BOBBY
Rish Kapoor - Kemple Kapadia

ESTÚDIO
T. 555134! 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
INSÓLITO DESTINO
Um filme de Lina Wertmuller
2.ª semana

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
MENINAS BEM
AS 24 (Int. a men. de 18 anos)
«LOUCURA SEXUAL»

MUNDIAL
Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
4.ª semana
CONFIDÊNCIAS DE UM LAVADOR DE JANELAS
N.º 1 do riso em Inglaterra

ROMA
Tel. 727778 15.30, 18.30 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LOUCURA SEXUAL
Com Sandra Julfren - Yves Vicent
Amanhã o mesmo programa

UNIVERSAL
T. 774402 Às 15.00 e 21.00
O FUNERAL DO PATRÃO
As 17.00 e 23.00
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
Às 19.00 Sessão especial, entrada gratuita com o filme
BARRONHOS
QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR
AS 00.30
O SORRISO VERTICAL

CONDES
T. 322523 14.00, 16.? 15, 21.15
Interdito a menores de ?s
Num corpo de fogo a p?ssão do amor sexual
EMMANUELLE NEGRA
Real. Albert Thr.

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19 e 21.15
Para todos
Os grandes sarilhos de um policia em Saint-Tropez
O GENDARME EM FÉRIAS
2.ª semana
C/Luis de Funes
2.ª semana

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 19 e 21.15H
Não acons. a menores de 18 anos
Não acons. menores 18 anos
A obra-prima de WALERIAN BORO
A HISTÓRIA DE UM PECADO
As 24 (M. 18 anos)
CROC-BLANC-O CÃO LOBO

ROXY
Tel. 48560 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
OS INOCENTES DE MÃOS SUJAS
c/ Romy Schneider

TIVOLI
T. 570595 15.00 e 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
Uma história imortal!
Um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
3.ª semana
Com Clark Gable, Vivien Leigh

ALVALADE
T. 897480 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Para todos
3 AVELÃS PARA CINDERELA
O grande brinde das férias

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Int. a menores de 18 anos
2.ª Semana
LOUCURA SEXUAL
um filme de Marx Pecas

NIMAS
Tel. 574313 14.16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
5.ª Semana
TUDO VAI BEM
Um filme de Jan-Luc Godard
A história da crise de um casal c/Yves Montand e Jane Fonda um filme de Jean-Luc Godard

radio

1.º Programa

15.00: Música na tarde; **16.30**: Tarde desportiva; **19.00**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Jazz; **21.00**: Contraponto; **22.05**: Desporto em movimento; **23.05**: Rádio revista, por Luís Pereira de Sousa; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Retrospectiva; **01.00**: Música na noite.

2.º Programa

15.00: A ópera «La Rondine», de Puccini; **17.00**: A cravista Ingrid Heidelvon der Marburg; **17.15**: Música de câmara de Wolf; **18.00**: Prelúdios, de Bach a Prokofieff; **18.30**: Concerto sinfónico; **20.00**: Quo vinista Michael Rabin, acompanhado pelo pianista Leon Pommers; **20.20**: Árias de ópras; **20.35**: O pianista Artur Rubinstein; **21.05**: «Concerto Brandeburguês, n.º /; EM SOL MAIOR; BWV 1049, de Bach; **21.27**: Música de bailado; **22.00**: Recital de violino e piano por Pedro Leon Medina e Fernando Jorge Azevedo; **22.30**: Árias de óperas; **22.42**: Duas instrumentais; **23.00**: «Fogo de Artifício», suite, de Handel; **23.23**: Intercâmbio musical; **23.53**: Música sinfónica; **00.32**: Música de câmara; **01.00**: Fecho.

3.º Programa

16.00: Emissão nacional; **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**: Música, por Bermardo Brito e Cunha; **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Cinema, por Carlos Pina; **18.00**: Emissão regional — contacto; **21.15**: Hora luterana; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.05**: A música e as vozes.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.00**: Boa viagem; **18.15**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos da rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **21.05**: Pentagrama; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **02.00**: Encerramento da estação.

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º
TELEF 654531/2/3/4
REDACÇÃO SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO 44
TELEF 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA 75
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

RESCALDO DA CAMPANHA

● Confronto no Rossio

Uma confrontação entre apoiantes da candidatura de Otelo e de Eanes (neste último caso afectos ao M. R. P. P.) teve ontem lugar, no Rossio, por volta das 23.30.

A confrontação foi de resto «preparada» cerca das 19.30 quando pessoas que seguiam para o comício de apoio a Otelo, no Terreiro do Paço, foram alvo de provocações a partir dos «mrpp's» que, no Rossio, embrulhavam a estátua de D. Pedro IV em cartazes de propaganda do candidato Eanes.

Assim, por altura do regresso do comício de Otelo, os adeptos de Arnaldo Matos insistiram nas provocações e a confrontação surgiu. Pelo menos um indivíduo foi levado ao hospital.

É logicamente diferente a versão de um jornal desta manhã — «O Dia». A partir da leitura do relato feito por este jornal, os «mrpp's» não passaram de vítimas dos «energúmenos»

● Tiros em Setúbal

Tiros e correrias marcaram o final da campanha de Ramalho Eanes em Setúbal, quando aproximadamente 300 pessoas se manifestavam contra a realização de um comício deste candidato, no Clube Naval. A PSP interveio e Manuel António Coutinho, de 27 anos, ficou hospitalizado com um tiro numa perna. Além dele, Frutuoso Pereira Salgado, de 22 anos, também foi atendido mas recebeu alta em seguida. Um outro jovem passou pelo hospital, ferido de raspão por uma bala

Dez carrinhas das Forças de Intervenção da PSP e dois camiões da GNR — com 12 metralhadoras — montaram um invulgar «dispositivo de segurança. Igualmente na estrada Lisboa-Setúbal, era grande o número de carros-patrulha e jipes da GNR: Tudo isso, para prevenção quanto a um boicote ao comício».

Os manifestantes foram dispersados por volta das 21,30, mas quando o comício terminou houve novamente intervenção policial. Os tiros foram disparados quando as viaturas das forças militarizadas foram apupadas e apedrejadas, já longe do Clube Naval.

Trabalhadores apoiam Mário Baptista (e denunciam Magalhães Mota)

Os trabalhadores socialistas do Instituto de Cereais considerando injustificada a marginalização de que tem sido vítima o dr. Mário Baptista, por parte do ministro Magalhães Mota, divulgaram um comunicado no qual manifestam inteiro apoio ao secretário de Estado Alimentar

Sublinhando que a «marginalização do dr. Mário Baptista atingiu «foros de ilegalidade no que respeita à estruturação da Direcção-Geral do Comércio Alimentar», os trabalhadores do Instituto denunciam a atitude do ministro do Comércio Interno em retirar todos os poderes ao secretário de Estado, considerando tal acção «perfeitamente injusta e mesquinha e representa o acto de seperado de quem não tem argumentos para rebater justas críticas que frontalmente lhe foram feitas».

O mesmo comunicado salienta que o dr. Mário Baptista sempre teve para com os trabalhadores «o melhor acolhimento, compreensão, e esclarecido interesse por todos os assuntos apresentados» e consideram-no um governante íntegro, esclarecido e verdadeiramente interessado na resolução dos problemas dos trabalhadores e do organismo.»

Candal processa M.R.P.P.

Carlos Candal, deputado do PS, acaba de processar o «Luta Popular» e o MRPP por injúria. Entretanto, já se encontra em liberdadeo militante do MRPP que, numa rua de Aveiro e enquanto vendia aquele jornal, fazia a apologia de um artigo publicado em que se acusava Carlos Candal de ser um «submarino» do PCP.

Avisado do que se estava a passar, Carlos Candal dirigiu-se ali acompanhado da autoridade. O militante do MRPP acabaria por ser levado à esquadra, sendo libertado horas mais tarde.

A acusação a Carlos Candal surgiu depois de uma entrevista concedida, por aquele dirigente do PS, ao «Século», na qual afirmava que a disciplina partidária não obriga os socialistas a apoiarem Ramalho Eanes, podendo fazê-lo livremente e em relação a qualquer candidato, sem que isso implique a sua desvinculação do partido

Casas para retornados

Para concretização da oferta do governo dos Países Baixos de casas prefabricadas de madeira para os retornados no valor de 3 milhões de florins, foi assinado no Ministério dos Assuntos Sociais um primeiro acordo para a execução daquele projecto.

PINHEIRO DE AZEVEDO

Francas melhoras mas prognóstico reservado

PORTO, 26 — O boletim médico correspondente às 10 horas de hoje, sobre o estado de saúde do almirante Pinheiro de Azevedo, foi divulgado esta manhã, a abrir uma reunião de Imprensa com a equipa médica que tem prestado assistência ao doente no Hospital de S. João. O boletim afirma que Pinheiro de Azevedo «mantém, quer o seu estado de consciência, quer um exame neurológico sem sinais de lesão do sistema nervoso central». O boletim afirma ainda: «O estado cardio-respiratório continua também estável. O prognóstico mantém-se reservado».

Elementos da equipa médica disseram também aos jornalistas ontem que Pinheiro de Azevedo sabe que está no hospital, sabe o que sucedeu e «tem todo o conhecimento da situação». Dada a não existência, comprovada pelos boletins clínicos até este momento, de lesões no sistema nervoso central, os médicos adiantam que a capacidade motora e de locomoção do almirante será totalmente recuperada. Todavia, a reserva do prognóstico acautela qualquer futura e imprevista evolução da doença.

A reunião de Imprensa desta manhã, iniciada pouco depois das 10 e 30, foi considerada pelo dr. Manso Preto, director do Hospital de S. João, como uma atenção aos órgãos de informação em vista a esclarecer aspectos que julguem necessários, embora, sublinhou, as respostas tivessem limitações de ordem ética e profissional.

O dr. Manso Preto, a propósito da recuperação do almirante, afirmou que «numa situação cardio-vascular aguda como esta o período crítico não terminará antes de três semanas» tempo que considerou necessário para «um enfarte de miocárdio agudo», como foi o caso.

Foi ainda dito que o almirante Pinheiro de Azevedo necessitará, após uns três meses iniciais, de mais alguns meses para recuperação da sua actividade normal.

Foi por outro lado desmentido o facto levantado por um jornalista como opinião que chegou a correr de que os médicos tivessem sido pressionados para não divulgarem totalmente o verdadeiro estado de saúde do almirante. O dr. Manso Preto disse textualmente: «a situação real do sr. almirante foi explicitada nos comunicados».

Quanto à futura actividade de Pinheiro de Azevedo, foi dito que «pode, do ponto de vista médico, ser desaconselhável esta ou aquela actividade. Mas isso depende da opção ou decisão da própria pessoa, dependendo dela retomar esta ou aquela actividade, mesmo que o medico desaconselhe. A actividade politica é sobretudo caracterizada por forte «stress» e prossegui-la ou não dependerá do próprio almirante».

nó torna 6

INOCÊNCIA

O «Diário de Notícias» publicou há dias a notícia de um julgamento com um título a três colunas: «Mais oito cabo-verdianos condenados por assassínio». Um título pouco inocente, pois na notícia se dizia que um dos réus foi condenado como autor (esfaqueou mortalmente um conterrâneo) e os restantes como cúmplices.

O crime teve origem numa rixa anterior entre cabo-verdianos. Mas na notícia acrescenta-se, a certa altura, que um desses grupos de cabo-verdianos «assalta e rouba» quem passa pela zona do Camões. Uma notícia inocente.

Se isto não é susceptível de estimular ódios racistas, então já não sabemos o que é uma notícia objectiva

Não haverá Filmoda

Segundo divulgou um membro da Comissão de Trabalhadores da Feira Internacional não se realiza este ano a «Filmoda». Esta decisão — acrescenta a mesma fonte — deve-se à atitude do Fundo de Fomento de Exportação que depois de se ter comprometido a apoiar a iniciativa não concretizou até agora esse apoio.

Há alguns meses atrás, num plenário convocado para auscultar a opinião dos industriais das confecções do Norte sobre os objectivos da «Filmoda» os trabalhadores da feira chegaram à conclusão que se deveria organizar dois salões, um para o mercado interno e outro para o externo, a realizar alternadamente em Lisboa e no Porto Tendo em vista os preparativos da «Filmoda» foi criada uma comissão composta por representantes do Fundo de Fomento de Exportação da FIL, do Instituto dos Têxteis e da Associação dos Têxteis e da Associação dos Industriais Portuenses. Após várias reuniões acordaram nas verbas a despender para a concretização da iniciativa ficando decidido que o Fundo Fomento de Exportação contribuiria com dois mil e quatrocentos contos.

Neste momento a situação complicou-se não só porque os industriais, manifestaram desconfiança como também pelo atraso de uma resposta governamental sobre a questão das verbas.

Esclarecimento da Força Aérea

O facto de em vários locais do País terem surgido cartazes alusivos ao «Dia da Força Aérea» colados sobre outros, respeitantes à campanha eleitoral, deu lugar a um comunicado do EMFA do seguinte teor

«Tendo chegado ao conhecimento do Estado-Maior da Força Aérea que em Alenquer, e porventura noutras localidades, estão a ser colocados cartazes alusivos a celebração do Dia da Força Aérea sobre os cartazes de propaganda eleitoral da campanha em curso, a Força Aérea informa não ter qualquer responsabilidade nesse procedimento. Efectivamente a campanha de informação pública do Dia da Força Aérea está entregue sob contrato, à agência de publicidade Lintas que para a afixação dos cartazes subcontratou empresas especializadas que se fazem pagar a 16$00 por cartaz colado, sendo, a empresa «Placard» a responsável pela afixação na área de Alenquer

Ao mesmo tempo que lamenta a falta de profissionalismo do pessoal da empresa en olvido no procedimento ilegal de colagem, o Estado-Maior da Força Aérea, através da agência Lintas exigiu às empresas subcontratadas o mais estreito cumprimento das leis em vigor no desenrolar da campanha em curso.»

Conselho da Europa aguarda entrada de Portugal

VIENA, 26 (Anop) Pronunciando-se acerca da possibilidade de Portugal pedir para entrar para o Conselho da Europa, um funcionário desse Conselho afirmou que a pretensão portuguesa seria aceite «incondicionalmente».

Pierre Auban, por outro lado, autor dum relatorio sobre Portugal, declarou a uma comissão especial que o conselho aguardava apenas o pedido de Portugal para iniciar as discussões sobre a admissão e acrescentou que esse pedido seria possivelmente apresentado depois das eleições presidenciais portuguesas de amanhã.

De acordo com fontes oficiosas, espera-se que Portugal so licite, inicialmente, a sua entrada como observador e, mais tarde, como membro com plenos direitos.

Pires Veloso ao povo do Norte

"Irei de ambulância cumprir o meu dever de cidadão"

O brigadeiro Pires Veloso, vítima de um recente acidente com um helicóptero, endereçou, do seu quarto do hospital onde se encontra ainda internado, uma mensagem à população nortenha, a propósito do acto eleitoral de amanhã

Lançando um apelo ao voto, diz a mensagem:

«Embora me encontre hospitalizado, em consequência dos ferimentos que sofri por causa do acidente de helicóptero em que fui atingido, não gostaria de deixar de contactar com o povo da Região Militar do Norte, nomeadamente nos momentos mais críticos, como o presente, em que todos, mais uma vez, somos chamados a cumprir o nosso dever para com a Pátria. Assim, tem acontecido desde que assumi o cargo para que fui designado, não se me afigurando que as vicissitudes vividas sejam motivo para a quebra ou interrupção de tal orientação.

Como sabeis, no próximo domingo, dia 27 de Junho, têm lugar as eleições para a Presidência da República e é imperativo que, cada um de nós, de acordo com a sua consciência, cumpra o seu dever de eleitor, colaborando com essa atitude para que, de entre os candidatos, seja eleito aquele que a maioria do povo português, impulsionada pelo seu patriotismo, e regida pelo bom senso de que sempre tem dado sobejas provas, entenda merecer a sua confiança para o desempenho da mais alta magistratura da Nação, para a representação de todos nós.

Pessoalmente, não querendo deixar de colaborar em acto de tão grande importância e significado para bem de Portugal e para bem do futuro do povo, que juntos constituímos, seguirei o exemplo que tem sido dado por tantos e irei, de ambulância, cumprir o meu dever de cidadão.»

Quinta da Marinha

Bombeiros apedrejados quando apagavam o fogo

Cerca das duas horas da madrugada de hoje, os bombeiros que apagavam pequenos focos de incêndio na Quinta da Marinha, foram apedrejados por desconhecidos que se escondiam entre o pinhal.

A violência da agressão à pedrada levou os «soldados da paz» (corporação de Cascais) a pedir a intervenção da Polícia que ali chegou com dois carros-patrulha. Àquela hora, porém, qualquer batida estava condenada ao fracasso. Dos agressores, nem vestígio.

Entretanto, a insólita agressão parece vir confirmar as fortes suspeitas de fogo posto na propriedade de António Champalimaud.

De acordo com um porta-voz dos bombeiros de Cascais, o fogo está praticamente extinto, e esta corporação — a única que permanece no local — encontra-se ali apenas por motivos de prevenção contra novos focos que venham a surgir

Recorda-se que no combate ao incêndio, considerado extinto por volta das seis horas, com focos sem grande importância aqui e além, participaram os bombeiros de Mafra, Estoril, Alcabideche, Cascais e 2.ª Secção de Voluntários de Lisboa.





suplemento semanal
Diário de Lisboa

cinema — jorge leitão ramos — 8
discos — j. p. santos reis — 13
teatro — carlos porto — 14
música — mário vieira de carvalho — 15
artes plásticas — 16
gastronomia — 17
desporto — neves de sousa — 19
televisão — 21

sete PONTO sete

Coordenação de Mário Lindolfo
Orientação gráfica de Luísa Cardoso
Lisboa, 26 a 2 de Julho de 1976

Farpa

Dizer-se que o duelo está na berra, não é exagero.

O esgrimir de palavras, prelúdio de estocada, é facto presenciado todos os dias por testemunhas oculares, ou mesmo sem óculos.

Em Olhão como no Arco Cego.

A pretexto, parecem-nos interessante, educativo, histórico, trazer ao SETE-ponto-SETE desta semana a coragem, o destemor, a honra e, enfim, as ousadas, de alguns antepassados, sobre cuja memória aqui nos curvamos, e que se bateram em duelo por razões pessoais ou em defesa da honra da família.

Se o saber não ocupa lugar (já é tão aflitiva a carência de espaço nos apartamentos, nos parques de automóveis, no cérebro de cada um) é bom saber que, se o Homem levou 100 anos a perceber a vantagem de ter uma mão direita e uma mão esquerda (que seria do trânsito, e da política, ambos fora de mão?) levou ainda mais tempo a chegar ao duelo televisivo. Por exemplo.

Foi um processo lento, cheio de escolhos, até que os duelistas chegassem ao Lumiar. Na grande jornada, que começou no reinado de D. Afonso Henriques (página do lado) e, bem vistas as coisas, teve origem universal mais remota (Abel e Caim) muitos ficaram pelo caminho.

Nalguns duelos dos nossos antepassados avós portugueses, nem sempre as coisas correram de feição a quem terçava armas pela verdade, pela justiça e pela honra. Essa, porventura, a grande ironia do duelo: a força da razão era, quantas vezes, calada pela destreza do advogado, mais hábil, no manejo da esgrima ou do bacamarte.

E sendo assim, cabe-nos alertar o leitor para o interesse de evitar chatices. Só em casos muito, muito especiais.

Duelo por duelo, há sempre a bisca, o xadrez, a sueca e o damão.

Depois, passe pela Calçada dos Mestres (Campolide) e experimente, ao menos uma vez, comer no «Olho do Cuco» (pág.17). Mais tarde, pode decidir-se pelo Cinema (pág.8), pelo Teatro (pág.14) ou pela Música (pág.15). Oferecemos-lhe ainda um calendário das Artes Plásticas (pág.16) e o programa da TV, que pode ser alterado por qualquer motivo previsto, ou mesmo imprevisto. (pág.21). Os passatempos nas centrais são para moer o juízo, que a vida sem dificuldades é uma sementeira.

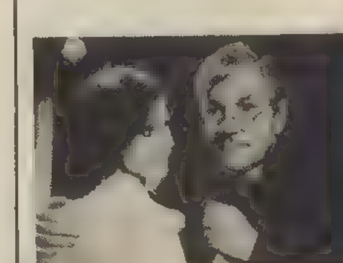
21.05 Momento político
(cada vez mais eles chegam a tempo)

21.30 História dos Jogos Olímpicos
(uma série de episódios



bem contados sobre o que têm sido os jogos olímpicos)

22.20 O padre Brown
(uma das melhores séries policiais que a RTP tem apresentado. No protagonista, Kenneth Moore, no



papel de um padre bisbilhoteiro que atrapalha a vida dos criminosos)

23.15 Memórias do nosso tempo
(a RTP houve por bem transferir esta rubrica das noites de sábado para o fecho da emissão de quinta)

23.40 Telejornal (2.ª edição)
(resumo filmado da etapa de hoje da Volta à França em bicicleta,

e algumas notícias do dia)

II Programa

20.00 A mulher de branco
(história extraída do romance de William Collins, com Bernad Rousselet e Colette Berge)

20.25 Em toda a parte aprendemos
(Tema de hoje: natação. Em toda a parte? Ao menos, é preciso um pouco de água: ou não?)

20.55 «O rei está a morrer»
(Peça de Ionesco, traduzida por Fernando de Castro, e interpretada por José de Castro. Realização de Oliveira Costa)

22.15 Telejornal
(repetição do programa transmitido às 20.30 no I Programa)

Sexta, 2

I Programa

19.00 O cavalo terracota
(uma estatueta, que parecia não ter valor, leva uma família inglesa a viver uma aventura em África, que é onde se passam sempre as coisas)

19.30 Azulejaria portuguesa
(A RTP promete mais: é o primeiro programa de uma série dedicada ao azulejo)

20.00 Momento desportivo

20.30 Telejornal (1.ª edição)

21.00 A música e o silêncio
(António Vitorino de Almeida, para o seu público certo: em tema, o Conservatório Nacional de Música)

21.30 O piano
(um filme de Sinde Filipe)

22.20 Cinema/76
(Alfredo Tropa, que se senta nos sítios mais



incríveis para falar aos telespectadores)

22.50 Telejornal (2.ª edição)
(com resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em bicicleta, e uma outra notícia do que aconteceu no país e no estrangeiro)

II Programa



20.00 A Pipi das meias altas
(as aventuras loucas da menina nórdica)

20.25 Fronteiras do amanhã
(com interesse: veja até onde a ciência e a técnica o podem levar, num destes dias)

20.40 Da saúde e da vida
(útil)

21.00 Os Boussardel
(desta vez, toda a família se junta para agarrar Victorin, o



marido boémio que ninguém segura: ele lá consegue sempre as suas escapadas nocturnas... isto, já em 1865)

21.55 Telejornal
(novamente a edição do I Programa às 20.30)

22.30 Uma vida... uma profissão.

SOLUÇÕES

MOA O JUÍZO
— Deve moer 60 quilos

GASTAR SEIS AOS 100

— 20 vezes. O 6 termina dez números: 6 — 16 — 26 — 36 — 46 — 56 — 66 — 76 — 86 — 96 e começa outros dez: 60 — 61 — 62 — 63 — 64 — 65 — 66 — 67 — 68 — 69.

UM GOLPE DE GEOMETRIA



Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS:
1/22-Spencer Churchill. 7-Câmaras. 12-Haia. 13-Lis. 15-Mela. 16-Isso. 17-Amo. 18-Ágil. 19-Rs. 20-Na. 21-Lá: 27-Er. 28-Mão. 29-Eia! 30-Ca. 31-Picar. 34-Acossar. 35-Calados. 36-Ás. 37-Tarim. 38-Amo. 39-Erada. 40-Irmãs. 41-Madison. 43-Ar. 44/73-REZA PAHLAVI. 46-Or. 47-Calcara. 50-Lá. 52-III. 54-Iama. EDUARDO. 59-Até. 61-Efe. 63-Ion. 64-Ca. 65-Ina. 67-An. 68-IV. 69-Adamaria. 76-Olá. 77-Cod. 78-Omo. 79-Cão. 80-Sismo.

VERTICAIS:
1/37-SHIRLEY TEMPLE. 2-Passar. 3-Eis. 4-Não. 5-Elar. 6-Rim. 8-Amanhas. 9-Regai. 10-Ali. 11-Sal. 14-Sonho. 22/56-CAROLINA KENNEDY. 23-Recamaram. 24-Closos. 25-Lua. 26-Largara. 28-Mad. 31-Parado. 32-Ilidiria. 33-Camas. 35-Cara. 38-Amaçar. 42-Ócido. 44-Rã. 45-Zá. 48-Li. 49-Ra. 51-Adiavam. 53-Ir. 55-Pai. 58-Ofício. 60-Toa. 62-Ena! 64-Cipó. 66-Amos. 69-Ava. 70-Ali. 71-Rãs. 72-Aço. 74-Hó. 75-Ac.



O duelo de Castro-Ribeiro da Fonseca

Os duelos em Portugal

A mania portuguesa dos duelos, vem do princípio da Monarquia. Velhos cronistas de *duelossauros* contam que tudo começou quando Fernão Mendes, topando que D. Afonso Henriques e outros fidalgos riam dele à sucapa, desafiou o fundador da nacionalidade para a pancada, prometendo-lhe uma boa tareia.
Ao longo dos oitocentos e vinte e oito anos que se seguiram, desde a data da Independência ao ano de graça de 1976, o duelo passou por várias e distintas fases: a esgrima, o bacamarte, o colt e, ultimamente, a tapona.

Houve ainda uma fase intermédia, a da pílula, sem grande êxito, porque era a adulteração do duelo: o desfecho não dependia da coragem e dos reflexos dos contendores, mas do factor sorte. Consistia o combate na agitação de um copo com duas grajeias. Uma delas, aspirina vulgar para dor de cabeça, a outra um comprimido de cianeto. O copo passava pela mão das testemunhas, que agitavam as pílulas antes dos «duelistas» se servirem. De um lado, um morto garantido, do outro uma dor de cabeça que se ia de vez.

Os tempos mudaram, as vontades também. Hoje, o uso da esgrima, por exemplo, está reservado a cavalheiros de parva figura, e as pistolas de cano mais longo desempenham o papel ridículo, indigno, degenerado, de isqueiros de mesa em casa de gente bem.
A mudança dos tempos e das vontades não alterou, contudo a impetuosidade e a galantaria do português, que lhe vem de D. Afonso Henriques ou de Fernão Mendes.
Só que a luva foi preterida pela bofetada rápida de mão aberta, o murro tomou o lugar do estoque. As testemunhas são gente que «ia a passar», e o Código de Honra foi revisto e adulterado: só não vale tirar olhos. E mesmo assim, há quem não respeite condição tão razoável.
Há ainda o duelo televisivo, com milhões de testemunhas, os olhos postos na palavra dos sem-palavra e dos outros. Este tipo de duelo tem as suas características muito próprias: nele podem participar mais de duas pessoas, há uma testemunha moderadora a evitar os golpes torpes e as outras testemunhas são obrigadas a pagar taxa para ver.

22.15 Junho/76
(o quente mês de Junho através dos seus principais acontecimentos)

23.30 Telejornal (2.ª edição)
(resumo filmado da etapa do dia da Volta a França em bicicleta, e mais qualquer coisinha do que aconteceu aqui e lá fora)

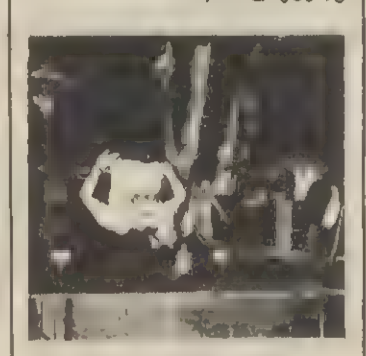
II Programa

20.00 Vickie, o viking
(«Eu não posso ser como o Vickie porque não tenho capacete», lá



disse um pequeno participante no concurso que há dias se realizou, e bem sabia porquê)

20.30 Os Goodies
(Louco, louco, louco)



21.030 Ensaio
(a pintura portuguesa ontem e hoje: amanhã outros o dirão)

22.00 Telejornal
(em diferido do I Programa);

22.30 Inspiração
(gente da Estónia em bicos dos pés)

Quarta, 30

I Programa

19.00 Formação
(O departamento de programas juvenis e infantis é capaz de tudo)

19.25 Magazine do Norte
(País só há um...)

19.55 Educação permanente

20.10 Vamos jogar no Totobola
(da última vez, demos um passeio aos jardins de Lisboa onde vimos casalinhos a beijarem-se, a esconderem-se atrás de árvores, e outras coisas edificantes que têm muito a ver com o desporto que a maioria dos portugueses pratica)

20.10 Telejornal (1.ª edição)
(este país e o outro)

21.05 Programa do Estado-Maior-General das Forças Armadas
(apresentação de Gomes Ferreira)

21.35 O barba ruiva
(também os japoneses têm o seu barba ruiva: um senhor chamado Akahije, num filme realizado por Akira Kurosawa e interpretado por Yuzo Kayawa e Tsotom Yamazaki)

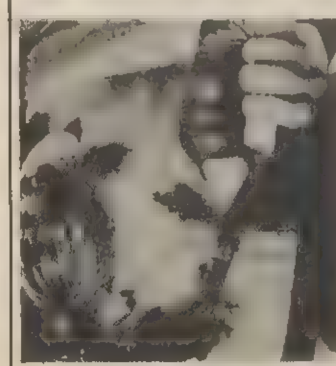
00.35 Telejornal (2.ª edição)
(para poupar energia, a RTP uma vez por outra prolonga a emissão até à uma da madrugada)

II Programa

19.55 O mundo de Wood House
(primeiro episódio de nova série da BBC. Conta a história de Jorge, um homem terrivelmente gago que não consegue declarar o seu amor a Susana. Um especialista aconselha-lhe uma estranha cura: falar, cantar, ou encontrar três pessoas desconhecidas por dia. O desfecho é imprevisível)

20.30 Perspectiva
(um programa de «peso»)

21.00 Sweeney



21.55 Telejornal
(se quiser saber o que o I Programa revelou às 20.30)

22.25 Sabe como se faz o chá?
(então não é com água quente?)

Quinta, 1

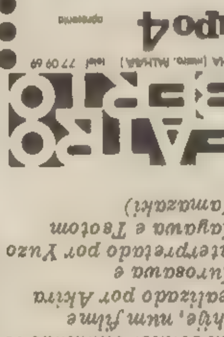
I Programa

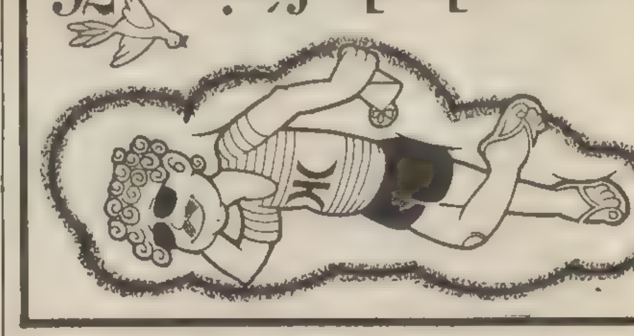
19.00 Naika e Barba Papa
(peçam responsabilidades ao Departamento de Programas Juvenis e Infantis)

19.35 Segredos do Mar Vermelho
(repetição duma série transmitida há anos)

20.00 TV Palco
(continuidade dos programas de Igrejas Caeiro)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(noticiário do país e do estrangeiro, à dimensão da RTP)

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA (metro PALHAVÃ) telef. 77 09 69
grupo 4
apresenta
O CIRCULO DE GIZ CAUCASIANO

TODAS AS NOITES às 21 e 15
Sábado também às 15.30
DOMINGO, 27: uma só sessão às 17 horas
(Preço único: 35$00)
DIA 28 — 2.ª FEIRA
espectáculo com
CARLOS PAREDES
=
GRUPO OUTUBRO
2 SESSÕES
18.30 e 22 horas
PREÇO: 20$00


mercado de férias '76
Uma oferta de férias aliciante e diversificada nos mais famosos centros turísticos internacionais
Transporte, estadia e taxas incluídas.
Temos ainda outros programas de férias à sua escolha
Viaje connosco e tenha as melhores férias da sua vida
Consulte-nos

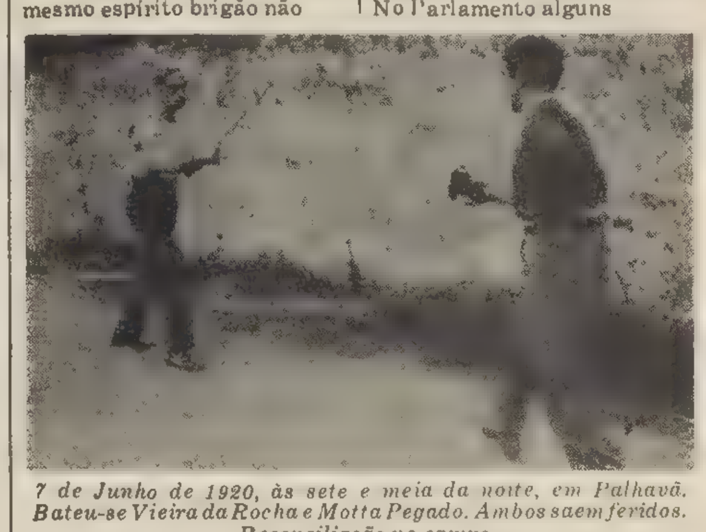
ALGARVE	— 8 dias — Preço desde	1.000$00
MADEIRA	— 8 dias —	2.820$00
AÇORES	— 8 dias —	4.590$00
CANARIAS	— 8 dias —	4.440$00
MAIORCA	— 8 dias —	3.420$00
TORREMOLINOS	— 8 dias —	1.950$00
LONDRES	— 8 dias —	3.400$00
PARIS	— 8 dias —	5.400$00
ROMA	— 8 dias —	5.600$00
HOLANDA	— 7 dias —	4.975$00
ROMENIA	— 15 dias —	11.900$00
MARROCOS	— 8 dias —	3.650$00
SUIÇA, ITALIA E AUSTRIA	— 11 dias —	10.900$00
RUSSIA E ESCANDINAVIA	— 9 dias —	15.800$00

HOTELCAR
AGENCIA DE VIAGENS
Av. da Liberdade, 107 — LISBOA
Telefs. 36 90 45/6 - 36 91 78/9 - 32 88 91/2

De D. Afonso Henriques ao VI Governo Provisório

Entretanto, reconheça-se que, bonito de verdade, era o duelo à esgrima. Era o tempo dos punhos de renda, da elegância que só o espartilho da Casa Bacêlo — Fazendas e Miudezas podia garantir, do ultraje que nenhum cavalheiro digno poderia engolir. E casos houve em que a honra de uma donzela era lavada em águas de carvalhelhos, quando o seu defensor atirava o adversário ao charco com a ponta do estoque.
De entre a diversidade de razões que poderiam levar a um duelo, avultam os casos de homens que se batiam *por sua dama*. Também havia, naturalmente, aqueles que terçavam armas *por um punhado de reis* (dois mil reis era dinheiro, gente!) e os outros que desafiavam qualquer um *por dá-cá-aquela-palha*. Duelos tremendos, justificados por expressões que fazem hoje parte do reportório de todo o automobilista encartado e batem e resvalam na carcaça de indiferença do ofendido: camelo, imbecil, corno, banana e atrasado mental. (Façamos aqui um aparte: ultimamente as relações entre os automobilistas vêm melhorando quilómetro a quilómetro. Ontem mesmo um destes condutores alertou um companheiro de estrada para o facto de levar a porta aberta, e o outro agradeceu, respondendo «Vai tu!»)
Voltando ao duelo, diga-se de passagem que ele é de origem pagã. Tratava-se de uma prova em que Deus escolheria o vencedor (vide «The Golden Bough» de Sir Hugh Frazer, pedra filosofal de tudo isto, ou mesmo o breve trabalho de Levy Strauss sobre a matéria). Os mais estudiosos atribuem aos vândalos o «transporte» do duelo para Portugal e aos suevos o seu uso e divulgação. O breve apontamento que passamos a transcrever, da autoria de Eduardo Frias e Publicado em 1925, numa revista lisboeta, é prosa saborosa que oferecemos de mão beijada ao leitor. É de certa maneira a reconstituição de uma época que, à distância, dá para sorrir mas dá, também, para pensar. Pensar por exemplo no que seria hoje de muito boa gente neste país se a história do duelo com ferrinhos ou de bacamarte voltasse. E voltassem os cavalheiros a bater-se por sua dama.

Impetuoso e cavalheiresco, guerreiro e D. Juan, o português bateu-se sempre desde os primeiros tempos da monarquia.
Fernão Mendes, notando que D. Afonso Henriques ria dele à sucapa com outros fidalgos, desafiou o próprio rei para um combate rijo. A fúria de brigar cegava os contendores e o ferro cruzava-se, indistintamente, contra o rei ou a favor do trono. D. Francisco Manuel de Melo, num encontro nocturno de embuçados, puxou da espada para D. João IV.
A história do duelo em Portugal é um manancial de anedotas ou um museu de truculências bárbaras, como a de Gonçalo Roiz de l'almeira que tão furiosamente se atirou ao adversário que lhe abriu, com a espada, uma brecha do lombo à cinta, ou, em boa expressão portuguesa, «rachou-o de alto a baixo». Nos tempos modernos, o mesmo espírito brigão não afrouxou. Em 1909, num curto espaço de cinco meses, registaram-se nada menos de quatro duelos, tais foram as pendências entre o conselheiro Afonso Espregueira e Caeiro da Mata; Venceslau de Lima e José de Azevedo; outra vez Caeiro da Mata e Moreira Júnior; e Melo Barreto com Rodrigues Nogueira.
O mestre de armas Carlos Gonçalves, perfil aristocrático de fidalgo inglês, recorda-me alguns desses episódios em que o duelo é um rico motivo de anedota ou uma revivescência do espírito bélico dos antigos combates, sem testemunhas.
O período romântico do parlamentarismo dá ainda duelos sérios, trágicos, como a pendência entre o deputado José Júlio e o oficial do exército Sá Nogueira.

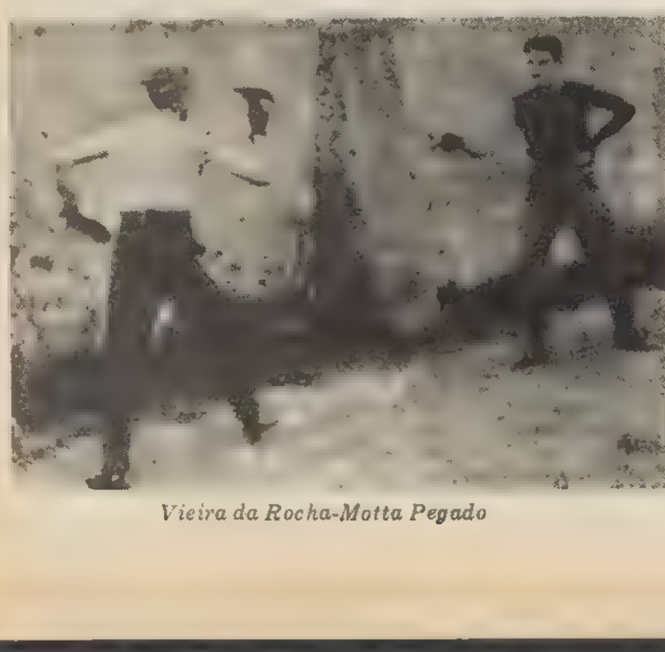


7 de Junho de 1920, às sete e meia da noite, em Palhavã. Bateu-se Vieira da Rocha e Motta Pegado. Ambos saem feridos. Reconciliação no campo

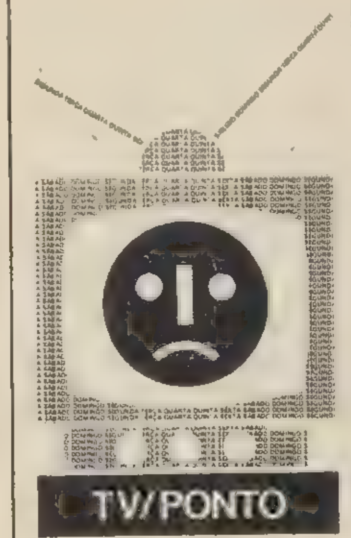
Na Câmara dos Deputados, José Júlio atacou violentamente o marquês de Sá da Bandeira, até ao ponto de este se considerar agredido. Como a perda de um braço o impedisse de se bater, foi o sobrinho do Nogueira quem tomou o encargo de repelir a afronta. Para evitar desculpas, adiamentos, dúvidas, Sá Nogueira procurou José Júlio e provocou-o, agredindo-o na cara com um «stic». José Júlio não foi pronto no desagravo, alegando que as suas crenças religiosas a isso o obrigavam. Esta atitude trouxe-lhe muitos dissabores. No Parlamento alguns deputados voltavam-lhe as costas ou recusavam apertar-lhe a mão. José Júlio decide bater-se e é ferido de morte com um tiro no ventre. Sá Nogueira junta o epílogo a este trágico lance, emigrando para a Itália, porque o duelo em Portugal foi sempre proibido. Claro que esta proibição foi sempre letra morta.

O dr. Bernardino foi, de todos os ministros, aquele que mais a peito tomou a repressão dos conflitos de honra derimidos pelas armas. Houve até um duelo em que se chegou a fazer constar que ele não se realizara, custasse o que custasse. Foi uma pendência entre Assis Camilo e Levy Marques da Costa. Foram tomadas todas as medidas para frustrar os desejos dos duelistas. Afonso Costa, que era uma das testemunhas, foi vigiado sem descanso pela polícia secreta.
Em casa de Carlos Gonçalves foi levantado um verdadeiro cerco e, como se isto não bastasse, foi avisado de que o Governo estava na firme resolução de impedir o duelo e que, portanto, não estranhasse as medidas de defesa que fossem tomadas para esse fim. Carlos Gonçalves sorria e fingia não conhecer os polícias que o espionavam. Com toda esta

Continua na pág. 6



Vieira da Rocha-Motta Pegado

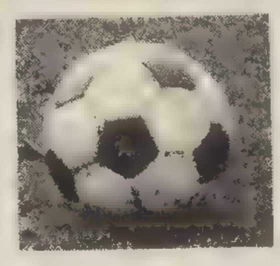


Sábado, 26

I Programa

14.00 Telejornal (1.ª edição) *(o pequeno mundo televisivo)*

14.15 Retrospectiva



(sete dias de desporto aqui e lá fora)

14.30 Culinária *(lavar as mãos não faz mal a ninguém)*

14.55 Disciplina no desporto *(imaginem...)*

15.25 As aventuras da



família Powenz *(é apenas o segundo episódio)*

16.30 Fungagá da bicharada *(por que é que a protectora dos animais não intervém?)*

17.00 Aconteceu, acontece *(e acontecerá...)*

17.30 Campeonato nacional de basquetebol (em directo) *(já se aperceberam de que desporto não é só futebol)*

19.00 Concerto pela orquestra sinfónica da RDP *(ideal para a tarde de sábado: sob a direcção do maestro Álvaro Cassuto, com a participação do coro Gulbenkian, do quarteto de cantores polacos, e da pianista Helena Costa.)*

19.25 Stop *(você até perde a vontade de guiar neste fim-de-semana)*

19.40 Cinema de animação *(animem-se: é a rubrica de Vasco Granja)*



20.05 Gente do amanhã (série filmada) *(já temos tantos problemas com a gente de hoje...)*

20.30 Telejornal (2.ª edição) *(em repetido, da primeira)*

21.05 Programa musical *(a RTP lá tem a sua caixinha de surpresas)*

22.30 Memórias do nosso tempo *(a não perder: é uma das melhores séries que a RTP tem apresentado)*

23.00 Telejornal (3.ª edição) *(as últimas do dia televisivo)*

II Programa

20.00 Concerto pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa

20.25 No Jardim Zoológico *(bicharada sem fungagá)*

20.55 Minha prima Raquel *(Richard Burton, há mais de vinte anos, contracenando com Olívia de Havilland e Andrey Cacton, num filme de Hery Coster. Uma história melodramática: Philip Ashley, jovem pupilo de Ambrose Ashley, tem conhecimento de que o seu tutor e primo, homem de idade respeitável, se casou em Florença com uma tal prima Raquel. Ambrose morre misteriosamente, e Philip convence-se de que Raquel o assassinara, pelo que jura vingá-lo... Está mesmo a ver o desfecho, caro telespectador...?)*

22.45 Telejornal (em diferido) *(em repetido, do primeiro programa)*

Domingo, 27

A RTP não elaborou qualquer programa para este dia, prevendo-se que todo o tempo de emissão esteja ocupado com a cobertura das eleições para a Presidência da República

Segunda, 28

I Programa

Dedicado às eleições

II Programa

20.00 O Sobrinho da América *(Um jovem americano vem à Europa receber a herança de um tio, e descobre que esta consiste num cavalo. A partir daqui começam as aventuras e desventuras dum cavalo europeu em mãos de americano: o costume)*

20.30 Artes e Ofícios *(Ligue o receptor pra ver a banda passar...)*

21.30 Evasões célebres *(Uma história de mercenários que acaba numa fuga bem sucedida: as estranhas ideias da RTP, no dia*



em que em Luanda é lida a sentença dos mercenários)

22.00 Telejornal (1.ª edição) *(Em diferido do I Programa)*

22.30 TV Jazz *(Hot, hot, hot)*

Terça, 29

I Programa

19.00 Espaço visual *(ver para crer)*

19.25 O regador mágico *(pegue num regador e veja se é capaz do mesmo: pior é impossível)*

20.00 Com todas as letras *(Augusto Boal, brasileiro, escritor, num encontro que promete revelações de interesse)*

20.30 Telejornal (1.ª edição) *(Do país e do estrangeiro, o que a RTP nos quiser contar)*

21.30 O barão von der Trenk *(que aventuras! que*



emoções! que realismo! Felizmente, acaba hoje)

Código do duelo

O duelo tem as suas regras de honra, que resultam da experiência que ao longo de séculos se foram recolhendo em vários países. Assim, em 1559, Luiz Ramos Izquierdo seleccionava, a partir de uma edição francesa, as regras do Códigos do Duelo, e publicava-as numa edição que agora encontrávamos na Livraria História e Ultramarina, à Trav. da Queimada, em Lisboa.
Do Código retirámos 19 regras, além de várias outros apontamentos que nos dão ideia de como os duelistas se encontravam no «campo de honra».
Assim, sabe-se quea escolha de armas pertencia ao ofendido, e geralmente era espada ou pistola, aceitando-se excepcionalmente o sabre.
Considerava-se ofensa toda a palavra, escrito, desenho, gesto, ou acção que pusesse em causa a delicadeza, o amor próprio, ou a honra de alguém. A ofensa podia ser considerada «leve», «com insulto», ou «acompanhada de vias de facto», o que lhe conferia três graus de gravidade. O primeiro dava direito ao ofendido de escolher as armas, o segundo dava-lhe direito para escolher o tipo de duelo e as armas, e o terceiro autoriza o ofendido a escolher o tipo de duelo, as armas e a distância.

19 MÁXIMAS

1.ª Numa querela que leva ao duelo, o ofendido e o primeiro que recebe uma injúria.
2.ª Os padrinhos decidem se houve ou não injúria, mas se não estiverem de acordo, tira-se à sorte a escolha da arma.
3.ª Se numa discussão acalorada, sem que tenha havido injúrias, um pede explicações, nem por isso passa por ofensor, e o seu adversário por ofendido. Tirar-se-á à sorte o duelo.
4.ª Se se prova que não houve ofensa, mas sim por uma condescendência cavalheiresca se aceita o duelo, a igualdade exige que o adversário sofra a pena da sua susceptibilidade, e perca o direito de escolher a arma.
5.ª Se a uma injúria se responde a outra, o ofendido é quem foi injuriado primeiro.
6.ª Se a uma ofensa leve, se responde com uma injúria grave que ataque a honra e consideração, o ofendido é quem recebe a injúria.
7.ª Quando a uma injúria se responde com um golpe, o ofendido é quem recebeu o golpe. Se a uma bofetada ou golpe se responde com outro, o ofendido é quem recebeu o golpe primeiro
8.ª Nas ofensas por golpes ou feridas, supõe-se que «quem toca fere», e não se admitem diferenças: por isso atirar uma luva equivale a uma bofetada.
9.ª A simples acção de pegar em arma considera-se golpe recebido.
10.ª Para uma única ofensa, só se pode exigir uma única reparação.
11.ª Quando a mesma ofensa atinja várias pessoas, e a sociedade pedir reparação, tira-se à sorte quem deve bater-se.
12.ª Uma mesma ofensa pode ser cometida por várias pessoas, contra um só indivíduo. Neste caso, o ofendido tem o direito de escolher entre os seus ofensores aquele com quem deseja bater-se, para reparação da sua ofensa.
13.ª Quando, em diversas querelas sucessivas, várias ofensas tenham sido cometidas pelo mesmo indivíduo, contra diferentes pessoas, a prioridade do direito de reparação pertence à primeira ofensa, quando as ofensas são da mesma categoria. Em caso contrário, a ofensa mais grave vai primeiro que as outras, sendo naturalmente consideradas mais graves as ofensas com golpe.
14.ª Todo o que desafia outro sem motivo plausível será considerado ofensor.
15.ª Pode acontecer que os interessados não queiram que as testemunhas se inteirem das causas do duelo. Neste caso, as testemunhas, antes de autorizar o duelo, devem obrigar os duelistas a dar a sua palavra de honra: 1.º que os motivos do duelo não se podem divulgar por razões íntimas de delicadeza., 2.º que não se batem por questões de dinheiro, 3.º que não se batem por questões ligadas com relações de chefe a subordinado.
Estes duelos devem ser muito sérios, nunca ao «primeiro sangue», e acabam sempre com feridas de gravidade.
16.ª As ofensas, quando são pessoais, têm de ser vingadas pessoalmente. Assim é que um filho, irmão, sobrinho, podem bater-se por um pai, irmão, ou tio, em condições a combinar.
17.ª As ofensas feitas a uma família, corporação ou colectividade, só podem ser vingadas por um único membro da colectividade.
19.ª Todo o duelo excepcional pode ser cancelado sem discussão.

As regras de honra do duelo incluem muitos mais capítulos que, pela sua extensão, nos é impossível referir. Mesmo assim, fazemos menção, pela sua importância, a mais algumas regras. Deste modo, lembremos que um duelo nunca se efectuava entre parentes próximos: o ofendido, que se queixasse à autoridade, perdia o direito de desafiar o adversário: um devedor não podia provocar o credor, sem pagar a dívida, mas, em contrapartida, o credor podia desafiar o devedor; neste caso, os padrinhos tinham que resolver a questão da dívida antes que se efectivasse o duelo.
Um indivíduo de mais de sessenta anos só podia bater-se após uma declaração por escrito de que o desejava fazer. Os padrinhos decidiam sobre se deveriam, ou não, aceitá-lo.
Cada contendor tinha que ter dois padrinhos, e, a partir do momento em que se desafiavam para o duelo, todas as relações entre os duelistas acabavam, sendo as mensagens transmitidas pelos padrinhos.
A questão dos padrinhos era tão importante que se dizia que «Não é a ponta da espada, nem a bala de uma pistola, o que mata nos desafios; o que mata são os padrinhos».
Aos padrinhos competia escolher o médico que levavam para o «campo de honra», inspeccionar o adversário a ver se trazia armas escondidas ou qualquer forma de protecção, e, em primeiro lugar, decidir se tinha havido ou não ofensa suficientemente grave a justificar o duelo.
O recontro era sempre presidido por um juiz — o mestre de armas, que dirigia o duelo, e intervinha, como árbitro, sempre que alguma ilegalidade tivesse sido cometida. Entre nós, conforme nos relata Edpardo Frias nesta crónica que transcrevemos, houve já em 1900 um mestre de armas famoso, Carlos Gonçalves, que dirigiu muitos duelos nos fins da Monarquia e princípios da República.



vigilância, não foi difícil despistar as autoridades. Habilmente soprada, começou circulando a notícia de que o duelo se efectuaria na Ameixoeira. No dia do encontro, a polícia seguia afanosamente uns automóveis que desapareciam em direcção à Amadora, enquanto os duelistas, muito tranquilamente, se batiam na estrada das Mercês.

Um outro duelo perseguido pela polícia, foi originado por uma questão desportiva entre o jornalista de desporto Joaquim Vital e o conhecido esgrimista Celestino Henriques. O encontro deveria realizar-se na Ameixoeira às cinco da manhã. À hora combinada, aparecem as testemunhas, o médico, e alguns amigos inevitáveis nestes lances. Quando Carlos Gonçalves descia do automóvel, rodearam-no quatro indivíduos que recomendam cautela com as autoridades e que aconselham a desistir de cruzar ferros.

— Mas os senhores são agentes!

— Não senhor.

Iniciam-se os preparativos, marca-se o terreno e, quando as armas são retiradas do automóvel, os quatro indivíduos declaram-se representantes da autoridade, com plenos poderes para impedir o duelo. Volta tudo à primeira forma, as armas deixaram de brilhar e meus senhores passem muito bem, porque, visto isso, não queremos desrespeitar as autoridades, e se quiserem utilizar-se dos nossos automóveis... nós vamos partir.

Os carros abalaram, mas os agentes não se convenceram da desistência e, em breve, os duelistas tinham outro automóvel a engrossar o número dos carros das testemunhas e amigos. Foi uma autêntica perseguição movimentada,

«Se ele o mata... tem de haver-se comigo!»

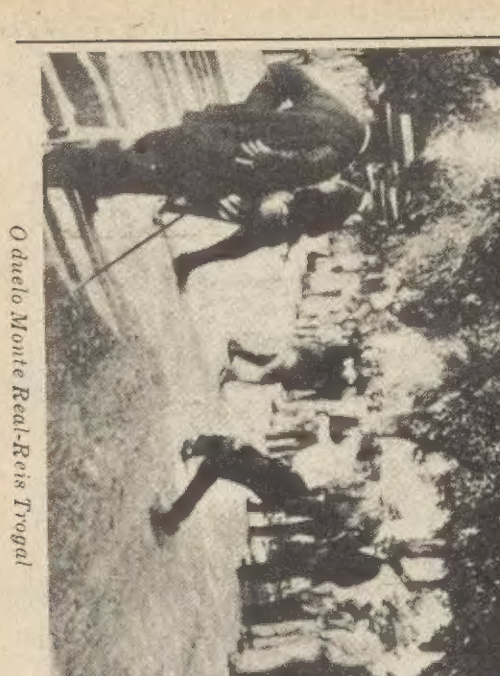
cinematográfica. Como quase sempre, não foi difícil despistar a polícia. Os carros, um deles o automóvel de Pereira Rosa, dirigiram-se a toda a velocidade para uma quinta em Camarate. Da polícia não havia o mais leve sinal. Podiam portanto cruzar-se os ferros muito à vontade, mas surge um incidente imprevisto a aumentar o número das peripécias curiosas deste duelo.

Quando tudo estava preparado e já os contendores frente a frente, de espada na mão, a quinta é assaltada pela guarda fiscal que vinha prender uns conspiradores monárquicos, para ali fugidos com armas e bandeiras. Desfeito o equívoco, o duelo só veio a realizar-se tranquilamente no dia seguinte, na estrada de Belas, sem espectadores e sem polícia.

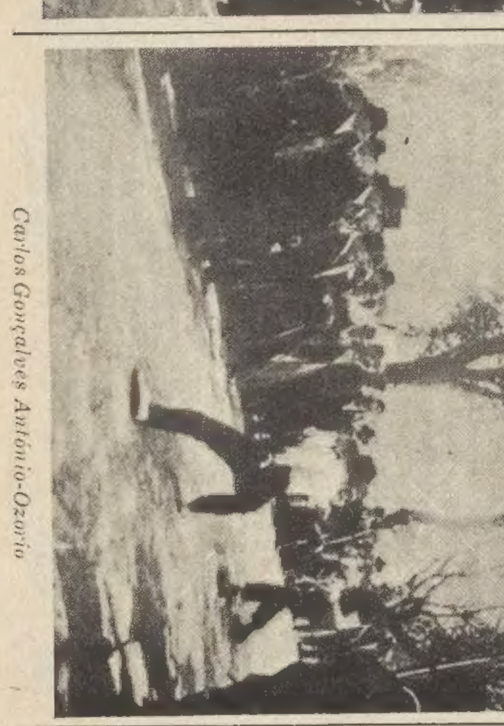
Os espectadores também deram que fazer em alguns duelos de acentuado carácter político. No duelo de Cristóvão Aires (filho) e Monteiro Torres, os espectadores, em grande número, dividiram-se aos «morras» e «vivas» à República e à Monarquia numa vozearia tumultuosa que fazia lembrar as arruaças dos antigos espadachins. Ao lado de Carlos Gonçalves, um correligionário exaltado de um dos contendores apertava no bolso a coronha de um revólver e de quando em quando explodia:

— *Ai que se ele o mata... Se ele o mata, tem que haver-se comigo...*

Um outro duelo que apaixonou muito os espectadores foi o encontro de Penha Garcia e Afonso Costa. Penha Garcia era habilíssimo no manejo das armas. Os



O duelo Monte Real-Reis Trogal



Carlos Gonçalves António-Ozorio



O duelo Afonso Costa-Penha Garcia



Em 6 de Junho de 1920, pelas 9 horas, Álvaro Pope e Costa Veiga batem-se na estrada da Ameixoeira. Costa Veiga fica ferido. Os adversários reconciliaram-se no campo

No Parque das Necessidades





Álvaro Pope — Costa Veiga

amigos exaltados de Afonso Costa temiam um desastre. Foi também um trabalhão para os conter. Havia um ambiente carregado. Dizia-se que havia grupos, ao longo da estrada, para liquidar Penha Garcia, caso ele assassinasse Afonso Costa.

A fúria política, o ódio sectário, não conhecia o duelo senão por esta forma. Um assassínio com testemunhas. Verdade que o duelo reserva ainda muitas supresas.

No duelo entre o capitão Bivar e o conselheiro José de Azevedo Castelo Branco houve um incidente verdadeiramente inesperado. O capitão Bivar era um esgrimista experimentado e o seu antagonista não conhecia nada de esgrima. Bivar andava preocupadíssimo, não fosse magoar com a sua superioridade o seu adversário, não fosse mesmo feri-lo de uma maneira desastrosa, dada a impetuosidade como os neófitos se atiram ao ataque, colocando-se completamente a descoberto.

Cruzam-se os sabres e José Azevedo Castelo Branco teve logo ao começar uma sabrada que leva o dedo polegar ao experimentado capitão, inutilizando-o para o combate. Impetuosidade, violento, foi também o duelo entre o conselheiro João Franco e João Pinto dos Santos. O duelo foi ao sabre. João Pinto dos Santos entrou a atacar tão desabridamente que João Franco, de espada no ar, perplexo, deixa escapar esta interrogação, que fez sorrir a assistência, não acostumada à pronúncia beirã:

— *Que é isto! Que é isto!*

Apesar desta violência no ataque, foi João Pinto dos Santos quem saiu ferido do combate. Na nossa época de futilidade e aparências, ainda há duelos a sério, como no encontro de Álvaro de Castro e Ribeiro da Fonseca.

No duelo entre Nunes Ribeiro e Leote do Rego, Nunes Ribeiro preparava-se para fazer o seu adversário em postas, cortando-o pelo tronco com uma sabrada vigorosa. Não levou a efeito o seu intento porque, quando o sabre ia no ar, Carlos Gonçalves segurou o alucinado duelista, num movimento brusco mas sereno e, com grande calma, aquela fleuma risonha dos grandes «gentlemen», fez-lhe notar que o seu adversário estava inutilizado para o combate, em manifesto estado de inferioridade, com um golpe profundo no nariz. Mas nem sempre os portugueses são violentos.

O duelo Martins de Lima e o capitão Cerqueira é mais uma prova de que os portugueses «sont toujours gais».

Depois de marcado o terreno e quando os duelistas deveriam empunhar as armas, o capitão Cerqueira, mais tarde adido militar em Londres, tinha desaparecido. **Espanto geral. Covardia? Desastre? Rapto? Mas onde estava o capitão Cerqueira?** E, quando todos os rostos se carregavam numa angústia ou mesmo censura irrespirável, o capitão Cerqueira era encontrado sob uma árvore comendo cerejas muito tranquilamente.





As imagens foram obtidas por altura do duelo Álvaro de Castro — Ribeiro da Fonseca, realizado no Parque das Necessidades, como consequência da «questão dos aviadores» (1924). Na foto acima, o juiz de campo lê as condições do duelo.

museus

Museu Nacional de Arte Antiga
(Rua das Janelas Verdes, Lisboa, tel: 672725)
«Retrato francês dos séculos XVII e XVIII»
Horário: terças, quartas, sextas e sábados, das 10 às 17, quintas e domingos, das 10 às 19.
Encerra às segundas feiras.

Galeria Nacional de Arte Moderna
(Mercado do Povo, Belém, Lisboa)
«Pintura colectiva»
(dias 12 e 13)

Centro Cultural Americano
(Av. Duque de Loulé, 22-Lisboa, tel: 555141)
«Pintura de Hans Hoffmann» (até ao dia 25)
Horário: das 14 às 20.
Encerra sábados e domingos.

Museu de Arte Popular
(Av. Brasília, T:611232)
Entrada: 1$50. Grátis às quintas-feiras.
Horário: 10 às 17
Encerra às segundas-feiras.

Museu do Azulejo
(Anexo ao Museu Nacional de Arte Antiga)
(Convento da Madre de Deus, T:[illegible]21231)
Entrada gratuita.
Horário: das 10 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu da Bombeiro
(Av. D.Carlos, Quartel do B.S.B., T:663141)
Entrada gratuita.
Horário: terças e sextas, das 15 às 17 e 30.
Encerra nos restantes dias da semana.

Museu Calouste Gulbenkian
(Av. Berna, 45, T:769304)
Entrada: 5$00. Grátis aos sábados e domingos.
Horário: terças, quintas, sextas e domingos, das 10 às 17, quintas e sábados, das 14 às 20.
Encerra à segunda-feira.

Museu Agrícola do Ultramar
(C.do Galvão, T:637023)
Entrada gratuita.
Horário: das 11 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu Antoniano
(L.de Santo António, à Sé, T:[illegible]69145)
Entrada gratuita.
Horário: das 11 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu Arqueológico
(Convento do Carmo, T:30473)
Entrada: 5$00.
Horário: das 11 às 1[illegible].
Encerra às segundas-feiras.

Museu dos C.T.T.
(R.D.Estefânia, 173-175, T:46122)
Entrada gratuita.
Horário: terça a sábado, das 15 às 1[illegible], domingos das 10 às 13.
Encerra às segundas-feiras.

Museu da Direcção-Geral das Alfândegas
(Ministério das Finanças, T:366546)
Entrada gratuita.
Horário: segunda a sábado, das 9 às 12, e das 14 às 17 e 30.
Encerra aos domingos.

Museu-Escola de Artes Decorativas
(L. das Portas do Sol, 2
T:[illegible])
Entrada: 2$50. Grátis aos domingos.
Horário: das 10 às 17, domingos das 13 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu Etnográfico do Ultramar
(R.das Portas de Santo Antão, 100, T:325401)
Entrada gratuita.
Horário: segunda a sexta, das 11 às 13, e das 15 às 17.
Encerra aos sábados e domingos.

Museu de Geologia e Arqueologia
(R.da Academia das Ciências, 19-2.º, T:33915)
Entrada gratuita.
Horário: segunda a sexta, das 9 às 12, e das 14 às 17 e 30, sábados das 9 às 12 e 30.
Encerra aos domingos.

Museu dos Hospitais Civis de Lisboa
(Hospital de Santa Marta)
Entrada gratuita.
Horário: das 9 às 15.

Museu Instrumental do Conservatório Nacional
(R.dos Caetanos, 29, T:363[illegible]01)
Horário: segunda a sexta das 10 às 13, e das 14 às 17 e 30.
Encerra aos sábados e domingos.

Museu dos Jardins-Escolas de João de Deus
(Av. Pedro Álvares Cabral, T:660[illegible]54)
Entrada gratuita.
Horário: das 10 às 12 e das 15 às 17.
Encerra aos sábados e domingos.

Museu da Liga dos Combatentes da Grande Guerra
(R.João Pereira da Rosa, 1[illegible], T:36[illegible]245)
Horário: das 10 às 13 e das 15 às 1[illegible].
Encerra aos sábados e domingos.

Museu da Marinha
(P. do Império, T. 612541)
Entrada: 5$00. Grátis à quarta-feira.
Horário: das 10 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu Militar
(L.dos Caminhos de Ferro, T:[illegible]67131)
Entrada: 5$00.
Horário: terça a sábado, das 10 às 17, domingos das 11 às 1[illegible].
Encerra às segundas-feiras.

Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia
(P.do Império, T:610100)
Entrada: 5$00. Grátis aos sábados e domingos.
Horário: das 10 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu Nacional de Arte Antiga
(R.das Janelas Verdes, T:672725)
Entrada: 5$00. Grátis aos sábados e domingos.
Horário: das 10 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu Nacional dos Coches
(P.Afonso de Albuquerque, T:63[illegible]022)
Entrada: 5$00. Grátis aos sábados e domingos.
Horário: das 10 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu Numismático Português
(Casa da Moeda, Av. António José de Almeida, T:7731[illegible]1)
Entrada gratuita.
Horário: quartas, das 9 às 12 e das 14 às 17, sábados das 9 às 12 e 30.
Encerra nos restantes dias da semana.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro
(Campo Grande, 3[illegible]2, T:790[illegible]16)
Entrada gratuita.
Horário: das 11 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu de S.Roque
(L.Trindade Coelho, T:30361)
Entrada: 5$00. Grátis aos domingos.
Horário: das 10 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu Tauromáquico
(Praça de Touros do Campo Pequeno, T:766161)
Entrada gratuita.
Horário: das 9 às 19.

Palácio Nacional da Ajuda
(L.da Ajuda, T:637095)
Entrada 5$00. Grátis nos feriados.
Horário: das 10 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Aquário Vasco da Gama
(Dafundo, T:211233)
Entrada: 5$00.
Horário: segunda a sábado, das 12 às 1[illegible], domingo das 10 às 1[illegible]

Jardim Zoológico
(Parque das Laranjeiras, E.de Benfica, T:7[illegible]2041)
Entrada: crianças de 5 a 10 anos, 2$50, adultos 10$00.
Horário: das 9 às 20.

estude!
GANHE MAIS DINHEIRO!
CURSOS POR CORRESPONDENCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o HOJE MESMO
(indique um só curso)
COSTURA
FOTOGRAFIA
RELAÇÕES PÚBLICAS
VENDAS / MARKETING
CULTURA GERAL
RADIO, ELECTRONICA, TV
DESENHO E PINTURA
ELECTRICIDADE
INGLÊS
SECRETARIADO
GRÁTIS
Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒
D.L. 10
Nome
Morada
Localidade
CEC Alvaro Torrão • Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

É só saúde

DESPORTO

O desporto português caminha em mar de rosas. Nem uma pluma (sequer) a perturbar o doce ripanço. Nada de ondas: tudo doce, calmo, monótono. Nadinha por onde se lhe pegue em jeito de crítica, de maledicência, de acirrar de pena. No futebol, vida imperturbável. Salvador, o brasileiro que faz os remates para o golo, lá pelo Boavista, passou por Braga e, necessitando de ir experimentar o «bacalhau à Narcisa», entou no Sporting da terra e meteu um vale à caixa, por conta de seriços a prestar, muito provavelmente por alturas das kalendas gregas, uma vez que pelos tempos mais próximos está arregimentado pró xadrez. Federação e clubes estão na melhor harmonia. O facto do Portimonense não querer jogar a final da 2.ª divisão em Tomar, o União de Leiria achar que foi ilegitimamente castigado através do desfecho *magicado* pelos federativos para o Barreirense-Sesimbra, o Lourosa entender que o Costa Almeida estava mal inscrito, o Vilanovense atacar o Feirense por causa de um rapaz que dá pelo nome de Cândido, tirando estes pequenos nadas e o mais da gente não saber para que saco é que revertem as multas aplicadas na Praça da Alegria aos trabalhadores do futebol, o resto é tudo melancolia, fastio, tédio e apatia. No andebol é que não há mesmo um salpico. A menos que se entenda como grave a frente unida que está a ser feita, em vários órgãos informativos, contra a gerência orientada por José Gomes Machado. Ou o tesoureiro António Freitas se ter demitido, aparentemente em colisão com os antigos camaradas de excursão. Mas, é tudo passageiro, vão ver. O badminton cresce a olhos vistos: (or acaso, três clubes do burgo (BCP, GDSC e CBL) deliberaram, em comum que o chamado «Encontro Nacional do Badminton» era uma estopada e, assim, não se justificava. Aliás, as conclusões brilhantemente desarrincadas há um ano, em conclave semelhante, ficaram na casca, morrendo à nascença por falta de colocação em prática. Ciclismo? Uma maravilha. Profissionais de ontem são agora catalogados de amadores, embora recebam o mesmo por mês mas agora de outros patrões.

Boxe é um assombro. Na nossa terra não há trafulhices, a modalidade está totalmente depositada em mãos honestas, das que não se corrompem nem por um Himalaia de ouro. Os «combates» nunca têm desfecho combinado: por acaso, nisso somos bons, porque, sempre que as «lutas» se processam no Parque Mayer, os portugueses (do melhor do Mundo!) aplicam tareias de criar bicho nos até aí *fabulosos* e *assombrosos* *campeões* de todos os planetas.

Uma coisa que está bem vista é a adopção de medidas de austeridade em todo o País. Estamos tesos: há que poupar. Não como dizia o velhinho: «produzir e poupar». Mas, como muito bem aconselha o sr. dr. Salgado Zenha: apertar o cinto e dar ao gatinho, abjurando importações escusadas e preferindo (sempre) produtos portugueses, da lavra das conservas e da cortiça, do tinto da Régua e do verdelho da Madeira. Só o que vai casozito da meia dúzia de tostões, quando muito, que os abnegados brasileiros do chuto na bola vão embolsando à custa dos palermas que apoiam as direcções que contratam esses *divinos* sem termo palpável de comparação. Bem, e há aquele casozito da meia duzaia de contos (se tanto) que o Sporting tira ao pobre do sr. Manoel (com o) para emprestar *sine-die* a um garagista inglês, de apelido Haggan, que vem cá sacrificar-se a ensinar uma lasquinha da sua enciclopédia de sabedorias. E, já agora, também aquela coisa, meio em ar de mania, que é o Benfica teimar em seguir as pisadas do vizinho de Alvalade e ir até ao *bas-fonds* do futebol britânico descobrir um timoneiro para a nau que, por sina, estava no melhor rumo graças a piloto portuga. Gastam-se praí uns 300 ou 400 contos por mês, mas vai buscar-se o dinheiro depressa, porque só em gasolina para os carros, de casa para os estádio, o Haggan mais o sócio vão gastar à volta de 600 ou 700 paus por mês. É dinheirinho que fica cá, pois claro. Bem visto.

Na vela, bonança e calmaria. O sr. Lufinha, olímpico de primeira escolha, está em «brasa» e garante, a pés juntos, que a Federação (a que já esteve muito ligado o desportista Henrique Tenreiro) *fez chantagem*. E desbobina (no «Mundo Desportivo» de 25 Junho) um rol de roupa suja que enche a corda toda.

Por falar em olimpismo, por calhar à bica a apologia do amadorismo e da poupança, aí temos a ementa do simples e modesto jantar, servido em hotelzito de cinco estrelinhas e simples e modestos convivas, na noite em que, modesta e simplesmente, quase sem bulício, se celebrou o «Dia Olímpico»: apenas um frugal «cocktail» de gambas, com um singelo bife do lombo, um discreto «savarin» de frutas com «chantilly», um branquito de Águeda, um tinto reserva do Borlido, uns brandies e uns licorzitos à discrição, para fazer cama ao cafezito. Tudo muito à maneira de casa de pobre: só que em lugar de torresmos ou das espinhas de carapau de gato se mudou um nadita de cartaz.

Na verdade, o desporto sai imaculado desta pepineira toda que anda à solta na nossa terrinha. Nada acontece, a quebrar a paz podre. Nem sequer uma invasãozita de terreno: o que aconteceu no Barreirense-Sangalhos, em basquetebol, foi um mero incidente. Toda a gente a respeitar-se: o facto do Conhé ter mandado umas *bocas* a caluniar o Valegas e a embrulhá-lo em ofensas de todo o tamanho, não tem nada que ser para aqui chamado. O caso de irem onze acompanhantes na bagagem de (apenas) 19 atletas olímpicos, nada tem que se lhe diga, pois parece que até vão a pagar os bilhetes de avião. O caso do sr. António Teixeira, treinador de chuto na bola ao serviço dos pescadores da Póvoa de Varzim, proclamar (alto e em bom som) que, quando estava no Porto, fora *destruído em almoços e jantares oferecidos a alguns homens da Imprensa*, nada belisca o bom nome dos camaradas portugueses: nem sequer obriga o sôr Teixeira a ter de provar o paleio leve. De modos que, embora me saiba bem justificar o «cachet», não contem com prosa para esta semana. No desporto cá da loja, não passa nada. É só saúde.









CINE/PONTO

MACUNAÍMA
de Joaquim Pedro de Andrade
(Brasil-1969)

Senhores, atenção! Se não querem deixar passar um dos mais fascinantes filmes do ano eis a sua oportunidade. Se quiser saber porquê apenas lhe diremos que este é um companheiro de honra dos «Cem anos de solidão», do tropicalismo de Gil e Caetano, do fantástico de Cortázar, dos murais de Siqueiros, de Glauber Rocha, e por aí fora. Chega?

Cinema Quarteto-sala 2
(não acons. amn. 1[illegible] anos)



A HISTÓRIA DE UM PATIFE
de Stan Dragoti
(USA-1972)

Um «western» saudoso de um outro esquema perdido e que é impossível retomar. Reflexo apodrecido de um espelho que a mitologia do cinema guarda. «A história de um patife» não é uma desmistificação mas uma nostalgia e os amantes de Gary Cooper ou do Ford saberão porquê. Filme, por isso, em raiva, em desespero, em solidão.

Cinema Quarteto-sala 1
(interdito a men. 1[illegible] anos)

O GÉNIO DO CRIME
de Robert Fuest
(USA-1974)

O humor como prazer, o fantástico como objecto, tal a razão deste filme de Fuest. Se cada crime é uma obra de arte e o artificialismo do mau gosto um gozo continuado, «O Génio do crime» terá os seus apreciadores naqueles raros que extraem do cinema, antes de tudo, o prazer da representação. Que aqui se assume e exibe, gloriosamente. E Vincent Price é o rei da festa.

Cinema Quarteto-sala 3
(não acons. men. 1[illegible] anos)

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
de João César Monteiro
(Portugal-1975)
Feito para a televisão, este filme que ficou célebre pela mesa-redonda que provocou onde Jesuíno e Pinto Leite debitaram tais barbaridades que não mais se levantaram. Entre Murnau e a esquadra da NATO, César Monteiro faz



uma longa deambulação. Onde se questiona a força que teremos, as dúvidas que ressaltam, a determinação inevitável.

Cinema Universal

O HERÓI DO REGIMENTO
de George Marshall
(USA-1957)
Se Jerry Lewis sempre tivesse ficado nas mãos de um Marshall hoje seria talvez uma apagada recordação. Isso é o que se pode deduzir deste filme bastante pobre, três anos antes de «The Bellboy» e já após «Um espada para Hollywood» e «Pintores e raparigas». O que apenas quer dizer que nem sempre atrás da máquina esteve alguém da estatura de Lewis, que é ainda quem consegue aguentar o filme. Mas não muito.

Cinema Apolo 70
(para todos)

QUO VADIS
de Mervyn Le Roy
(USA-1951)



Cinema português: Quem quer avançar?

Coisas assaz estranhas se passam neste reino. Em matéria de cinema longas e largas crónicas se poderiam escrever para que alguém as decifrasse. Em matéria de cinema português o que se passa é um labirinto minoritáurico tão intrincado que o melhor é, para já, ver como para a conjuntura.
E voltaremos ao assunto, tão certo como 2 e 2 serem 4.
O afloramento do iceberg, ou seja, a forma como os filmes portugueses estão a ser divulgados, é já no entanto merecedor de algumas rápidas considerações.
Estão neste momento em exibição em Lisboa nada menos de cinco filmes, a saber: «O funeral do patrão» de Eduardo Geada (foto acima), «Trás-os-Montes» de António Reis e Margarida Cordeiro, «Que farei eu com esta espada?» de João César Monteiro, «Cântico final» de Manuel Guimarães e «Barronhos — Quem tem medo do Poder Popular?» de Luís Gaspar.
Antes do mais regozijemo-nos com o facto. Não guardo na memória uma tal fartura simultânea. Só que «Trás-os-Montes» fez uma semana no Satélite e foi mandado, como que envergonhadamente, para uma única sessão. Só que os filmes da televisão (os do Geada, do César e do Luís Gaspar) estão numa quase clandestinidade numa sala da resistência, o Universal. Só que nenhum deles tem garantido, de modo nenhum, um circuito pelas cidades e vilas de província ou mesmo, para não irmos mais longe, no Porto (onde após o 25 de Abril uma única fita portuguesa se exibiu).
Cabe perguntar: meus senhores o que é isto? Quando no centro da cidade a «Emmanuelle negra» tem largo cartaz sobre a praça, e o Porto fai vê-la de seguida, quando a legislação repressiva do cinema pornográfico (a merecer também uma longa análise) já saiu, o cinema português continua a ser mantido num estatuto de tolerância face aos grandes monopólios da distribuição imperialista. E não se entrevê legislação que proteja a sua difusão enquanto se assiste a um reforço dos grupos económicos que vendem celulóide como quem vende arroz ou hortaliça.
Vigorosamente, como é? A gente bem queira ser pluralistazinhos, legalistazinhos, ordeirozinhos, como nos diz «quem de direito» mas, abóbora!, isto começa a ser demasiado escandaloso. A quem não convém que o cinema português se difunda, conquiste público, avance na sua relação com o Povo deste país?
Há dois anos à espera, e as estruturas oficiais mudas que nem ratos. E o cinema português não se governa com conciliações e recuos, grupos de trabalho e comissões consultivas, promessas a longo prazo e os mais bolos com que se tem andado a enganar os tolos que temos sido. Quem é que quer avançar?

garfo faca, & companhia

Antes de votar coma no Olho do Cuco

E, sobretudo, nunca diga «no Olho do Cuco não comerei».
O aviso parte do Luís Loureiro e da Mila, o jovem casal que explora o restaurante Olho do Cuco: calçada dos Mestres ½-A, em Campolide.
Este restaurante tem a sua história. Uma história feita ao longo de três anos e que começa quando o Luís, a Mila e os amigos se reúnem, pensam com força, e dão à luz o «Olho do Cuco» (aprovado por unanimidade).
Logo a seguir ao parto, surgem as reacções. Os donos da casa enfrentam o SNI (Secretariado Nacional da Informação) que não acha gracinha nenhuma ao «Olho do Cuco» (que raio de nome!) e aguentam os telefonemas furiosos de quem, por preconceito, afirma que nunca comerá em tal sítio.
O Luís e a Mila não desanimam. Pensam eles que, pelo contrário, é um crime não comer no «Olho do Cuco». Não têm que se envergonhar do nome da casa, e acham até que «quem nunca comeu no «Olho do Cuco» não sabe o que é bom».
Assite-se então à grande arrancada publicitária.
Anúncios nos jornais e na Rádio: «Venha comer aonde é bom, no «Olho do Cuco».
Passava o ano de 1975, e entrava-se pelo «Olho do Cuco» adentro, para comemorar o aniversário da casa. O Luís e a Mila tinham feito o convite: «No Olho do Cuco... DAMOS DUAS!». Foi o fim... Reacções fortíssimas, um pouco por toda a parte.
Mesmo os jornais progressistas rejeitaram o anúncio. Aquela de dar duas no «Olho do Cuco», era demais!
Também o Rádio Clube Português reagiu: o anúncio era ofensivo, provocatório, ordinário, indizível, impróprio, tarado sexual.
A par disto, choveram os telefonemas. Pessoas indignadas perdiam a cabeça e aconselhavam os donos do restaurante a comer no «Olho do Cuco». Eles limitavam-se a responder: «Não queremos outra coisa!».
E, no entanto, havia uma explicação razoável para o convite: no «Olho do Cuco» davam duas, porque a casa fazia dois anos; era por conta do restaurante o aperitivo e, depois da refeição, o bom do Luís arcava ainda com o digestivo. Um convite saudável portanto.
Se o Luís e a Mila jogavam com a mente pornográfica das pessoas, isso é outra história. A verdade é que não há notícia de alguém que tenha comido no «Olho do Cuco» e haja experimentado a sensação de ter sido violentado. Pelo contrário, as pessoas saírem do restaurante gratas pela experiência. Muitos voltam e alguns viciam-se mesmo. Não querem outra coisa.
A casa é pequena. Enche-se com 40 almoços ou jantares. Mas vale a pena esperar pela vez. Primeiro, porque há ali, todos os dias, o bom bife à «Olho do Cuco» e, depois, porque não é todos os dias que se come num sítio assim. O



calor não passa de uma reles ameaça, desfeita nas pás das ventoinhas dinâmicas, e a conversa pode muito bem centrar-se à volta do «Olho do Cuco».
Leve a família, hoje a comer no «Olho do Cuco». O Luís e a Mila, que já tiveram tanta chatice por causa do nome do seu restaurante, recebem-no de braços abertos e de cabrito à padeiro, por saberem que você não é o tipo de preconceitos mesquinhos, e gosta de comer num dos poucos sítios onde vale a pena.
Antes de votar, e para aclarar ideias em «tempo de meditação», como no «Olho do Cuco». É um descanso. Peça a opinião da jovem que o servirá, à mesa ou ao balcão. Ela dá-lhe a ementa dos pratos.

garfo, faca & guitarra

— Cascais
tel. 28 38 64)
Alfredo Marceneiro
Beatriz da Conceição
Zé Parcana
e outros
Colaboração de amadores e artistas convidados.

Na clássica via popular da «canção nacional», o cartaz aqui é valorizado pelas intervenções dos espontâneos. Um convívio mais saudável e mais autêntico, portanto, com o inesperado a aguçar o apetite.

cons. mínimo: 60 esc. e 70 esc. (aos sábados)

Cesária
(R. Gilberto Rola, 20
tel. 66 57 45)
Jorge Braga
Alice do Carmo

cons. mínimo: 73$50 esc.

Estribo Clube
(Casa St.ª Isabel — Est. Birre — Cascais
tel. 28 92 73

Faia
(R. Barroca, 56
tel. 36 93 87)
Lucília do Carmo
Carlos do Carmo
Maria Albertina
Maria do Rosário
Arminda da Conceição
Moniz Trindade

Lucília do Carmo, um dos maiores nomes do cartaz do Fado de ontem e de hoje. Com Alfredo Marceneiro, uma presença exemplar de fidelidade ao tom e valor de uma canção que se tem corrompido por êxitos oportunistas
Uma chamada especial para a execução dos acompanhadores. E para Carlos do Carmo, já se sabe.

cons. mínimo: 115 esc.

Toca do Patrício
(Lg. Pedro J. Gomes Jr., 15 — Sacavém tel. 251 17 23)
Fado Vadio (às sextas e sábados)
sem consumo

Tímpanas
(R. Gilberto Rola, 24
tel. 67 24 31)

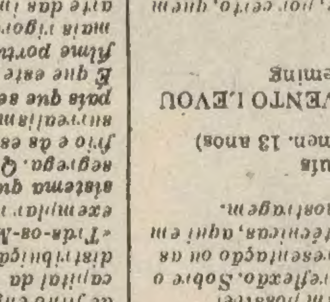


Celeste Maria
Artur Santos
Trio Odemira
Lina Santos
cons. mínimo: 110 esc.

Os anos não mataram, pelos vistos o fascínio. O público acorre a ver os amores de Robert Taylor e Deborah Kerr, no reino feroz de Nero/Ustinov sob um cristianismo nascente. E não sabemos se isso vem de uma qualquer memória adolescente se de uma forma de representação hollywoodiana, o que, neste caso, quer dizer um artificialismo soberbo e fascinante.

Cinema Eden
(não acons men. 13 anos)

O GENDARME EM FÉRIAS
de Jean Girault
(França)



Há quem ria muito com De Funès e os seus esgares em constante apelo à imbecilidade. Pelo que fica dito se percebe que nós não estamos nesse campo.

Cinema Berna
(para todos)

LIZTOMANIA
de Ken Russell
(G. B.-1975)

Por aqui se vê (se confirma), caros amigos, ao que é possível chegar-se quando se passa a vida a olhar o umbigo e a exibir a própria «originalidade». E tanto faz, ao que parece, que o tema seja uma ópera-«rock» como a vida de um escultor ou, neste caso, Franz Liszt contra o maníaco do Richard Wagner, porque o assunto das preocupações do senhor Russell é sempre o mesmo: mostrar-se a si mesmo e, claro, encaixar umas c'roas na passagem.

Cinema Caleidoscópio
(não acons. men. 1[illegible] anos)

CÂNTICO FINAL
de Manuel Guimarães
(Portugal-1974/1975)

Como ponta final de uma carreira é decepcionante. Deve ter-se em conta, porém, que, quando o iniciou, Manuel Guimarães não estava nas melhores condições físicas, tanto que a morte o impedia de completar o filme. Tal serviço foi feito por seu filho Dórdio Guimarães cuja vocação, está expresso, não é bem essa. Um filme português falhado é, no entanto, um possível momento de reflexão. Sobre o estilo de representação ou as deficiências técnicas, aqui em exemplar amostragem.

Cinema S. Luís
(não acons. men. 13 anos)

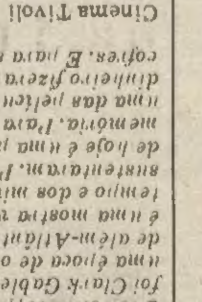
E TUDO O VENTO LEVOU
de Victor Fleming
(USA-1939)

O leitor sabe, por certo, quem foi Clark Gable. E o que foi uma época de ouro do cinema de além-Atlântico. Este filme é uma mostra viva desse tempo e dos mitos que o sustentaram. Para o cinéfilo de hoje é uma parte da memória. Para o financeiro é uma das películas que mais dinheiro fizeram entrar nos cofres. E para si, leitor?

Cinema Tivoli
(não acons. men. 13 anos)

TUDO VAI BEM
de Jean-Luc Godard
e Jean-Pierre Gorin
(França-1972)

Entre o que há para dizer e a resistência que os materiais oferecem a que tal seja dito, a dupla Godard-Gorin fez este filme. Falando de tudo e de



nada, do amor à revolução, dos «mass media» ao sequestro dos patrões, da CGT e do discurso do capital. «Tudo vai bem» falta, no fundo, com os melhores filmes da nossa memória, de si mesmo, das suas contradições e apostas, porque tudo se cria no acto de dizer e aí é que bate o ponto.

Cinema Nimas
(não acons. men. 13 anos)

TRÁS-OS-MONTES
de António Reis e Margarida Martins Cordeiro
(Portugal-1974/76)

Um filme português (talvez um dos maiores de sempre) em vias de ser lançado às feras. Se o leitor se preocupa com estas coisas leia o nosso «destaque» de hoje onde se procura lançar uma chamada de atenção. Posto às 19 h, numa só sessão de filho engeitado pelo grande capital da distribuição/exibição, «Trás-os-Montes» é a exemplar ruptura com o sistema que, evidentemente, o segrega. Que isso se faça a frio e às escâncaras, eis o surrealismo quotidiano de um país que se diz em revolução. É que este filme não é só um filme português, mas uma das mais rigorosas elaborações da arte das imagens e dos sons. Um acto de amor por um povo e por uma cultura. O cinema



que exigimos e quê, pelos vistos, não merecemos.

Cinema Satélite (19h)
(para todos)

Ciclo Western
(Direcção-Geral da Acção Cultural)
Palácio Foz - Bilhetes a 5$00

«Caçadores de escalpes»
Real. de Sydney Pollack
(EUA 1968)
Intérpretes: Burt Lancaster, Shelley Winters e Ossie Davis
Não aconselhável a menores de 13 anos

Sessões: dia 2[illegible], às 15, 1[illegible] e 21 horas

«El Dorado»
Real. de Howard Hawks
(EUA 1966)
Intérpretes: John Wayne e Robert Mitchum
Não aconselhável a menores de 13 naos

Sessões: dia 29, às 15, 1[illegible] e 21 horas

«A Justiça de Jess James»
Real. de Nicholas Ray (EUA 1957)
Intérpretes: Robert Wagner e Jeffrey Hunter
Não aconselhável a menores de 13 anos

Sessões: dia 30; às 15, 1[illegible] e 21 horas.

«Rio sem regresso»
Real. de Otto Preminger
(EUA 1954)
Intérpretes: Marilyn Monroe e Robert Mithcum
Não aconselhável a menores de 13 anos

Sessões: dia 1 de Julho, às 15, 1[illegible] e 21 horas

«Aconteceu no Oeste»
Real. de Sérgio Leone (Itália 196[illegible])
Intérpretes: Claudia Cardinale e Henri Fonda
Não aconselhável a menores de 13 anos

Sessões: dia 2 de Julho, às 15 e às 21 horas.

SATÉLITE
TRÁS-OS-MONTES
de António Reis e Margarida Cordeiro
INTERPRETADO PELOS HABITANTES DE TRÁS-OS-MONTES
Em exibição até 6.ª Feira dia 25 na sessão das 19 horas
50% desconto aos estudantes

ARTE/EXPO

Galeria Kompass
(R. Augusto Santos, 11
tel. 4 16 49)

«Serigrafias portuguesas e brasileiras»

Horário: das 10 às 13 e das 15 às 19h. Aos sábados encerra às 13. Fecha aos domingos.

Grafil
(R. S. Filipe Nery 42-1.º
tel. 65 75 36)

«Gravura, desenho e pintura de António Carmo, Monteiro Gil e Silva Palmeira»

Horário: das 10 às 13 e das 15 às 20 h. Encerra aos domingos.

Galeria 111
(Campo Grande, 113
tel. 76 74 06)

«Exposição colectiva de pintores portugueses»

Horário: das 10 às 13 e das 15 às 19 h. Sábados encerra às 13. Fecha aos domingos.

Ass. Portuguesa de Arte Fotográfica
(R. das Chagas 17
tel. 36 76 59)

«Exposição fotográfica de José Luís Madeira e Celeste Dias Santos»

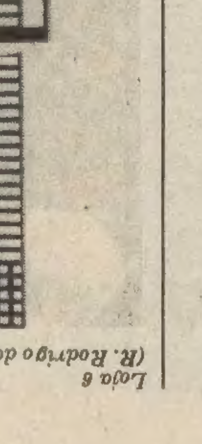
Horário: terça e sexta das 21.30 às 24 h.

Biblioteca Nacional
(Campo Grande
T.7677[illegible]0)

«Figuras e costumes portugueses de estampas da Biblioteca Nacional e exposição comemorativa do 1.º centenário do telefone de Alexandre Bell»

Horário: de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 20 h.

Loja 6
(R. Rodrigo da Fonseca, 51)



A Loja 6 teve a iniciativa de trazer ao conhecimento público peças concebidas por designers representativos de momentos polémicos da história do design, agora reproduzidas pela Cassina-colecção «I MAESTRI», Artek, Gavina e B. D. — Ediciones de Diseno. Esta iniciativa é apoiada no aspecto documental, pelo Núcleo de Design Industrial-INII, e tem como objectivo o aspecto didáctico, dado que contribui para o esclarecimento do público, fomentando o seu espírito crítico e dando-lhe a conhecer a situação cultural, social e económica que está na origem das peças apresentadas.

Pintura portuguesa em Roma



Desde 22 de Junho e até 25 de Julho, a cultura portuguesa está representada em Roma. Por iniciativa do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Secretaria de Estado da Cultura com a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian, S.N.B.A., A.I.C.A. (secção portuguesa) e «Gravura».
Assim, na «Galleria Nazionale D'Arte Moderna» encontra-se patente uma exposição de pintura portuguesa contemporânea com a participação dos artistas Victor Belém, Fernando Calhau, Manuel Cargaleiro, Lurdes de Castro, Bartolomeu Cid, Nikias Skapinakis, Júlio Pomar, Rogério Ribeiro, José Rodrigues e João Vieira.
Se todos os caminhos vão dar a Roma, passe pela Galleria Nazionale D'Arte Moderna — Valle Giulia.



Celeste na trienal

Celeste é o nome de uma jovem artista portuguesa que se estreou em Janeiro deste ano na Galeria do «Jornal de Notícias». No ano de 1972 obteve a carta de curso da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis. Agora está representada na Trienal de Pintura Realista em Sófia (Bulgária). Aliás, a sua temática global enquadra-se nos fins desta Trienal: «Juntar os artistas progressistas que adoptaram uma visão realista da arte e que lutam pelo humanismo, a paz e o progresso social.»
Celeste, estreitamente ligada aos ideais progressistas, à luta contra a opressão colonial, à discriminação racial, exprime através dos seus quadros a posição do artista face ao processo revolucionário. Daí a aceitação dos seus trabalhos para esta Trienal que exige que os quadros propostos «reflitam a realidade vivencial e que exibam uma forma plástica nítida e de grandes qualidades de expressão artística».

Alvalade
(Av. de Roma, tel. 89 74 80)

«3 avelãs para Cinderela» — (M/6)
Realização de Vaclav Vorlicek com Libuse Safrankova, Pavel Travincek e Carola Braunbock
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Apolo 70
(Av. Júlio Dinis 10-A, tel. 76 33 19)

«O Herói do regimento» (M/6) um filme de George Marshall, com Jerry Lewis
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15

Arco Iris
(Portas de Santo Antão, tel. 36 17 00)

Sábado — «O grande ditador» — (M/10)
Domingo — «Os sinos da morte» — (M/18)
Segunda — «Viva Sabata» (M/14)
Terça — «O furacão do karaté» — (M/18)
Sessões: 21.15 h

Avis
(Av. Duque d'Ávila 45, tel. 4 71 63)

«Bobby» (M/13)
um filme de Rajkapoor, com Rishi Kapoor e Dimple Kapadia
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15

Berna
(Av. Marquês de Tomar, tel. 77 60 98)

— «O Gendarme em férias» (M/6) um filme de Jean Girault, com Louis de Funes
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Caleidoscópio
(Campo Grande — Lisboa, tel. 79 41 41)

— «Lisztomania» (M/18) um filme de Ken Russell
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Castil
(R. Castilho — Edifício Castil, tel. 55 58 47)

— «Amor entre menores» (M/18) um filme de R. B. Winston
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15

Cinearte
(L.g. de Santos, tel. 66 04 46)

Sábado e domingo — «Fanny Lady» (M/13)
Segunda e terça — «French connection» (M/18)
Quarta e quinta — «Pecados em família» (M/18)
Sexta — «Com encontro marcado» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

Cinebolso
(R. Actor Taborda 27-B, tel. 57 34 07)

— «Relações escaldantes» (M/18) com Talle Cochrane, Margie Lane e Billy Busy
Sessões: 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

Condes
(Av. da Liberdade 2, tel. 32 25 23)

— «Emmanuelle negra» (M/18) com Emmanuelle e Karin Schubert
Sessões: 14, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Eden
(Pr. dos Restauradores 21, tel. 32 07 68)

— «Quo Vadis» (M/13) com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov e Leo Genn
Sessões: 14.15, 18 e 21.15 h

Estúdio
(Al. Afonso Henriques 35 tel. 55 51 34)



— «Insólito destino» — (M/18) com Giancarlo Giannini e Mariangela Melato
Sessões: 21.15 h
Às 15.30 e 18.30
— «Meia-noite de prazer» — (18)

Estúdio 444
(Av. Defensores de Chaves 83-B, tel. 77 90 95)

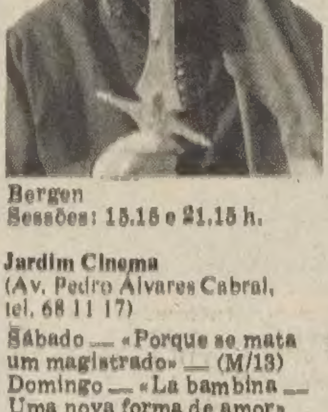
— «Meninas de bem» — (M/18) com Renée Saint e Noel Roquevert
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Império
(Al. Afonso Henriques 35 tel. 55 51 34)

— «Le Mans» (M/6) com Steve McQueen
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15

Europa
(R. Almeida Sousa 35, tel. 66 10 16)

«O Leão e o vento» — (M/13) com Sean Connery e Candice

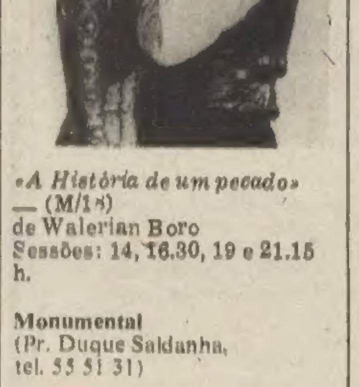


Bergen
Sessões: 15.15 e 21.15 h.

Jardim Cinema
(Av. Pedro Álvares Cabral, tel. 68 11 17)

Sábado — «Porque se mata um magistrado» — (M/13)
Domingo — «La bambina — Uma nova forma de amor» — (M/18)
Segunda — «O ás vale mais» — (M/10)
Terça — «Acto de vingança» — (M/18)
Quarta — «O oportunista» — (M/18)
Sessões: 15.15 e 21.15 h

Londres
(Av. Roma 7-A, tel. 80 13 13)



«*A História de um pecado*» — (M/18)
de Walerian Boro
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h.

Monumental
(Pr. Duque Saldanha, tel. 55 51 31)

«A Estrela» — (M/10)
Um filme de Robert Wise com Julie Andrews.
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h.

Mundial
(R. Martens Ferrão 12-A, tel. 53 87 43)

«Confidências de um lavador de janelas» (M/18)
com Anthony Booth e Linda

Hayden
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15

Nimas
(Av. 5 de Outubro, tel. 57 43 62)

— «Tudo vai bem» — (M/13) com Jane Fonda e Yves Montand
Sessões: 14, 16, 18.45 e 21.15 h

Odeon
(R. Condes 4-2.º, tel. 32 62 83)

— «A minha insaciável cunhadinha» — (M/18) realização de Sérgio Bergonzelli, com Karin Well, Robert Wood, Greta Vaillant e Pupo de Luca
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

Paris
(R. Domingos Sequeira, tel. 66 22 30)

Sábado e domingo — «Mr. Majestyk» (M/18)
Segunda e terça — «Meu nome é ninguém» (M/13)
Sexta — «Torre do Inferno» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

Pathé
(R. Francisco Sanches 152, tel. 82 19 33)

Sábado — «Luta sem tréguas» — (M/18)
Domingo — «Garotas e C.ª» — (M/18)
Terça — «O meu cavalo, a minha pistola a tua viúva» — (M/13)
Sessões: 21.15 h

Politeama
(R. Portas Santo Antão, tel. 32 63 05)

«Os Barbeiros da Sicília» — (M/6)
com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia
Sessões: 14.15, 16.30, 19 e 21.15 h.

Promotora
(Lg. do Calvário, tel. 63 71 80)

Sábado e domingo

— «Onde se meteu a 7.ª Companhia?» — (M/6)
Segunda — «Paulo o quente» — (M/18)
Terça — «O tigre de ouro» — (M/18)
Quarta — «A matriarca» (M/18)
Sessões: 15.15 e 21.15 h

Quarteto
(Av. E. U. América, tel. 77 13 78)

SALA - 1

— «A História de um patife» — (M/18)
Realização de Stan Dragotti

Sessões: 15, 17, 19 e 21 h

SALA - 2

— «Macunaíma» — (18) realização de J. Pedro de Andrade
Sessões: 17, 17 19 e 21 h

SALA - 3

— «O Génio do crime» — (M/18) realização de Robert Fuest
Sessões: 14.45, 17, 19 e 21,30 h

SALA - 4



— «Há lodo no cais» — (M/13) realização de Elia Kazan
Sessões: 15, 17, 19 e 21,15 h

Rocio
(R. Sapateiros 225, tel. 36 98 22)

Sábado — «Irmãos de sangue» — (M/18)
Domingo — «Punhos de aço» — (M/14)
Segunda — «Camorra» — (M/18)
Terça — «Roky Luciano» — (M/18)
Quarta — «O Campeão» — (M/18)
Quinta — «Dois bandoleiros em fuga» — (M/14)
Sexta — «Os punhos mortais de Kung Fung» — (M/14)
Sessões contínuas a partir das 14.30 h.

Roma
(Av. Roma, tel. 72 91 92)



«Loucura sexual» (M/18) um filme de Max Pecas, com Sandra Jullien e Yves Montad
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Roxy
(Av. Almirante Reis 20, tel. 4 85 60)

«Os inocentes de mãos sujas» (M/18) um filme de Claude Chabro, com Romy Schneider
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Royal
(R. Graça 100, tel. 86 50 37)

Sábado e domindo «O Cavaleiro de Alcova» — (M/18)
Segunda — «Anna — aquele particular prazer» — (M/18)
Terça — «Prazeres colectivos» — (M/18)
Quarta — «Histórias de faca e alguidar» — (M/13)
QUINTA — «O Diabo dentro dela» — (M/18)
SEXTA — «O Rally das gozonas» — (M/18)
Sessões: 14.50 e 21.15 h.

S. Jorge
(Av. Liberdade 175, tel. 5 41 51)

— «Abutres na cidade» — (M/18) com Elliot Gould e Robert Blake
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

S. Luís
(R. Ant.º Maria Cardoso tel. 32 71 72)

— «Cântico final» — (M/18) um filme de Manuel Guimarães, com Rui de Carvalho, Manuela Cardo e Varela Silva
Sessões: 18,30 e 21,30 h

Salão Ideal
(R. Loredo 15, tel. 32 41 94)

Sábado — «Meu cavalo, minha pistola, tua viúva» (M/13)
Domingo — «Duelo de punhos» (M/18)
Segunda — «O Terror de Drácula» (M/18)
Terça «O Tigre do Karate» (M/10)
Quarta — «Eva a primeira pedra» (M/18)
Quinta — «Bela, rica, com pequeno defeito físico deseja cavalheiro» (M/18)
Sexta — «A Rainha do Karaté» (M/13)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

Satélite
(Av. Fontes Pereira de Melo 51, tel. 56 26 32)

Trás-os-Montes — (M/13)

Sessões: 15, 17, e 21.15 h.

Sport Lisboa e Benfica
(Av. Gomes Freire, tel. 70 44 14)

Sábado — «Com encontro marcado» — (M/18)
Domingo — «Os cavalos de Valdez» — (M/14)
Terça — «O marquês de Sade» — (M/18)
Sessões: 21.15 h

Star
(Av. Guerra Junqueiro 14-c Tel. 804210)

«Meu irresistível selvagem» (M/6) com Yves Montand e Catherine Deneuve
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15h

Tivoli
(Av. da Liberdade 188, tel. 57 05 95)

— «E Tudo o vento levou» — (M/13) com Clark Gable, Vivien Leigh e Leslie Howard
Sessões: 15 e 21 h

Universal
(R. Beneficência 175, tel. 77 44 02)

«O Funeral do Patrão» — (M/18)
Um filme de Eduardo Geada
Sessões: 15 e 21 h.

Vox
(Av. Fr. Miguel Contreiras Lt. 879, tel. 72 08 08)

«A Vida começa aos vinte anos» (M/13) com Nicole Clurcel e Michel Bouquet
Sessões: 14.15, 16.30, 19 e 21.15h

ARREDORES

Campolide
(Av. Adriano J. Coelho — Sintra, tel. 293 03 94)

Sábado — «Wang Yu o invencível» — (M/18)
Domingo — «Vamos a isto rapazes» — (M/10)
Sessões: 21.15 h

Casino Estoril
(Estoril, tel. 26 45 21)

Sábado, domingo e segunda — «Os dois missionários» (M/6)
Terça, quarta e quinta — «Clube Privado» (M/18)
Sexta — «Paul e Michele» (M/13)
Sessões: 18 e 21.15 h

Chaby
(Av. Chaby Pinheiro — Mem Martins, tel. 291 00 45)

Sábado — «O último desafio» (M/14)
Domingo — «Os Dez Mandamentos» (M/10)
Terça — «A cidade do crime» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Lido
(R. D. João I — Amadora, tel. 93 75 93)

«Funny Lady» (M/13)
Sessões: 21.15 h

D. João V
(Lg. Igreja Damaia, tel. 97 17 94)

Sábado — «Tão amigos que nós eramos» (M/13)
Domingo — «Sopro no coração» (M/18)
Segunda — «Barril de pólvora» (M/14)
Terça — «Anna - Aquele particular prazer» (M/18)
Quinta — «Inocência e turbamento» (M/18)
Sexta — «Tarzoon, a vergonha da selva» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Palácio
(Av. Clotilde — Estoril, tel. 26 01 70)

Sábado e domingo — «Super Flay» (M/18)
Segunda — «A Casa do Parque dos Pesadelos» (M/18)
Terça — «Vida dupla» (M/18)
Quarta — «Semente de tamarindo» (M/13)
Quinta — «Profissão aventureiro» (M/14)
Sexta — «O vigarista» (M/13)
Sessões: 18 e 21.15 h

Popular
(R. Direita — Marvila, tel. 38 16 68)

Sábado — «Salva a tua pele Espírito Santo» — (M/18)
Domingo — «Jerry enfermeiro sem diploma» — (M/10)
Sessões: 21.15 h

Restelo
(Av. Torre de Belém, tel. 61 03 75)
tel. 61 03 75)



Sábado, domingo, segunda e terça
«A Torre do Inferno» — (M/18) -
Sessões: 15.30 e 21.15 h.

caixa do PONTO

TEATRO DA CORNUCÓPIA
(Rua Tenente Raul Cascais, 1-A tel. 661515)

AS MÚSICAS MÁGICAS
de Catherine Dasté

Orientação Cénica: Glicínia Quartin
Intérpretes: Alexandre Passos, Augusto Figueiredo, Gilberto Gonçalves, Jorge Nascimento, Lia Gama, Luís Lima Barreto, Márcia Breia, Orlando Costa e Raquel Maria



Catherine Dasté, neta de Jacques Copeau, filha de Marie-Hélène e de Jan Dasté, sobrinha de Michel Saint-Denis, estudou teatro no Old Vic de Londres e estreou-se como actriz na «Comédie de Saint-Étienne», onde descobriu o teatro para crianças. É hoje assistente permanente da Direcção de Juventude e Desportos e conselheira técnica e pedagógica no Instituto Nacional de Educação Popular. Autora de peças criadas a partir de experiências feitas pelas crianças, Catherine Dasté é uma das maiores especialistas europeias do género. Esteve em Portugal, tendo dirigido em Coimbra um Seminário sobre teatro infantil. Depois da Comuna ter estreado há anos um dos textos de Catherine Dasté, o Teatro da Cornucópia apresenta «As Músicas Mágicas» que, estamos certos, constituirá uma experiência importante no campo do teatro infantil, entre nós, como se sabe, de uma pobreza aflitiva.

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
(Teatro Gil Vicente tel. 280522 — Cascais)

A ÓPERA DE TRÊS VINTÉNS
de Brecht-Weill



Carlos Avilez tentou o impossível: montar uma ópera sem ter cantores nem actores capazes de cantar. O resultado não podia deixar de ser o que foi: uma expriência infeliz. Se teatralmente, há no espectáculo algumas coisas correctas, esta «Ópera» é no seu todo um desastre.

TEATRO ABERTO
(Pr. de Espanha tel. 770969)

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
de Bertold Brecht

Sobre este trabalho, disse um espectador anónimo um comentário que outro anónimo espectador nos trouxe: «ver este espectáculo é um acto revolucionário». Podemos acrescentar que ver este



espectáculo é um acto duplamente revolucionário; porque se trata de um grande espectáculo porque se trata de um espectáculo de uma grande importância política. Não o perca.

VARIEDADES
(Parque Mayer tel. 326037)

EQUS
de Peter Shaffer

Um espectáculo que está a fazer furor no teatro ocidental e que não pegou em Lisboa. Depois da jovem aparecer semitapada, é agora a vez do jovem tapar castamente a sua nudez. Malhas que o Império (da nossa estupidez) tece. No entanto, o espectáculo é menos tolo do que isso, e os seus intérpretes mereciam outra sorte.

ABC
(Parque Mayer tel. 366745)

A VIDA É BOA
de Carlos Godinho

Queriam fazer um texto com humor — fizeram um texto parvo; queriam fazer um texto edificante — fizeram um texto reaccionário. O espectáculo é igualmente parvo e reaccionário.

Experiências almadenses

«A GREVE» — colagem de textos. Encenação e interpretação: Jorge Pinto, Dulce Antunes, Carlos Borralho, Vítor Antunes, Rogério de Carvalho, Henrique Tavares, Carlos Caixado. Técnico de luz: Lourenço Justo. Grupo Teatro de Animação Cultural (Taca). Escola Emídio Navarro, Almada.

Por estranho que pareça é em Almada que desde há anos um amador de teatro — professor de Matemática nas horas vagas — tem vindo a aplicar, com exemplar seriedade, a receita grotowskiana do «teatro pobre». Com alunos das escolas técnicas e simultaneamente com um grupo de jovens seus ex-alunos, Rogério de Carvalho tem criado alguns espectáculos que exprimem preocupações que evidentemente estão nos antípodas das do artista polaco, fazendo-o, porém, através de fórmulas que podemos identificar — com as naturais reservas — à prática de Grotowski, a qual, como se sabe, assenta na importância nuclear do actor e das suas capacidades de expressão.

Este novo espectáculo de Rogério de Carvalho é o primeiro de uma trilogia que pretende ser uma exemplificação dos capítulos mais importantes da história do movimento operário: I — Fase inicial; II — Fase da tomada do poder; III — Fase que se segue à tomada do poder.

Esta 1.ª parte consiste, pois, na fase inicial — trata-se da tentativa de criar imagens sonoras e visuais que nos transmitam as causas e os efeitos de uma greve reprimida com violência, acção enquadrada por uma exposição mais longa em que vemos como as forças capitalistas e burguesas manipulam os trabalhadores. Sátira à sociedade de consumo, este longo quadro surge em oposição aos quadros dramáticos em que nos são mostrados os fios condutores da greve e da sua repressão. E através do jogo dos corpos, da movimentação (os actores ocupam todo o espaço que constantemente percorrem), dos gestos e dos registos vocais, e de alguns adereços inteligentemente aproveitados, que nos são transmitidas as imagens da realidade que se quer denunciar.

O que mais nos surpreende nos espectáculos dirigidos por Rogério de Carvalho é a possibilidade que ele revela em arrancar dos seus actores fantásticas capacidades de energia — tanto corporal como vocal —, formidáveis capacidades de entrega a um exercício que exige um empenho físico e uma tensão psíquica bastante razoáveis. Sobre a qualidade do rendimento obtido, diremos apenas que ouvir Dulce Antunes evocar o tempo em que em criança vivia numa casa feita de lama vermelha, com uma voz onde habita toda a amargura dos «homens que nunca foram meninos», enquanto as mãos da jovem se erguem lentamente num gesto cheio de ternura, é assistir a um momento de grande teatro.

Os espectáculos criados por Rogério de Carvalho, com os seus actores, situam-se à margem do teatro português, tanto profissional como amador. São espectáculos únicos, com uma estética que lhes é própria, embora sofrendo influências, e sem abdicarem de um forte sentido interveniente, que aliás já existia antes do 25 de Abril (em que Rogério de Carvalho dirigia espectáculos mais ou menos clandestinos). Espectáculos marginais que não podem servir de modelo, constituem um outro registo do nosso teatro.

PONTO, contra PONTO

Cooperativa AR-CO
Dia 26, às 21.30h.

MÚSICA DE CÂMARA

Obras de Debussy, Mozart e Haydn
Quinteto Varia
(flauta, harpa e trio de cordas)

Estreia de um novo agrupamento de câmara, constituído por alguns dos nossos melhores solistas.

SETÚBAL
Câmara Municipal
Dia 26, às 21.30h.

JAZZ

Conjunto «Plexus».



FARO
Conservatório
Dia 26, às 21.30h.

JAZZ

RÃO-KYAO
(trio)

FUNDÃO
Dia 26, às 21.30h.

RECITAL DE VIOLONCELO E PIANO



Schumann, Debussy, Freitas Branco, Lopes Graça

Violoncelo: Maria José Falcão
Piano: Olga Prats

A boa música portuguesa contemporânea. Um grande clássico do século XX. Um expoente do romantismo alemão. Programa bem organizado, do ponto de vista cultural, e bem servido pelas qualidades dos intérpretes.

ÉVORA
Palácio D. Manuel
Dia 27, às 21.30h.

MÚSICA MEDIEVAL E RENASCENTISTA

Os Segréis de Lisboa

Um conjunto de artistas que põe a sua inteligência e imaginação ao serviço da redescoberta do mais antigo património musical da civilização europeia. Música antiga com renovada função social.

S. CARLOS
Dia 29, às 21.00h.

ÓPERA

Mozart:
«Thamos, Rei do Egipto»

«O Empresário»

Intérpretes:
Elisette Bayan, Helena Pina-Manique, Álvaro Malta, Vasco Gil, Fernando Serafim
Coro e Orquestra do Teatro de S. Carlos
Direcção: Álvaro Cassuto



Descentralização da cultura musical

Destoando da onda de demagogia e improvisação que está a instalar-se em diversas instituições musicais, há que reconhecer o acerto da orientação do Ministério da Comunicação Social, ao assumir a responsabilidade de programar concertos em diversas cidades do País, até agora privadas de uma «vida musical» regular.

Durante o corrente mês, realizaram-se dezenas de concertos na província, acção divulgadora esta que, a prosseguir representará a primeira tomada de consciência, por parte de entidades oficiais, da necessidade de criar condições para uma descentralização permanente das actividades musicais.

Os aspectos positivos a salientar são os seguintes: a) estímulo aos solistas e agrupamentos de câmara portugueses, que assim são chamados a desempenhar uma efectiva função social e que assim podem valorizar continuamente as suas próprias capacidades artísticas; b) estímulo à divulgação da nossa música antiga e moderna, ao trabalho dos nossos actuais compositores; c) recusa do «sensacionalismo» e da baixa qualidade, condições que só gente pouco esclarecida em questões de cultura e arte pode tomar como indispensável ao início de um processo de democratização e descentralização cultural.

Concertos em Lisboa (na AR-CO), Setúbal, Faro, Fundão e Évora.

O Teatro de S. Carlos repõe em cena certas obras dramáticas de Mozart, de carácter lúbrico, a meio caminho entre o teatro com música de cena e a ópera, ou talvez, neste caso, o «Singspiel».

S. LUÍS
Dia 1, às 19.00h.

CONCERTO SINFÓNICO

Ruy Coelho:
«Sinfonia Camoneana n.º 2»

Gerschwin:



«Concerto em fá»

«Rapsódia in blue»

Piano: Maria Littauer
Orquestra Sinfónica da Radiodifusão
Direcção: Álvaro Cassuto

Uma velha linha de orientação, bastante discutível e muito contestada no nosso meio musical, revive na época de Verão dos concertos da Radiodifusão Portuguesa. Este concerto — o segundo da série — dá o tom.

FARO
Conservatório Regional
Dia 3, às 21.30h.

RECITAL DE VIOLONCELO E PIANO

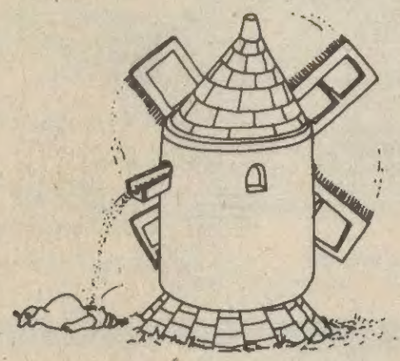
Piano: Olga Prats
Violoncelo: Maria José Falcão

(mesmo programa do dia 26)



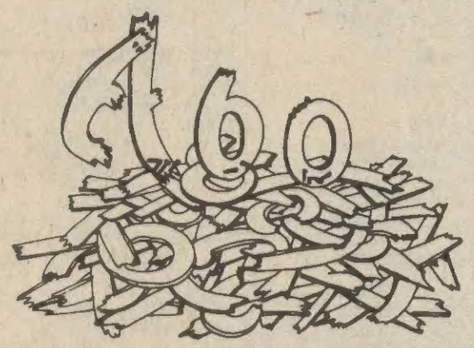
INTERVALO

Moa o juízo



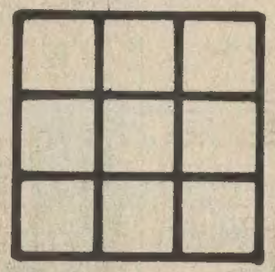
Um moleiro tem o hábito de cobrar um décimo da farinha moída como preço do seu trabalho. Para entregar 72 quilos de farinha, quanto é que deve moer?

Gastar seis aos 100



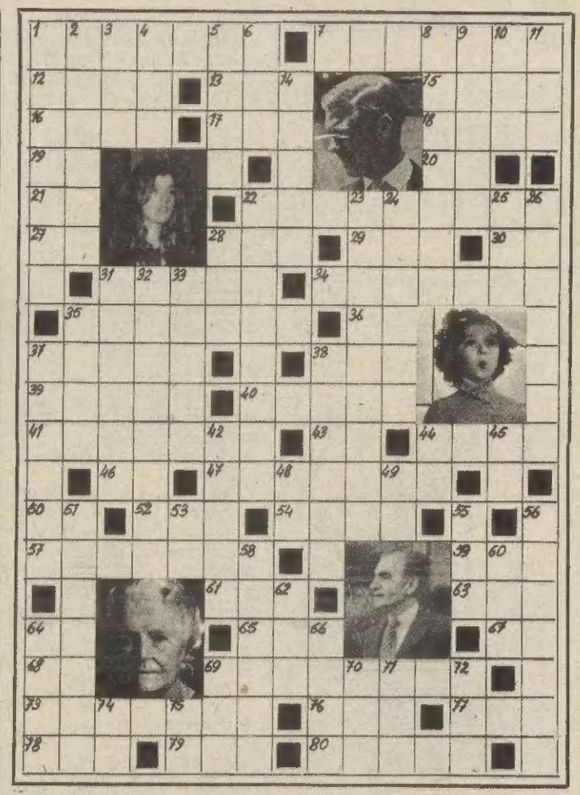
Quantas vezes é que se utiliza o algarismo 6 para escrever todos os números entre 1 e 100?

Um golpe de geometria



Dispostos assim, oito segmentos iguais formam 14 quadrados: nove pequenos, quatro médios e um grande.
É capaz de reagrupar os oitos segmentos para conseguir, de uma única vez, dois quadrados (um grande e um pequeno) e 24 triângulos isósceles: 12 pequenos, oito médios e quatro grandes?

Solução na pág. 23



HORIZONTAIS:

1/22-É inglesa e tem 89 anos esta senhora que se dedica a obras de caridade. Foi mulher do famoso Winston Churchill; 7-Municípios; 12-Cidade da Holanda; 13-Lírio; 15-Falta de cabelo; 16-Pronome demonstrativo; 17-Patrão; 18-Destro; 19-Reis; 20-Sódio (s.q); 21-Entre aquela gente; 27-Érbio (s.q); 28-Estilo (fig); 29-Ena!; 30-O mesmo que uma (ant e pop); 31-Irritar (fig); 34-Atormentar; 35-Silenciosos; 36-Campeão; 37-Moeda de prata espanhola; 38-Desejo; 39-Freguesia do concelho da Covilhã; 40-Manas; 41-Cidade dos Estados Unidos; 43-Ataque de paralisia; 44/73-Imperador da Pérsia, marido de Farah Diba e pai de Alí Reza e Farahnaz; 46-Sufixo que designa estado; 47-Pisara aos pés; 50-Cotão; 52-Terceiro; 54-Uma das mais antigas divindades da Índia, deus da justiça e da morte; 57-Foi o protagonista do Chamado «romance deste século» e teve o título de duque de Windsor; 59-Preposição; 61-Nome de letra; 63-Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica; 64-Centiare; 65-Ilha do estado da Baía; 67-Prefixo de privação; 68-Quarto; 69-Efeminaria; 76-Olé; 77-Código; 78-Espádua; 79-Mercado público no Oriente; 80-Tremor de terra.

VERTICAIS:

1/37-A criança americana que mais dinheiro ganhou no cinema. Aos 10 anos a sua fortuna ultrapassava o milhão de dólares; 2-Atravessar; 3-Aqui está; 4-Recusa; 5-Prender com elos; 6-Víscera dupla; 9-Preparas; 9-Borrifai; 10-Genro de Maomé; 11-Ilha do arquipélato de Cabo Verde; 14-Devaneio (fig); 22/56-Diz-se que entrará brevemente no convento do Bon Sauveur esta jovem americana filha de um presidente já falecido; 23-Revestiram; 24-Zelosos; 25-Nome de planeta; 26-Soltara; 29-Madeira; 31-Estacionado; 32-Refutaria; 33-Leitos; 35-Rosto; 39-Dar massagens a; 42-Género de insectos da família dos escaravelhos; 44-Nome que os Egípcios davam ao Sol; 45-Letra do alfabeto árabe; 49-Vi; 49-Rádio (s.q); 51-Transferiam para outro dia; 53-Distar; 55-Progenitor; 59-Semelhante a uma serpente; 60-Corda de reboque; 62-Eia!; 64-Pau; 66-Donos da casa em relação aos criados; 69-Antiga capital da Birmânia; 70-Um dos nomes do filho do Xá da Pérsia; 71-Freguesia do concelho de Penafiel; 72-Ferro temperado; 74-Associação ou confraria cristã na Índia; 75-Actínio (s.q).

Solução na pág. 23

GIRA-DISCO

Robin Trower: a força do rock

Heavy Rock! Violência! Técnica! Imaginação! Loucura!
Isto, e muito mais, caracteriza este excêntrico músico britânico, que extrai das suas guitarras, pedais eléctricos, dos seus amplificadores e da sua imaginação criativa, uma sonoridade que o identifica e evidencia na cena do rock.
Começou por fazer parte do grupo «The Paramounts» juntamente com Gary Brooker, e com o qual viria a formar os «Procol Harum». Extremamente condicionado como músico, Trower forma o grupo «Jude» com Frankie Miller (vocais) com o baixo James Dewar (ex-Stone the Crows) e o baterista Clive Bunker (ex-Jethro Tull). Contudo, ele não conseguia, ainda, fazer a música que desejava, motivo que o levou a abandonar o grupo. Forma então um trio juntamente com Jemes Dewar e com o baterista Reg Isidore, gravando os LP's «Twice Removed from Yesterday» J(1972) e «Bridge of Sighs» (1973) trabalhos que nos dão uma ideia daquilo que ele pretende fazer realmente.
Com a saída do segundo trabalho, Reg Isidore abandona o agrupamento, sendo substituído por Bill Lordan, baterista que tinha na sua «folha de serviços» quatro anos com o grupo «Gypsy» e um ano com Sly and the Family Stone, o que lhe deu um enorme à vontade e uma perfeita integração no Trower Band.
«For Earth Below» (1975) é um trabalho, ao qual eu já me referi e que nos mostra uma nova fase do grupo. Os efeitos



das violas e dos vocais encontram-se muito mais explorados; embora sem atingir a imaginação e a loucura musical de Hendrix ele lembra muitas vezes o estilo inconfundível de Jimi.
«Robin Trower Live» (1976) é o testemunho de uma actuação ao vivo deste grupo. Tal como se imaginava, através dos seus trabalhos em estúdio, Trower põe toda a alma no seu trabalho quando se encontra perante o público. Da união dos temas escritos, com o sentimento momentâneo dos músicos, e por sua vez com a reacção do público resulta um rock cheio de força, vibrante e extraordinariamente bem concebido.
Os três músicos têm um trabalho perfeito, Dewar realça-se nas vozes. Bill Lorden, na bateria, está ao nível da música do grupo, salientando-se por exemplo, no seu impecável solo no tema «Alethea». Trower faz um trabalho impressionante. Extremamente difícil, o seu jogo resulta em cheio; passa das sequências de temas para os «solos» sem deixar nenhum vazio musical.
Trabalho francamente válido que exige e justifica uma audição atenta e cuidada. Espero, contudo, que o êxito que começa a atingir junto do público não o afaste da integridade da sua música actual.

